

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS  
EM INGLÊS

OSVANDO DE MELO MARQUES

**SIGNIFICANTES E (RES)SIGNIFICADOS: LETRAMENTO E TRAUMA  
CULTURAL CHICANO EM *UNDER THE FEET OF JESUS* (1995), DE HELENA  
MARÍA VIRAMONTES**

-Versão Corrigida-

SÃO PAULO

2020

OSVANDO DE MELO MARQUES

SIGNIFICANTES E (RES)SIGNIFICADOS: LETRAMENTO E TRAUMA CULTURAL  
CHICANO EM *UNDER THE FEET OF JESUS* (1995), DE HELENA MARÍA  
VIRAMONTES

-Versão Corrigida-

Dissertação apresentada ao Departamento de  
Letras Modernas da Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de  
São Paulo para obtenção do título de Mestre em  
Letras.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos e  
Literários em Inglês

Orientadora: Profa. Dra. Laura Patrícia Zuntini  
de Izarra

São Paulo  
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M357s Marques, Osvando de Melo  
Significantes e (res)significados: letramento e trauma cultural chicano em *Under the Feet of Jesus* (1995), de Helena María Viramontes / Osvando de Melo Marques ; orientadora Laura Patrícia Zuntini de Izarra. - São Paulo, 2020.  
147 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos Linguísticos e Literários em Inglês.

1. Literatura chicana. 2. Helena María Viramontes. 3. Letramento. 4. Trauma cultural. 5. *Under the feet of Jesus*. I. de Izarra, Laura Patrícia Zuntini, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE****Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Osvando de Melo Marques****Data da defesa: 02/04/2020****Nome do Prof. (a) orientador (a): Profa. Dra. Laura Patrícia Zuntini de Izarra**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 02/06/2020

---

Laura P. Z. Izarra

Nome: MARQUES, Osvando de Melo

Título: Significantes e (Res)significados: letramento e trauma cultural chicano em *Under the Feet of Jesus* (1995), de Helena María Viramontes

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos e Literários em Inglês.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora

Profa. Dra. Laura Patrícia Zuntini de Izarra

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Mariana Bolfarine

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Maria Sílvia Betti

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Michela Rosa di Candia

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Aos meus pais, Jair (*in memoriam*) e Nilsa.

À minha esposa, Alexandra.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, a saúde e o ânimo.

À Profa. Dra. Laura Patrícia Zuntini de Izarra, não somente por orientar meu trabalho com seu amplo conhecimento, mas também por me inspirar com a coerência e o vigor de sua prática acadêmica, por ampliar minha visão de estudante e professor, e me estimular à pesquisa.

À Profa. Dra. Maria Sílvia Betti e ao Prof. Dr. Marcos César de Paula Soares, pelas contribuições relevantes na banca de qualificação.

Ao corpo docente e à equipe técnico-administrativa do Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, da USP.

Ao Prof. Dr. David King Dunaway, da Universidade do Novo México, EUA, pelas sugestões de filmes, documentários e livros sobre a literatura chicana, e por compartilhar comigo sua visão sobre letramento.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), pela licença concedida para a realização desta pesquisa.

Aos meus pais, Jair e Nilsa Maria. Ele, sem ter sido alfabetizado, soube ler criticamente o seu mundo e me deixou exemplos concretos de tantas outras formas válidas de conhecimento além do acadêmico. Ela, professora primária, desde sempre me encoraja a acreditar no valor do letramento e em meu potencial para transpor obstáculos, conciliando palavra e prática. Por confiar em mim, por orar por mim e me ajudar a crescer, obrigado, mãe!

À minha esposa, Alexandra, por ter sido minha maior interlocutora durante a realização deste trabalho, dando valiosas contribuições à minha leitura do romance. Pela paciência e pelo estímulo que me deu, obrigado, amor!

Ao meu irmão, Adriano, e ao meu sobrinho, Thierry Henrique, pelo encorajamento.

A Maria Cristina, pela alegria da amizade.

Aos membros do grupo de pesquisa Narrativas Literárias e Identidades nos Espaços Diaspóricos de Língua Inglesa, em especial à Eda Nagayama, pelo interesse em minha pesquisa e as valiosas sugestões.

À Mirella, pela revisão.

À Associação Brasileira de Professores de Língua Inglesa da Rede Federal de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, especialmente ao Prof. Dr. Gisvaldo Araújo Silva.

Às minhas alunas e aos meus alunos do IFTM, câmpus Patos de Minas e Uberlândia.

À equipe de linguagens do IFTM, em especial à Liana.

À autora Helena María Viramontes, por acreditar no papel político da literatura e nos entregar um romance tão provocador como *Under the Feet of Jesus*. Por ser uma escritora chicana que luta pela dignidade do seu povo, dando exemplo de resistência e humanidade.

À *Virgen de Guadalupe*.



*[N]inguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais... Não é possível o diálogo entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. (FREIRE, 2011, p. 109)*

*Fiction is my jugular. For me it is a great consolation to know that whatever miserable things happen in my lifetime, goodness will inevitably result because I will write about it. There is strength in this when none is left in the soul. (VIRAMONTES, 1989, p. 33)*

## RESUMO

O presente trabalho propõe uma leitura da temática do letramento e do trauma cultural no romance *Under the Feet of Jesus* (1995), da autora chicana Helena María Viramontes. Num primeiro momento, nosso estudo se concentra na especificidade de letramento que o romance retrata como força capaz de engendrar mudança social: o letramento completo, que ultrapassa a mera técnica de decodificar e codificar a escrita, despertando a consciência do indivíduo e impulsionando-o a ressignificar seu mundo. Analisamos o processo de aquisição dessa consciência via linguagem pela protagonista Estrella, discutindo também a importância das relações interpessoais para o desenvolvimento da sua agência. Em um segundo momento, traçamos um histórico da formação da etnia chicana a partir da anexação do Texas e da conquista do território mexicano pelos Estados Unidos, no séc. XIX, apontando os traumas presentes nessa história, desde então. Observamos como tais traumas adquirem uma dimensão cultural a partir do Renascimento Chicano impulsionado pelo *Movimiento* dos anos 1960. Embasados em conceituações teóricas do trauma cultural, discutimos como as personagens lidam com as experiências traumáticas e verificamos que somente Estrella, ao alcançar agência por meio do letramento, é capaz de ressignificar sua história. Concluimos que Estrella é o epítome de toda a etnia chicana e que a ressignificação do trauma que consegue empreender na história ficcional sinaliza a possibilidade e a necessidade de um novo revigoramento dessa comunidade étnica na história real, o que somente é possível por meio de um letramento que conduza a consciência à ação.

Palavras-chave: literatura chicana, letramento, trauma cultural, consciência crítica, agência, ressignificação

## ABSTRACT

The purpose of this thesis is to examine the themes of literacy and cultural trauma as they are portrayed in the novel *Under the Feet of Jesus* (1995), by the Chicana author Helena María Viramontes. Firstly, I focus my study on the specificity of literacy that the story portrays as a force capable of triggering social change, namely, complete literacy, which goes beyond the mere technique of decoding and coding script, since it awakens the individual's awareness and makes it possible for him or her to reframe the world. I carry out an analysis of the acquisition of critical awareness by the protagonist Estrella, and I also discuss the importance of interpersonal relationships for the development of her agency. Secondly, I present a succinct history of the formation of the Chicana ethnicity from the annexation of Texas and the conquest of Mexican territory by the United States, in the 19th century, and I point out the traumas permeating this history, since then. Additionally, I discuss how such traumas acquired a cultural dimension during the Chicano Renaissance propelled by the *Movimiento* in the 1960s. Based on theoretical concepts of cultural trauma, I discuss how the characters in *Under the Feet of Jesus* cope with traumatic experiences, and I show that only Estrella, upon reaching agency through complete literacy, is capable of resignifying history. Finally, I argue that Estrella is the epitome of the entire Chicana ethnicity, and that the resignification of trauma she carries out in the fictional world is indicative of the need for a reinvigoration of her ethnic community in the real world, which is only possible through a kind of literacy that conjugates awareness and action.

Keywords: Chicana/o literature, literacy, cultural trauma, critical awareness, agency, resignification

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
QI	Quociente de Inteligência
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
WASP	<i>White, Anglo-Saxon, Protestant</i>

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Território mexicano incorporado aos Estados Unidos .....	5
Figura 2 – A Mão da América, de Oscar Niemeyer .....	50
Figura 3 – Rótulo da cooperativa Sun-Maid .....	87
Figura 4 – Pôster Sun-Maid, de Ester Hernandez .....	87
Figura 5 - O processo de ressignificação do trauma cultural de Estrella.....	126

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
Chicano é raça. ¡Viva la raza!.....	04
Literatura chicana e(m) Movimento.....	11
¡Sí, se puede! – Helena María Viramontes e sua literatura de resistência.....	18
1. HISTÓRIA E FICÇÃO: CONFLUÊNCIAS NAS ENTRELINHAS.....	33
1.1 Na trama do trauma: desdobramentos históricos.....	33
1.2 MEXendo na ferida.....	50
2. A REPRESENTAÇÃO DO LETRAMENTO EM <i>UNDER THE FEET OF JESUS</i> .....	58
2.1 Letramento em perspectiva literária.....	58
2.2 Letramento: significante e significado(s).....	61
2.3 Entre a letra e a ferramenta: o percurso do letramento de Estrella.....	65
2.4 Provocações discursivas em <i>Under the Feet of Jesus</i> : ressignificando escrita e leitura.....	90
3. ALÉM DO SIGNO: A REPRESENTAÇÃO DO TRAUMA CHICANO NO ROMANCE..	95
3.1 Expandindo conceitos.....	95
3.2 Resignação como obstáculo à ressignificação: entre nomes e crenças.....	104
3.3 A ira das vinhas: a consciência e resistência de Estrella.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS.....	127
ANEXO I.....	134

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como eixo temático a literatura chicana e apresenta uma leitura do romance *Under the Feet of Jesus* (1995), da autora Helena María Viramontes. a partir de uma ótica que percebe nessa obra a coadunação de dois temas: o trauma cultural chicano e o letramento. Como discutiremos a seguir, a literatura chicana refere-se, especificamente, ao conjunto de produções realizadas por chicanas e chicanos,<sup>1</sup> que não são nem mexicanos nem estadunidenses, mas uma simbiose dessas duas culturas, com identidade própria, sendo a valorização da raiz étnica indígena uma das suas principais características.

O povo chicano, que se constituiu historicamente a partir de três atos políticos arbitrários – a anexação do Texas pelos Estados Unidos (1845), a “cessão” de uma imensa parte territorial do Norte mexicano àquele país (1848) e a aquisição final de mais território mexicano pelos Estados Unidos (1854) – é um povo marcado por múltiplas experiências traumáticas, as quais adquiriram uma dimensão de trauma cultural com o renascimento artístico que o Movimento Chicano propulsionou, conforme veremos adiante. O letramento, tomado em sua dimensão política, como postura crítica do indivíduo perante sua sociedade (FREIRE, 2011; FREIRE;

---

<sup>1</sup> Estamos conscientes do argumento segundo o qual as marcas morfossintáticas e fonológicas da língua portuguesa, no tocante à indicação de gênero, podem contribuir para a perpetuação do binarismo social em que o masculino seja prevalente. Assim como já é costume o uso da marca de feminino entre parênteses, como em **latino(a)**, ou até mesmo a utilização de barra oblíqua, como em **latino/a**, há hoje uma grande incidência de usos de outras formas ditas mais inclusivas, como *latinx*, *latin@* e *latine*. Esse argumento e essa tentativa de reconfiguração do sistema linguístico no tocante ao uso do gênero gramatical são pujantes também (com relação ao espanhol) no discurso chicano, especialmente no de orientação feminista e no concernente a identidade de gênero (assim como em outras línguas, especialmente quando a respectiva língua apresenta essa marcação). Respeitando opiniões divergentes, acreditamos que essas formas inovadoras entendidas como mais inclusivas não são viáveis, dadas, por exemplo, a impronunciabilidade das mesmas e a confusão morfossintática que podem gerar na escrita. Ademais, é nossa convicção que o gênero de uma palavra não tem, necessariamente, relação com o gênero de um ser. Endossamos o que postulam estudiosos como Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1972) e Sírio Possenti (2009, 2011, 2012), segundo os quais, em um sistema linguístico de dois gêneros (como o português e o espanhol) um deles (no caso dessas duas línguas, o masculino) é não marcado e serve como gênero inclusivo. Ainda assim, e apesar de esta dissertação não estar diretamente alinhada com a pauta feminista ou com questões atinentes a gênero, tentaremos, neste trabalho, utilizar paralelamente os dois gêneros existentes no português ou empregar palavras que não possibilitam a interpretação de referência apenas ao masculino. Trata-se de um gesto nosso de respeito e apoio às pessoas que defendem o argumento da exclusão social por meio do gênero gramatical, argumento este com o qual não concordamos inteiramente, mas que, por outro lado, julgamos de total pertinência a este trabalho, uma vez que o romance em estudo foi escrito por uma autora feminista e é protagonizado por uma personagem feminina, que, como veremos, pode ser entendida como epítome do povo chicano como um todo. A teórica feminista chicana Paula Moya, em conversa que tivemos por e-mail em 2018, esclarece que o uso prioritário que ela faz do gênero feminino em seus textos escritos em inglês tem a intenção de “reparar um desequilíbrio histórico em que o [gênero] masculino foi [...] usado para designar a pessoa ‘padrão’ – embora, na verdade, os homens não sejam mais padrão que [outras pessoas]. Assim, a intenção [...] é questionar, (na dimensão da gramática), o fato de que o gênero não é uma construção neutra, mas sempre afeta a experiência de uma pessoa de estar no mundo”. Em que pese nossa tentativa de uso vocabular explicitamente mais inclusivo, a leitora e o leitor perceberão, em certas passagens, o emprego do chamado masculino genérico, por julgarmos propiciar uma maior fluidez de leitura. Desculpamo-nos de eventuais sentimentos de exclusão por parte de quem perceber o uso desse gênero como tendencioso e excludente, o que não é, absolutamente, nossa intenção.

MACEDO, 1990), torna-se de salutar importância para ultrapassar as barreiras impostas por esse trauma. Assim, esperamos, ao final deste trabalho, ter propiciado, à leitora e ao leitor, vislumbrar, no romance de Helena María Viramontes, a fundamental correlação entre letramento e ressignificação do trauma cultural chicano.

Esta dissertação tem como público-alvo pesquisadoras e pesquisadores da área de estudos literários pós-coloniais e decoloniais, particularmente os que buscam questionar o *establishment* do cânone estadunidense contemporâneo. Destinamos também nosso trabalho a todas as pessoas que estudam sobre o letramento e o trauma cultural, em especial no que diz respeito a suas imbricações representadas na literatura de grupos não hegemônicos.

Nosso trabalho está estruturado da seguinte maneira: ainda neste preâmbulo, discorreremos acerca da etnia chicana, sua formação histórica e sua literatura, bem como apresentaremos a autora Helena María Viramontes, o romance em estudo e sua respectiva fortuna crítica. Exporemos também nossas perguntas de pesquisa e nossa hipótese.

No primeiro capítulo, discutiremos como a história se encontra representada em *Under the Feet of Jesus*. Conforme veremos, apesar de o romance não estar centralizado em questões históricas específicas, o *modus vivendi* das trabalhadoras e dos trabalhadores rurais de ascendência mexicana retratado na obra refere-se claramente à condição histórica desses indivíduos dentro dos limites geopolíticos estadunidenses, condição esta caracterizada por acontecimentos traumáticos em diversas instâncias sociais, especialmente, no que concerne ao romance em foco, no âmbito da educação e da saúde.

Analisaremos, em nosso segundo capítulo, o processo de letramento da protagonista Estrella, discutindo a relação que o romance faz entre letramento e agência. Serão também levadas em conta, nesse capítulo, questões formais e discursivas da obra que desafiam a escrita e a leitura tradicionais que se tende a fazer de um romance e que interpelam a leitora e o leitor a ressignificar o seu próprio ato de ler.

Em nosso terceiro capítulo, expandiremos o conceito de trauma cultural e analisaremos a sua representação na obra, detendo-nos na simbologia dos nomes das personagens e discutindo como cada uma delas, à sua maneira, lida com a condição traumática. Constataremos que *Under the Feet of Jesus* deixa clara a importância tanto da leitura crítica da realidade histórica quanto da agência para que a comunidade chicana alcance a validação e a valorização de sua identidade na sociedade estadunidense e possa ter parte, de forma mais equitativa, nos bens sociais do grupo majoritário, ressignificando, desse modo, o seu trauma cultural.



Por fim, em nossa conclusão, registraremos nossas reflexões finais acerca da correlação entre letramento e ressignificação do trauma cultural que o romance em estudo nos permite fazer.

## Chicano é raça. ¡Viva la raza!

“La raza! Méjicano! Español! Latino! Chicano! Or  
whatever I call myself,  
I look the same  
I feel the same  
I cry and sing the same.  
I am the masses of my people and  
I refuse to be absorbed.  
I am Joaquín.”

(GONZALEZ, *I am Joaquín*)

*La raza* foi uma expressão amplamente empregada pelo povo chicano nas décadas de 1960 e 70, no ímpeto do Movimento Chicano<sup>2</sup>, também conhecido como *El Movimiento*. Essa onda de manifestações e protestos, um desdobramento do Movimento dos Direitos Civis, teve seu auge nesse período, e seu maior objetivo, à semelhança do Movimento *Black Power*, era garantir maior equidade social, a partir de reivindicações feitas por e para diversos segmentos socioculturais chicanos sub-representados na sociedade estadunidense. A expressão foi o título de um jornal publicado em Los Angeles, de 1967 a 1977, com o objetivo de propagar a voz do Movimento. É uma expressão utilizada até os dias de hoje, sobretudo por chicanas e chicanos politicamente engajados, quer pela arte, quer por outras instâncias. *La raza* (a raça<sup>3</sup>) refere-se ao povo chicano de modo geral; embutido na expressão, está o orgulho de ser chicano.

Importa perguntar-nos o que, exatamente, significa ser chicano. Para um melhor entendimento do termo, devemos considerar como se deu a constituição histórica da etnia chicana. É preciso observar que o povo chicano era povo mexicano e passou a ser,

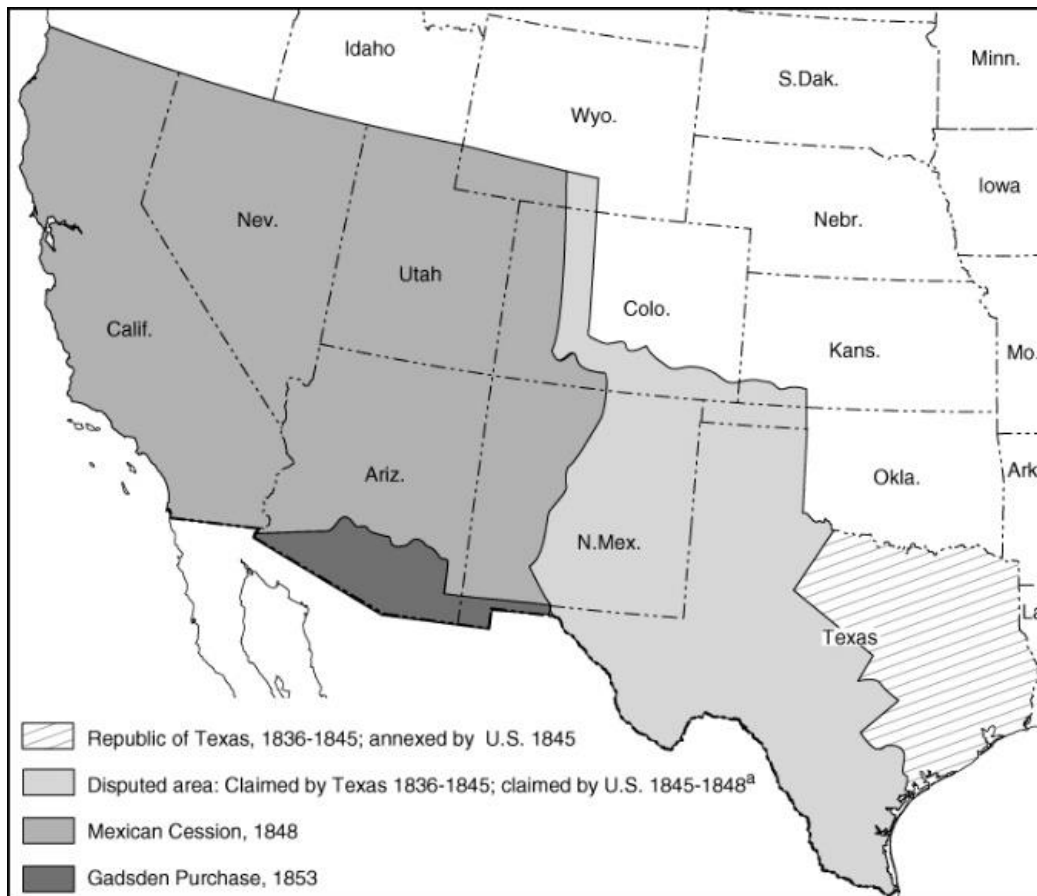
<sup>2</sup> Protagonizado pela população mexicano-americana (chicana), o Movimento Chicano, também conhecido por *El Movimiento*, foi uma ampla mobilização sociopolítica e cultural, nos Estados Unidos, que teve seu auge nas décadas de 1960 e 70, no ímpeto do *Civil Rights Movement* (Movimento dos Direitos Civis da População Africano-americana). O *Movimiento* tinha objetivos específicos variados, de acordo com a localização, mas seu objetivo geral era pôr fim às discriminações e aos estereótipos negativos contra as pessoas mexicano-americanas, garantindo e expandindo os direitos das trabalhadoras e dos trabalhadores, como, por exemplo, o direito ao voto, à equidade na educação e ao uso da terra. Há uma vasta bibliografia sobre o *Movimiento*. A título de exemplo, mencionamos: ACUÑA, R. F. *Occupied America: A History of Chicanos*. New York: Pearson, 2015; MEIER, M. S.; RIBERA, F. *Mexican Americans/American Mexicans: From Conquistadors to Chicanos*. New York: Hill & Wang, 1993; MONTROYA, M. *Chicano Movement for Beginners*. Danbury: For Beginners LLC, 2016; VIGIL, J. D. *From Indians to Chicanos*. Long Grove: Waveland Press Inc., 2012.

<sup>3</sup> **Raça**, nesse contexto, não faz referência à categorização dos seres humanos com base em características fisionômicas, o que, na verdade, como esclarecem Markus e Moya (2010), não passa de um construto sociocultural pelo qual a diferença é tratada como inferioridade. O termo *raza*, em *la raza*, refere-se à força coletiva chicana, à garra que tem esse povo, constituindo-se, assim, em estímulo para acreditarem em seu potencial e valor e lutarem coletivamente pelos seus direitos individuais e sociais, num país que invadiu suas fronteiras e agora os exclui. É preciso ter em mente que, já em 1925, o ativista político mexicano José Vasconcelos publicara, no México, o repercuido ensaio *La raza cósmica*, em que expressa sua convicção de que os povos da América Latina formam uma “quinta raça”, uma vez que trazem em si elementos de “todas as outras raças” do mundo. Essa quinta raça, sem relação à cor ou quantidade de indivíduos, seria responsável por erguer uma nova civilização.

geopoliticamente, povo estadunidense. Esse processo teve início em 1845, com a anexação do Texas pelos Estados Unidos, que desencadeou a Guerra Mexicano-Americana, iniciada em 1846 e encerrada em 1848, com o Tratado de Guadalupe Hidalgo, mediante o qual foi passada para os Estados Unidos uma vastíssima extensão de território do México, que antes compunha o Norte desse país. Como afirmam os historiadores Meier e Ribera,

*With the stroke of a pen the Treaty of Guadalupe Hidalgo extended the borders of the United States to include 80,000 people with a culture that was different not only from that of the United States but also from that of the traditional European immigrant. Without moving, these people became **foreigners in their native land**.*<sup>4</sup> (MEIER; RIBERA, 1993, p. 69, grifo nosso).<sup>5</sup>

Figura 1 – Território mexicano incorporado aos Estados Unidos



Fonte: U.S. Government Accountability Office.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> “Com uma canetada, o Tratado de Guadalupe Hidalgo estendeu as fronteiras dos Estados Unidos para incluir 80.000 pessoas com uma cultura diferente não somente da dos Estados Unidos, mas também daquela do tradicional imigrante europeu. Sem se mudarem, essas pessoas se tornaram **estrangeiras em sua terra nativa**.” (tradução nossa).

<sup>5</sup> Adotaremos o seguinte padrão para as traduções: citações recuadas estarão na língua original, com a respectiva tradução em nota ao pé da página; citações em texto corrido serão feitas em português, com o respectivo original em nota de rodapé. A menos que referenciada outra autoria, todas as traduções ocorrentes nesta dissertação são nossas.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.gao.gov/guadalupe/bckgrd.htm>. Acesso em: 13 fev. 2019.

A Compra Gadsden, levada a cabo em 1853, completou a aquisição de território mexicano por parte da Federação estadunidense. Assim, com os tratados de Guadalupe Hidalgo e o de La Mesilla (Compra Gadsden), juntamente com a porção do Texas ainda não anexada, passaram a integrar o território dos Estados Unidos, formando o seu Sudoeste, partes do que hoje são os estados do Colorado e Wyoming, além da totalidade dos atuais estados de Arizona, Califórnia, Nevada, Novo México e Utah, conforme a Figura 1.

Com essa mudança geopolítica, que estabeleceu uma fronteira de mais de dois mil quilômetros entre o México e os Estados Unidos, os milhares de pessoas que antes viviam em território mexicano passaram a habitar o Sudoeste estadunidense, ficando, assim, sem saber exatamente quem eram, em termos de identidade sociopolítica e cultural. Os Estados Unidos, motivados pela sua ideologia do Destino Manifesto (*Manifest Destiny*), segundo a qual os colonizadores daquele país eram um povo eleito por Deus para expandir-se pelo continente e civilizá-lo, haviam incluído no Tratado de Guadalupe Hidalgo três artigos específicos relacionados à proteção dos direitos do povo que habitava o território perdido. Segundo o artigo VIII do Tratado, essas pessoas tinham um ano para fazer sua escolha de retornar para o México ou permanecer onde estavam. Enquanto cerca de dois mil habitantes preferiram retornar, a grande maioria permaneceu naquele lugar que considerava o seu verdadeiro lar, sua própria terra. O artigo IX dava a tais habitantes a garantia de “[...] usufruírem de todos os direitos de cidadãos dos Estados Unidos, de acordo com os princípios da Constituição; entretantes, haverão de ser mantidos e protegidos no gozo pleno da sua liberdade e propriedade, e assegurados no exercício livre e irrestrito da sua religião”<sup>7</sup> (MOQUIN et al., 1971, p. 185 apud ACUÑA, 2015, p. 52). Já o artigo X assegurava a essas pessoas todos os direitos de posses de propriedades alcançados quando o território fazia parte do México, inclusive os direitos de posse de terra. Ocorre, porém, que, por meio de manobra política do Senado estadunidense, tal artigo foi omitido da versão final do Tratado, colocando esse povo à mercê dos tribunais dos Estados Unidos. Como afirma o historiador chicano Rodolfo Acuña, “[...] eles ignoraram o tratado e, durante o século dezanove, a maioria dos mexicanos nos Estados Unidos foi considerada uma classe separada da raça dominante” (ACUÑA, 2015, p. 52).<sup>8</sup>

Um povo que já carregava em sua história as marcas não menos traumáticas da conquista europeia vê-se agora sob o jugo (e o julgamento) do poderio estadunidense. As palavras do

<sup>7</sup> “[...] the enjoyment of all the rights of citizens of the United States according to the principles of the Constitution; and in the meantime shall be maintained and protected in the free enjoyment of their liberty and property, and secured in the free exercise of their religion without restriction.”

<sup>8</sup> “[...] they ignored the treaty, and during the nineteenth century most Americans in the United States were considered as a class apart from the dominant race.”

diplomata mexicano Manuel Crescion Rejón, quando da assinatura do Tratado, expressam nitidamente esse sentimento de povo subjogado, atormentado pela violência do trauma:

*Our race, our unfortunate people will have to wander in search of hospitality in a strange land, only to be ejected later. Descendants of the Indians that we are, the North Americans hate us, their spokesmen depreciate us, even if they recognize the justice of our cause, and they consider us unworthy to form with them one nation and one society, they clearly manifest that their future expansion begins with the territory that they take from us and pushing [sic] aside our citizens who inhabit the land.*<sup>9</sup> (apud ACUÑA, 2015, p. 52).

A leitura de Rejón foi acertada. O povo que, de repente, passou a ser estadunidense perdeu não apenas em termos territoriais, mas sofreu também a perda de sua dignidade. As guerras mediante as quais seu território foi incorporado aos Estados Unidos deixaram um legado de ódio, de forma que, até os dias de hoje, o não cumprimento do Tratado de Guadalupe Hidalgo é uma questão mal resolvida entre anglo-americanos e chicanos (ACUÑA, 2015, p. 53).

Após o fim da Guerra Mexicano-Americana, nasceu uma economia com um sistema remuneratório dual, em um contexto geopolítico fortemente discriminatório:

*Chicanos were excluded from education, or their education was inferior. Political participation was impossible, and they lost the land (the basis of their wealth). Chicanos suffered religious discrimination, shootings, hangings, and general violence. Many women were raped and otherwise violated. ... Women, men, and children resisted the hated and feared Texas Rangers.*<sup>10</sup> (BLEA, 1992, p. 46-47 apud VIGIL 2012, p. 166)

Os anglo-americanos estavam convencidos de que os bens socioeconômicos e culturais não podiam ser usufruídos por um povo “cultural e racialmente inferior”, uma “[...] raça virá-lata que não somente incorporava os genes do ‘pele-vermelha’, mas também os do ‘negro’”<sup>11</sup> (DE LEÓN, 1983, p. 15 apud VIGIL 2012, p. 166). Desde então, essa *raza* continua vítima de preconceitos e injustiças das mais variadas espécies em um país que, literal e metaforicamente,

<sup>9</sup> “Nossa raça, nosso povo infeliz terá de andar sem rumo à procura de hospitalidade em uma terra estranha, para ser expulso posteriormente. Descendentes do indígenas que somos, os norte-americanos nos odeiam, seus porta-vozes nos depreciam, mesmo se reconhecem a justiça da nossa causa, e nos consideram indignos de formar com eles uma nação e uma sociedade, manifestam claramente que sua futura expansão começa com o território que eles tomam de nós e afastando [sic] nossos cidadãos que habitam a terra”.

<sup>10</sup> “Os chicanos foram excluídos da educação, ou sua educação era inferior. A participação política era impossível, e eles perderam a terra (base da sua riqueza). Os chicanos sofreram discriminação religiosa, tiroteios, enforcamentos e violência em geral. Muitas mulheres foram estupradas e violadas de outros modos. [...] Mulheres, homens e crianças resistiram aos odiados e temidos Texas Rangers”.

<sup>11</sup> “[...] mongrel race that not only incorporated the gene of the ‘redskin’ but also those of the ‘nigger’.”

ultrapassou suas fronteiras.<sup>12</sup> Na literatura hegemônica estadunidense, por exemplo, a estereotipação do mexicano-americano, assim como a do negro, é muito frequente. O poeta e editor William Rose Benét, em sua crítica do romance *Tortilla Flat* (1935) – traduzida para o português como *Boêmios Errantes* (1973) –, de John Steinbeck, afirmou, a respeito da obra:

*The extraordinary humors of these childlike natives are presented with a masterly touch. These silly bravos are always about to do something nice for each other, their hearts are soft and easily touched; and yet almost absent-mindedly they live with atrocious disregard for scruple. To have presented them and made their story sometimes hysterically funny is no slight achievement.*<sup>13</sup> (apud ORTEGO Y GASCA, 1976, p. 6).

John Steinbeck, em *As vinhas da ira* (1939), também afirma: “A Califórnia já pertenceu ao México, e suas terras aos mexicanos [...] Os mexicanos eram fracos e esquivos. Não puderam resistir, porque nada no mundo desejavam com o frenesi com que os americanos desejavam aquelas terras” (STEINBECK, 2016, p. 290).

No período após a I Guerra Mundial, foram realizadas, pelos Estados Unidos, intensas campanhas de “americanização” (*Americanization*) das famílias mexicanas<sup>14</sup> no Sudoeste. Escolas monolíngues em que só se permitia o uso do inglês (*English-only schools*) foram implantadas e esforços empreendidos para alterar tanto os padrões de vida doméstica quanto os hábitos de saúde e alimentação dessas famílias. “A xenofobia crescente dos anos 1920 viu muitos distritos de escolas públicas requererem dos alunos a recitação da Promessa de Lealdade à bandeira”<sup>15</sup> (ACUÑA, 2015, p. 186). Entre 1915 e 1929, instituiu-se a figura da professora doméstica (*home teacher*), um dos instrumentos da chamada americanização. O objetivo era ensinar às mulheres mexicanas o modo de vida “americano” (*American Way*). A professora, geralmente, era uma mulher WASP<sup>16</sup> solteira da classe média. Foi um período em que um grande número de pessoas mexicano-americanas optou pela assimilação, processo sociocultural

<sup>12</sup> Atestam isso as atuais e recorrentes investidas do atual presidente estadunidense contra a etnia chicana e a população imigrante mexicana. Constituem exemplos nítidos dessas investidas a frequente depreciação pública que faz desse povo e a sua ferrenha política separatista, tornada evidente em sua contundente decisão de construir um muro ao longo da vasta fronteira que separa os Estados Unidos do México.

<sup>13</sup> “Os humores extraordinários desses nativos infantis são apresentados com um toque magistral. Esses tolos bravos estão sempre para fazer uma gentileza uns para os outros, seus corações são moles e facilmente tocados; e mesmo assim, quase distraidamente, vivem com uma desconsideração atroz para com o escrúpulo. Tê-los apresentado e tornado sua história por vezes histericamente engraçada não é façanha pequena”.

<sup>14</sup> Referimo-nos às famílias então imigradas. A imigração de mexicanas e mexicanos para os Estados Unidos, especialmente após a formação do Sudoeste, foi e continua sendo um fenômeno social de grande escala. Somente durante a Revolução Mexicana (1910-1921), emigraram centenas de milhares de pessoas.

<sup>15</sup> “*The growing xenophobia of the 1920s saw many public school districts require students to recite the Pledge of Allegiance to the flag.*”

<sup>16</sup> Acrônimo em inglês para se referir a pessoas estadunidenses brancas, anglo-saxãs e protestantes (*White, Anglo-Saxon, Protestant*), que constituem o grupo supostamente detentor de maior poder sociopolítico e econômico, nos Estados Unidos.

pelo qual se abre mão de características culturais próprias em função das de um outro grupo. Houve casos, nesse período, em que

*[...] this assimilation reached extremes in which people became flag-waving superpatriots and worked to master perfect English. They socialized their offspring to this end. In their efforts to rid themselves of Mexican culture, however, they often aroused the wrath of fellow Mexicans. “No Mexican is so despised as he who denies his race.”<sup>17</sup> (GAMIO, 1969, p. 93 apud VIGIL, 2012, p. 216).*

Em meio a esse processo, a imigração em massa de pessoas mexicanas para os Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX fez surgir conflitos acirrados entre o povo recém-chegado e o mexicano-americano residente. A população imigrante constituía um desafio para a mexicano-americana, sobretudo no tocante ao mercado de trabalho. Como imigraram várias pessoas mexicanas de melhor condição financeira e escolaridade mais elevada, que fugiam da guerra civil em sua terra natal, os conflitos se acirraram também entre estas e as mexicano-americanas de classe média, com grau menor de educação escolar. A população mexicana imigrante de classe média e os refugiados políticos de classe alta começaram, então, a empregar o termo pejorativo *pocho*<sup>18</sup> para se referirem aos indivíduos mexicano-americanos em processo de assimilação ou aculturação<sup>19</sup> ao *American Way*.

*What occurred [...] was a continuation of the Chicano marginal syndrome that dated from colonial times, with the conquest of indigenous groups and the transformation of much of the population into peasants. Especially hard hit were the cultural moorings of the people in each time period. In the early colonial period, cholo became a pejorative label that characterized an Indian who was only partly (marginally) acculturated to the Spanish way of life. [...] Thus, over time a person often found him- or herself in a state of flux. For example, one southern Texas Chicano noted: “I think like an Anglo and I act like an Anglo but I’ll never look like an Anglo. Just looking at me, no one could tell if I am an American or one of those blasted Mexicans from*

<sup>17</sup> “[...] essa assimilação alcançou extremos em que as pessoas se tornaram superpatriotas de acenar bandeira e se esforçaram para dominar um inglês perfeito. Elas socializavam os filhos para esse fim. Contudo, em seus esforços para se livrar da cultura mexicana, frequentemente provocavam a ira de outros mexicanos. ‘Nenhum mexicano é tão desprezado quanto o que nega sua raça’”.

<sup>18</sup> *Pocho* significa **frouxo, podre**. No contexto em questão, a palavra era amplamente usada para se referir às pessoas mexicano-americanas que não falavam espanhol ou que misturavam este com o inglês. Referia-se também àquelas em processo de assimilação, que adotavam costumes e práticas estadunidenses (ACUÑA, 2015, p. 205).

<sup>19</sup> A aculturação foi outra alternativa adotada pelas pessoas mexicano-americanas nesse período. Enquanto, pela assimilação, se abre mão da sua própria cultura e se adota mais integralmente a cultura do outro, pela aculturação, se preserva a própria cultura e se adota parcialmente a cultura do outro, fazendo surgir, assim, um perfil híbrido, bicultural, bilíngue (SPINDLER; SPINDLER, 1990 apud VIGIL, 2012, p. 216). Ressaltamos que tanto a aculturação quanto a assimilação são fenômenos recorrentes na atualidade, não apenas entre chicanas e chicanos, mas também entre imigrantes do México e de outros países, nos Estados Unidos (e em todo o planeta).

*across the river. It's hell to look like a foreigner in your own country.*"<sup>20</sup> (VIGIL, 2012, p. 217).

É nesse período de rivalidades acirradas entre imigrantes recentes e a população mexicano-americana já estabelecida que podemos localizar o aparecimento da palavra *chicano*. Forma abreviada de *mexicano*, foi um termo empregado por essas pessoas já residentes nos Estados Unidos – e cada vez mais se assimilando ou aculturando ao modo de vida desse país – para se referir, pejorativamente, à população mexicana indígena ou mestiça recém-chegada do México, por elas considerada social e culturalmente atrasada, até mesmo racialmente inferior. Vítima da discriminação e do racismo anglo-americanos desde meados do século XIX, os indivíduos mexicano-americanos empregaram esse termo para se distinguir da população imigrante emergente e manter um status de “igualdade” com a sociedade estadunidense. Essa prática de exclusivismo por grupos étnicos assimilados não é incomum na história dos Estados Unidos, haja vista o exemplo da população irlandesa que iniciou o processo de assimilação ao *American Way* no final do século XIX e que usava a expressão “irlandês favelado” (*shanty Irish*) para se referir ao grupo de imigrantes mais recentes (TATUM, 2006, p. 4).

A partir do final da década de 1960, *chicana* e *chicano* adquiriram uma conotação fortemente política, deixando de ser termos pejorativos<sup>21</sup> e passando a ser as palavras ideais, juntamente com a expressão *la raza*, para se referir à raiz indígena presente na formação do povo chicano, raiz esta que o *Movimiento* contribuiu decisivamente para tornar uma fonte de orgulho, à semelhança dos africano-americanos que passaram a assim chamar-se (*Afro-Americans* e, atualmente, *African Americans*) para se referirem com maior amor-próprio às suas origens étnico-culturais. O uso de *chicana* e *chicano* persiste nos dias atuais, particularmente entre acadêmicos, que preferem essa designação a outras como *Mexican American* (mexicano-americano), *Hispanic* (hispânico) e *Latina* ou *Latino* (latina ou latino). É o termo de maior preferência para se referir a práticas culturais como literatura, música e arte (TATUM, 2006, p. 4-5).

---

<sup>20</sup> “O que ocorreu [...] foi uma continuação da síndrome marginal chicana que datava de tempos coloniais, com a conquista dos grupos indígenas e a transformação de grande parte da população em camponeses. Um golpe especialmente duro foram as amarras culturais das pessoas em cada época. No início do período colonial, cholo tornou-se um rótulo pejorativo que caracterizava um indígena que era apenas parcialmente (marginalmente) aculturado ao modo de vida espanhol. [...] Portanto, com o tempo uma pessoa frequentemente se encontrava em um estado de fluxo. Por exemplo, uma pessoa chicana do sul do Texas observou: ‘Eu penso como anglo e ajo como anglo, mas eu nunca terei a aparência de anglo. Apenas olhando para mim, ninguém poderia dizer se sou estadunidense ou do bando de mexicanos estropiados do outro lado do rio. É um inferno parecer-se com pessoa estrangeira em seu próprio país’.

<sup>21</sup> Devido a sua conotação pejorativa inicial, algumas pessoas mexicano-americanas hoje em dia, especialmente as mais conservadoras, ainda consideram os termos *chicana* e *chicano* depreciativos. Preferem ser chamadas de *Mexican Americans* (mexicano-americanas), *Hispanic* (hispânicas) ou *Latinas* (latinas).



## Literatura chicana e(m) Movimento

Consideramos que a literatura chicana e todas as outras literaturas produzidas por minorias nos Estados Unidos pós-independência, assim como a produzida pela corrente dominante (*mainstream*), são partes legítimas do conjunto de textos denominado *American Literature* (literatura americana).<sup>22</sup> Com efeito, uma das reivindicações impulsionadas pelo *Movimiento* era a inclusão de obras chicanas no cânone literário estadunidense. De acordo com o pesquisador Charles M. Tatum,

*[...] these works so long excluded from the canon of U.S. literature are every bit as 'universal' as other works that have historically been included. As a result of this process of reevaluation, Chicana/o literature is in the process of becoming a part of the canon of U.S. literature.*<sup>23</sup> (TATUM, 2006, p. 6-7)

À época do Movimento, a paisagem literária dos Estados Unidos ainda era carente de produções chicanas. Os poucos nomes de autoras e autores então existentes<sup>24</sup> não integravam o rol do cânone literário estadunidense, sendo omitidos, por exemplo, de compêndios como a *Cambridge History of American Literature* e a *Literary History of the United States*.

Diferentemente das raízes literárias britânicas da terra recém-colonizada que veio a se chamar Estados Unidos da América, as raízes hispânicas desse mesmo solo, mais antigas que aquelas, sempre foram estudadas historicamente como parte de um empreendimento estrangeiro, ao invés de integrantes da mesma herança literária estadunidense.

*What we can accurately say about Chicano literature is that it's a literature in process, drawing from two distinct literary traditions (Mexican and American), sometimes solely from one or the other, sometimes in a unique synthesis of both that is truly startling and innovative.*<sup>25</sup> (ORTEGO Y GASCA, 2014, p. 13).

<sup>22</sup> Estamos aqui considerando que a autonomia literária de um povo coincide com sua autonomia política, o que não significa dizer que as raízes históricas não tenham relevância.

<sup>23</sup> “[...] essas obras há tanto excluídas do cânone da literatura estadunidense são em tudo tão ‘universais’ como outras obras que foram historicamente incluídas. Como resultado desse processo de reavaliação, a literatura chicana está no processo de se tornar parte do cânone da literatura dos Estados Unidos”.

<sup>24</sup> Esses nomes são: Jose Antonio Villareal, John Rechy, Floyd Salas, Mario Suarez, Daniel Garza, Aurelio Espinosa, Jovita Gonzalez, Arturo Campa, Nina Ortero, Fray Angelico Chavez, Aurora Lucero e America Paredes.

<sup>25</sup> “O que podemos corretamente dizer sobre a literatura chicana é que ela é uma literatura em processo, baseada em duas tradições literárias distintas (mexicana e estadunidense), às vezes somente de uma ou de outra, às vezes em uma síntese singular das duas que é verdadeiramente impressionante e inovadora”.

Estritamente falando, a literatura chicana é o conjunto de produções literárias realizadas a partir do período em que a comunidade mexicano-americana passou a chamar a si própria de chicana, indicando sua consciência e seu engajamento políticos. “Nos anos de 1960, a literatura chicana emergiu como uma maneira pela qual os *chicanos* pudessem encontrar sua própria voz, sua própria razão de ser chicano, não espanhol, não mexicano, não estadunidense, mas chicano”<sup>26</sup> (ORTEGO Y GASCA, 2014, p. 4). Não obstante, e considerando o fato de a ancestralidade indígena ser um dos elementos propulsores do Movimento, é fundamental olhar para a fonte, para o conjunto de criações de todo o período anterior a esse marco histórico, tão parte do corpus literário chicano quanto as produções realizadas a partir de então. Nesse sentido, podemos dividir a literatura chicana em *raízes* e *tradições*, contemplando, nessa história, também o período de grandes civilizações americanas anteriores à invasão europeia.

Enquanto a literatura chicana é comumente entendida como o conjunto de obras que começou a se formar a partir do Renascimento Chicano (*Chicano Renaissance*), período compreendido entre 1966 e 1975 (ORTEGO Y GASCA, 1971), a tradição literária mexicano-americana remonta a importantes civilizações anteriores à chegada dos europeus, tais como a asteca, a olmeca, a tolteca e a maia. A produção literária dessas civilizações é tão parte da literatura chicana como a produção inglesa medieval é parte da estadunidense.

Assim, o período a que nos referimos como raízes pode ser subdividido em a) raízes autóctones mexicanas e raízes espanholas peninsulares, b) raízes espanholas coloniais e c) raízes nacionais mexicanas. A primeira subdivisão compreende a produção anterior ao ano 1521, incluindo, por exemplo, as obras maias *Chilam Balam* e *Popol Vuh*, anteriores a Cristóvão Colombo e Hernán Cortéz, e textos clássicos espanhóis, como *Cantar de Mio Cid* e *Don Quijote de la Mancha*. A segunda fase estende-se de 1521 a 1821, período que abrange obras da então *Nueva España* (Nova Espanha) – designação do México Colonial –, que incluía o que é hoje o Sudoeste dos Estados Unidos. Já a fase nacional mexicana refere-se aos anos de 1821 a 1848, que foram uma continuação dos anos precedentes, com a diferença de que a Nova Espanha era agora a República do México.

Podemos subdividir o período da literatura mexicano-americana que chamamos de tradições em a) primeira fase (período de transição), dos anos 1845 a 1912, b) segunda fase (período de americanização), de 1912 a 1960, e c) Renascimento Chicano e literatura chicana contemporânea, de 1960 ao presente. A literatura mexicano-americana propriamente dita tem início em 1845, com a anexação do Texas e a posterior “cessão” territorial estipulada pelo

---

<sup>26</sup> “In the 1960’s Chicano literature emerged as a means by which Chicanos could find their own voice, their own sense of being Chicano, not Spanish, not Mexican, not American, but Chicano.”

Tratado de Guadalupe Hidalgo, em 1848. Esse é um período de transição para o povo mexicano habitante desse território, que agora adquiria um estilo de vida cada vez mais bilíngue e bicultural, o que se refletia em suas produções literárias.

Ironicamente, não foi a autonomia política que marcou o começo da literatura mexicano-americana propriamente dita, mas exatamente o contrário: a perda de autonomia, a alienação político-cultural.

*Due in large part to the refusal of Anglos to accept the majority of these new citizens as equals, U.S. officials at all levels of government often ignored treaty agreements that ostensibly gave Mexican Americans the same rights as all U.S. citizens under the Constitution.*<sup>27</sup> (TATUM, 2006, p. 46).

Não obstante os textos que mesclavam espanhol e inglês, é a língua espanhola que predomina na literatura dessa primeira fase, pois o seu uso era considerado pela população mexicano-americana uma medida crucial para a manutenção da sua cultura. A imprensa em espanhol floresceu no Sudoeste a partir de meados do século XIX até por volta do primeiro quarto do XX, tornando-se parte de uma campanha geral desse novo povo “cidadão estadunidense” para resistir às investidas da cultura anglo e preservar sua identidade mexicana (TATUM, 2006, p. 47). Destacam-se nessa fase os *corridos*<sup>28</sup> com forte conotação política, expressando o descontentamento da população com o regime excludente e opressor anglo-americano, bem como jornais, produções poéticas, narrativas de ficção (romances, contos, crônicas) e memoriais.

A segunda fase marca o início do período moderno da literatura mexicano-americana e coincide aproximadamente com o começo da Guerra Civil Mexicana (1910 a 1921) e o êxodo de um milhão e meio de mexicanas e mexicanos para os Estados Unidos. É a fase da geração assimilacionista (ORTEGO Y GASCA, 2014, p. 14), em que o povo mexicano-americano e a população mexicana imigrante empreenderam progressivos esforços para se inserirem mais integralmente à cultura estadunidense, criando uma nova ideologia que ficou conhecida como mexicano-americanismo (*Mexican Americanism*), cujo ímpeto deveu-se, em especial, à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), durante a qual centenas de milhares de mexicano-americanos de áreas rurais e urbanas do Sudoeste e Centro-Oeste se juntaram aos militares e serviram nos palcos de guerra europeus e do Pacífico (TATUM, 2006, p. 56). “A luta contra o

<sup>27</sup> “Devido em grande parte à recusa dos anglo-americanos a aceitar a maioria desses novos cidadãos como iguais, oficiais estadunidenses de todo os níveis governamentais frequentemente ignoravam acordos de tratados que concediam ostensivamente aos mexicano-americanos os mesmos direitos de todos os cidadãos dos Estados Unidos perante a Constituição”.

<sup>28</sup> Versões adaptadas de romances e *cuentos* [histórias folclóricas] espanhóis. Semelhantes aos cordéis brasileiros.

racismo e a discriminação no trabalho, na habitação e na educação após a Segunda Guerra Mundial tornou-se um grito de guerra. Organizações, associações e assessorias de defesa legal começaram sistematicamente a desafiar práticas racistas”<sup>29</sup> (ROSALES, 1996, p. 104-105 apud TATUM, 2006, p. 56).

Na literatura dessa fase, já é recorrente o uso da língua inglesa, especialmente lado a lado com a espanhola ou intercalada com esta, dando origem aos chamados *pochismos* (ANZALDÚA, 2009, p. 309). Têm predominância as narrativas de ficção (romances e contos) e a poesia. É nessa fase que localizamos um dos primeiros usos da palavra *chicano*, no conto “El hoyo”, de Mario Suárez, publicado em 1947. Destaca-se também o romance *Pocho* (1959), de José Antonio Villarreal, última obra de maior expressão do período, considerada uma espécie de *Bildungsroman* que retrata o processo de maturação do jovem Richard, que, com a dissolução da sua família, se vê em confronto com duas culturas: a mexicano-americana e a anglo-americana. Ele rejeita as restrições dos valores culturais do pai, associadas à cultura mexicana, bem como o materialismo exacerbado da mãe, que associa à cultura anglo-americana. Nesse processo de amadurecimento, Richard enfrenta diversos momentos de dúvida e questionamento e se torna cada vez mais consciente da estratificação social existente no sul da Califórnia, onde reside e onde a população chicana, no romance, ocupa o escalão mais baixo nessa hierarquia. Por fim, ele abandona sua família e se junta à Marinha, no início da Segunda Guerra Mundial.

De acordo com o pesquisador Felipe de Ortego y Gasca, considerado o principal estudioso do Renascimento Chicano, “[a] publicação de *Pocho* [...] marca o início do período chicano da literatura mexicano-americana, uma escrita caracterizada por uma estridência baseada no Movimento Chicano”<sup>30</sup> (ORTEGO Y GASCA, 2014, p. 14). *El Grito: Journal of Mexican American Thought* (O Grito: Revista do Pensamento Mexicano-Americano) surge em 1967 e impele o Renascimento Chicano, manifestação artística da qual, no âmbito da literatura, são considerados pioneiros as autoras e os autores de *Quinto Sol Publications* (Publicações Quinto Sol), editora chicana fundada pelo mesmo grupo que iniciou *El Grito*.<sup>31</sup> O objetivo dessa editora, segundo o editorial do primeiro número de *El Grito*, era “[...] prover um foro para a autodefinição e expressão mexicano-americana em [...] assuntos de relevância para os

<sup>29</sup> “The struggle against racism and discrimination in employment, housing, and education after World War II became a major rallying cry. Organizations, associations, and legal defense committees began systematically to challenge racist practices.”

<sup>30</sup> “Publication of *Pocho* [...] marks the beginning of the Chicano period of Mexican American literature, writing characterized by a stridency drawn from the Chicano Movement.”

<sup>31</sup> Fundou *El Grito* e *Quinto Sol Publications* um pequeno grupo de estudantes e docentes da Universidade da Califórnia em Berkeley.

mexicano-americanos na sociedade estadunidense atual”<sup>32</sup> (apud ORTEGO Y GASCA, 1971, p. 302). Descontente e revoltada com uma miríade de descrições distorcidas a seu respeito, em que predominavam flagrantes estereótipos e clichês raciais, a população mexicano-americana pôde, por meio de *El Grito*, articular a percepção de sua própria identidade: a palavra escrita era vista como um dos recursos mais relevantes na luta chicana por igualdade (ORTEGO Y GASCA, 1971, p. 302). Apesar de ter tido curta duração (1967 a 1975), a editora *Quinto Sol* instituiu o Prêmio Literário Nacional Quinto Sol, elemento-chave para o desenvolvimento da literatura chicana no início da década de 1970. As obras vencedoras desse prêmio foram os romances *...Y no se lo tragó la tierra* (1970), de Tomás Rivera, *Bless me, Ultima* (1971), de Rudolfo A. Anaya, *Estampas del Valle y otras obras* (1972), de Rolando Hinojosa, e a coletânea de contos *Rain of Scorpions and Other Stories* (1975), de Estela Portillo Trambley.

Em 1974, *El Grito* encerrou suas publicações, mas já havia outras revistas com o mesmo propósito, uma das quais continua até os dias atuais: a *Aztlán: Chicano Journal of the Social Sciences and the Arts* (*Aztlán: Revista Chicana das Ciências Sociais e das Artes*), fundada em 1970 e que, hoje, é publicada duas vezes por ano pelo Centro de Estudos Chicanos da Universidade da Califórnia em Los Angeles.

O Renascimento Chicano foi, portanto, um período de intensa manifestação artística no qual a literatura chicana ganhou novo vigor e movimento. A partir de então, proliferaram-se obras dos gêneros dramático, épico e lírico, empenhadas em afirmar o caráter singular, e ao mesmo tempo plural, da identidade chicana. Dentre outras iniciativas do drama, ressalta-se o Teatro Campesino, que “[...] talvez melhor represente a essencial ligação entre criatividade e comprometimento com justiça e mudança sociais”<sup>33</sup> (TATUM, 2006, p. 65). Fundado por Luis Valdez, em 1965, essa companhia tinha como objetivo principal apoiar a greve da população trabalhadora rural liderada por César Chávez, contra o poder capitalista explorador das empresas de cultivo de uva no Vale de San Joaquin, Califórnia. Com o auxílio de trabalhadoras e trabalhadores rurais, Valdez criou o *acto* (ato), peça de *agitprop* de ato único, que se tornou um dos principais recursos representacionais do Teatro Campesino e de outros grupos teatrais *chicanos* nas décadas de 1960 e 1970.

*The acto is typically a ten-to-fifteen-minute improvisational, bilingual dramatic work intended to educate and to rally the audience to take social action. The focus on*

<sup>32</sup> “[...] to provide a forum for Mexican American self-definition and expression on [...] issues of relevance to Mexican Americans in American society today.”

<sup>33</sup> “[...] perhaps best embodies the essential linkage of creativity with commitment to social justice and change.”

*collective creation was in keeping with the revokutionary ideology of the group and its commitment to social change.*<sup>34</sup> (TATUM, 2006, p. 66).

O Movimento contou também com a participação efetiva de poetisas, mulheres e homens que se engajaram diretamente, por meio de ações políticas, ou indiretamente, por meio da sua arte: uma poesia socialmente engajada, colocando em relevo e reforçando elementos da cultura chicana e suas raízes indígenas, bem como contestando elementos negativos da hegemonia estadunidense e seu sistema de valores. Nessa poesia autenticamente expressiva, predomina uma linguagem não rebuscada, mais direta e acessível, com o uso frequente de estruturas sintáticas combinando o inglês e o espanhol. Além desse binarismo linguístico, outros veículos para a legitimação das vivências chicanas nos *barrios*<sup>35</sup> e a afirmação cultural da *raza* são as gírias do *pachuco*<sup>36</sup> e do *vato loco*,<sup>37</sup> assim como jargões de prisão. Entre os nomes representativos do gênero lírico do Renascimento estão Angela de Hoyos, Ricardo Sánchez, Alberto Baltazar Urista (Alurista) e Rodolfo Gonzales (Corky). Além de seu intenso ativismo político, Gonzales publicou, em 1967, o poema épico *I am Joaquín* (Eu sou Joaquín), que retrata o espírito político do Movimento Chicano, em especial seu apelo ao nacionalismo cultural, seu orgulho das raízes indígenas e sua busca por identidade (TATUM, 2006, p. 71).

Dentre os nomes que representam o gênero épico desse período estão os de Tomás Rivera, Rudolfo A. Anaya, Estela Portillo Trambley e Raymond Barrio. Constitui o cerne de *...Y no se lo tragó la tierra* (1971), de Rivera, o drama de chicanas e chicanos trabalhadores rurais migrantes do Texas. A partir da voz de um narrador anônimo, que ecoa a voz de toda a coletividade retratada na obra, o romance, que consiste em uma série de unidades narrativas curtas que se entrelaçam e formam um conjunto coerente, evidencia a dura realidade socioeconômica dessas pessoas, seus medos e suas lutas diárias por sobrevivência e dignidade. *Bless me, Ultima* (1972), de Anaya, retrata a vida de Antonio Márez, um jovem garoto da área rural do Novo México pós-Segunda Guerra, cujas raízes familiares remontam aos primeiros

<sup>34</sup> “O ato é tipicamente uma obra dramática bilíngue de caráter improvisado com o objetivo de educar e mobilizar a plateia para a ação social. O foco na criação coletiva estava em conformidade com a ideologia revolucionária do grupo e seu compromisso com a mudança social”.

<sup>35</sup> Bairros, em português. Predominantemente habitados pela população chicana e latina, são setores marcados pela pobreza econômica e riqueza cultural. Manhattan (Harlem Espanhol, Nova York), East Los Angeles (Califórnia) e Chicago (Illinois) são algumas localidades que contêm *barrios*. Para Pérez (2017, p. 18), *los barrios*, como muitas pessoas residentes nesses locais os chamam, são “espaços preciosos que afirmam identidades culturais, alimentam produção cultural popular e proveem abrigo para pessoas com longas histórias de deslocamento, perda de terra, repressão e luta coletiva” (“*precious spaces that affirm cultural identities, nurture popular cultural production, and provide sanctuary for people with long histories of displacement, land loss, repression, and collective struggle*”).

<sup>36</sup> Termo pejorativo referente a quem adota um estilo de vida *hip* (moderno) dentro dos *barrios* (geralmente, as pessoas mais jovens).

<sup>37</sup> Expressão designativa de integrante de gangues de rua. Em português, **cara louco**.

colonizadores espanhóis. Perdido em uma crise religiosa, o jovem alcança um crescimento espiritual intenso com o auxílio de uma curandeira, Ultima, que desperta nele a memória de elementos mitológicos e atemporais e lhe incute um verdadeiro respeito pela mística e a sabedoria popular do seu povo.

A obra mais conhecida de Estela P. Trambley e que venceu o Prêmio Quinto Sol foi a coletânea de contos *Rain of Scorpions and Other Stories*, publicada em 1975. Trambley foi uma das poucas autoras chicanas desse período com uma visão notadamente feminista, que conseguiu espaço na literatura “[...] em um tempo em que os chicanos não eram somente os principais porta-vozes do Movimento [...], mas também dominavam as publicações em plataformas chicanas como jornais, revistas, periódicos e editoras”<sup>38</sup> (TATUM, 2006, p. 78). São contos emblemáticos do feminismo de Trambley “If it weren’t for the Honeysuckle” e “The Paris Gown”. O primeiro retrata duas mulheres de diferentes gerações que moram numa mesma casa e são vítimas do autoritarismo de um homem; o segundo apresenta uma personagem feminina forte e livre, que recusa as convenções de domínio masculino próprias da sua cultura e cria um caminho de vida independente para si.

*The Plum Plum Pickers*, publicado em 1969, é um romance de Raymond Barrio cujo caráter experimental pode ser comparado a *Cane*, romance de Jean Toomer, publicado em 1923 e que se tornou obra marcante do *Harlem Renaissance* (Renascimento do Harlem). Assim como *Cane*, cuja estrutura consiste de textos breves (*vignettes*) que giram em torno das origens e vivências dos africano-americanos nos Estados Unidos, *The Plum Plum Pickers* coloca em foco as experiências degradantes de trabalhadoras e trabalhadores rurais migrantes na sociedade estadunidense, tendo como protagonista o casal Manuel e Lupe. Lupe tem espaço relevante na trama, diferentemente da maioria dos romances da época, nos quais o machismo ficcional era predominante. É um romance que reflete o *Farmworkers’ Movement* (Movimento dos Trabalhadores Rurais, 1965-1970), liderado por César Chávez e uma das iniciativas impulsionadoras do Movimento Chicano. “É estilisticamente influenciado pelo Teatro Campesino [...]. Romance de protesto social seguindo a tradição de *As Vinhas da Ira*, a obra expõe a gritante exploração de trabalhadores rurais migrantes pelo comércio agrícola”<sup>39</sup> (EYSTUROY; GURPEGUI, 1990, p. 56).

A partir do Movimento Chicano e o renascimento da arte chicana em geral que o mesmo ocasionou, a literatura ganhou ímpeto e novas perspectivas. Surgiu, por exemplo, um conjunto

<sup>38</sup> “[...] an era when Chicanos were not only the principal spokesmen for the Chicano [...], but also dominated publishing in Chicana/o venues such as newspapers, magazines, journals, and publishing houses.”

<sup>39</sup> “It is stylistically influenced by *El Teatro Campesino* [...]. A social protest novel in the tradition of *The Grapes of Wrath*, the novel sets out to expose the gross exploitation of migrant field workers by agricultural business.”

prolífico de vozes femininas, comprometidas com a causa feminista especificamente das mulheres de cor e da classe operária, consideradas excluídas da agenda feminista tradicional. Dentre essas feministas chicanas, podemos citar María Herrera-Sobek, Gloria Anzaldúa, Cherríe Moraga, Bernice Zamora, Norma Alarcón, Sandra Cisneros e Helena María Viramontes.

### ***¡Sí, se puede!* – Helena María Viramontes e sua literatura de resistência**

Stuart Hall afirma que “[t]odos nós escrevemos e falamos de um lugar e tempo particulares, de uma história e uma cultura específicas. O que dizemos está sempre ‘em contexto’, **posicionado**”<sup>40</sup> (HALL, 1990, p. 223, grifo no original). Em seu ensaio “*Nopalitos: The Making of Fiction*”, publicado em 1989, Helena María Viramontes endossa esse argumento ao afirmar que suas vivências são cruciais para a composição de suas obras. Nascida em East Los Angeles, região do condado de Los Angeles composta majoritariamente por uma população latina, sobretudo mexicana e mexicano-americana, Viramontes pode ser considerada uma das autoras chicanas mais politicamente engajadas, que, por meio da escrita literária, retrata e defende seu grupo étnico, criando enredos e personagens que ilustram as múltiplas opressões a que esse grupo se encontra sujeito e demonstrando a premente necessidade de resistência. “A estética de Viramontes é uma prática de intervenção política, realizada em forma literária. [...], filha da classe operária, [ela] transforma seu instinto de classe em uma posição política”<sup>41</sup> (SALDÍVAR-HULL, 2000 apud GUTIÉRREZ Y MUHS, 2013, p. 17).

Filha de imigrantes mexicanos que se conheceram no Vale de San Joaquin, durante uma colheita de algodão, os temas principais da obra de Viramontes giram em torno das suas experiências na região onde nasceu, cresceu e estudou, bem como refletem a influência que ativistas como César Chávez e Dolores Huerta, fundadores da Associação Nacional de Trabalhadores Rurais (*National Farm Workers Association*), exerceram em sua vida e em sua família.

Helena María Viramontes concluiu o ensino médio na Garfield High School, uma das escolas que foram palco dos *Chicano Walkouts*<sup>42</sup> de 1968. A autora sempre considerou

<sup>40</sup> “We all write and speak from a particular place and time, from a history and a culture which is specific. What we say is always ‘in context,’ **positioned.**”

<sup>41</sup> “Viramontes’ aesthetic is a practice of political intervention, carried out in literary form. Viramontes, daughter of the working class, transforms her class instinct into a political position.”

<sup>42</sup> *Walkout* é um método de protesto que se caracteriza por abandonar coletivamente um local de trabalho, uma escola, uma reunião, uma aula etc. Os *Chicano Walkouts*, ou Protestos Estudantis Chicanos, foram uma das ações catalisadoras do Movimento Chicano de 1968, da qual participaram milhares de estudantes na área de



responsabilidade da educação escolar desenvolver a consciência crítica do indivíduo, condição básica para a agência. Conforme veremos, o enredo de *Under the Feet of Jesus*, primeiro romance publicado da autora, retrata a educação alienadora e estéril concedida à população rural chicana. Em entrevista a José Antonio Rodríguez, Viramontes enfatiza:

*[...] I was a product of the Los Angeles school district where the Eastside was basically forgotten and where there were several “blowouts” to demand a better education. And you know the school system had to be pretty bad if even the students walked out in protest.*<sup>43</sup> (apud GUTIÉRREZ Y MUHS, 2013, p. 253-254).

A importância que Viramontes atribui à educação em geral e à linguagem em específico é também perceptível na seção “On Speaking/Not Speaking Spanish” do ensaio “Nopalitos”, na qual, conforme De Oliveira (2006), a autora pondera acerca das consequências que a perda do espanhol como sua língua materna acarretou em sua vida. Segundo ela,

*Somewhere along the educational system I lost it, and with it I lost a part of the most impactful years of my life. In the first five years of a child’s life, she begins to develop a vocabulary that makes sense and order of her cultural world. In other words, I saw the world in Spanish, Spanish images, senses and emotional moods before I began to see them in English, and I would argue that my truthful vision, sense and order, radically changed when my language was taken away.*<sup>44</sup> (VIRAMONTES, 1989, p. 36 apud DE OLIVEIRA, 2006, p. 2-3).

Essa ambiguidade concernente às duas línguas, espanhol e inglês, sendo nenhuma delas considerada verdadeiramente sua, a faz questionar sua própria escrita, entendendo-a como uma falsificação de si mesma:

*The notion of not feeling an ownership of either language is brutal; however, to write in English “falsifies” who I am so that I am often made to feel like a fraud, though “I belong nowhere else”. But isn’t that what writing is all about, the struggles with language?.*<sup>45</sup> (VIRAMONTES, 1989, p. 37 apud DE OLIVEIRA, 2006, p. 3).

---

East Los Angeles, exigindo, entre outras providências, uma educação equitativa e a inclusão da história e da cultura chicanas no currículo. Para uma visão panorâmica dos *walkouts*, veja-se o docudrama *Walkout* (2006), produzido por Moctezuma Esparza, um dos alunos que participaram ativamente dos protestos. Sobre o Movimento Chicano, veja-se, neste trabalho, a nota de rodapé 2.

<sup>43</sup> “[...] eu fui um produto do distrito escolar de Los Angeles onde a parte oriental era basicamente esquecida e onde houve vários ‘protestos’ estudantis exigindo uma educação melhor. E veja, o sistema escolar tinha de ser muito ruim se até mesmo os alunos se retiraram da escola protestando”.

<sup>44</sup> “Em algum lugar, ao longo do sistema educacional, eu o perdi, e com isso eu perdi uma parte dos anos mais impactantes da minha vida. Nos seus primeiros cinco anos de vida, a criança começa a desenvolver um vocabulário que dá sentido e ordem ao seu mundo cultural. Em outras palavras, eu via o mundo em espanhol, imagens, sentidos e estados emocionais em espanhol, antes de começar a vê-los em inglês, e eu diria que a minha visão, meu sentido e ordem verdadeiros mudaram radicalmente quando minha língua me foi tirada”.

<sup>45</sup> “A noção de não se sentir possuidora de nenhuma das línguas é brutal; contudo, escrever em inglês ‘falsifica’ quem eu sou de modo a frequentemente me fazer sentir como uma fraude, embora ‘eu não pertença a nenhum outro lugar’. Mas não é isso que é a escrita, as lutas com a língua?”

Como lembra De Oliveira, em relação a esse sentimento brutal de se sentir desprovida de uma língua legitimamente sua, a teórica chicana Gloria Anzaldúa abre o capítulo “How to Tame a Wild Tongue?” de sua obra *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987), com as seguintes palavras de Ray Gwyn Smith: “Quem vai dizer que roubar um povo de sua língua é menos violento que a guerra?”<sup>46</sup> (ANZALDÚA, 1999, p. 75 apud DE OLIVEIRA, 2006, p. 3).

Em sua fala de agradecimento pelo prêmio recebido na *Latino Spirit Awards* (Premiação Espírito Latino) de 2011, outorgado pela Bancada Latina do Poder Legislativo da Califórnia (*California Latino Legislative Caucus*), Helena María Viramontes reforçou o poder político da literatura e seu particular engajamento, enquanto escritora, para “[...] dar voz às pessoas desfavorecidas, àquelas vozes que não têm voz nas comunidades, como as trabalhadoras e os trabalhadores rurais [...]”<sup>47</sup> (VIRAMONTES, 2011). Ao conceber a literatura como ato eminentemente político, colocando no cerne do seu projeto estético a importância de dar voz aos indivíduos desprivilegiados, Viramontes faz transparecer sua compreensão do valor instrumental e imprescindível da língua para a ressignificação da história humana.

De acordo com o teórico Ramón Saldívar,

*[r]ather than passively reproducing images of reality, the task of contemporary Chicano narrative is to deflect, deform, and thus transform reality by revealing the dialectical structures that form the base of human experience. In opting for open over closed forms, for conflict over resolution and synthesis, in proclaiming its very difference, the function of Chicano narrative is thus to produce creative structures of knowledge to allow its readers to see, to feel, and to understand their social reality.*<sup>48</sup>(SALDÍVAR, 1990, p. 7)

Além de *Under the Feet of Jesus*, as duas outras obras ficcionais publicadas de Viramontes – *The Moths and Other Stories* (1985) e *Their Dogs Came with Them* (2007) –, ainda sem tradução em português, bem como sua coletânea de contos não publicada *Paris Rats in East L.A.*<sup>49</sup>, seu testemunho “Nopalitos” (1989) e seu conto “Miss Clairol”, integrante da sua

<sup>46</sup> “Who is to say that robbing a people of its language is less violent than war?”

<sup>47</sup> “[...] giving voices to the disenfranchised, to those voices that have no voice in communities, like the farmworkers [...]”.

<sup>48</sup> “Ao invés de reproduzir passivamente imagens da realidade, a tarefa da narrativa chicana contemporânea é desviar, deformar e, assim, transformar a realidade, revelando as estruturas dialéticas que compõem a base da experiência humana. Ao optar por formas fechadas em vez de abertas, pelo conflito em vez de resolução e síntese, ao proclamar sua própria diferença, a função da narrativa chicana é destarte produzir estruturas criativas de conhecimento para permitir que os leitores vejam, sintam e entendam a sua realidade social”.

<sup>49</sup> Acerca dessa coletânea, veja-se o artigo “Homely”, em: CASTILLO, D. A.; CÓRDOBA, M. S. T. *Border Women: Writing from la Frontera*. Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 2002.

obra crítica organizada em conjunto com Herrera-Sobek (1996), atestam o compromisso com as pessoas desfavorecidas a que se refere a autora e apresentam as características composicionais que Saldívar defende: as formas são abertas e a trama provida de conflitos, possibilitando-nos ver, sentir, entender e questionar a realidade social retratada.

É importante ressaltarmos que Viramontes é amplamente considerada uma autora chicana feminista, em cuja obra as personagens femininas ganham especial relevo. Contudo, como a afirmação da autora acima nos permite entrever, ao se comprometer com “[a]quelas vozes que não têm voz” na sociedade, seu engajamento político ultrapassa as fronteiras de gênero. Dessa forma, apesar de concebermos que seja possível abordar o trauma cultural chicano em relação apenas à comunidade feminina dessa etnia, nossa presente leitura de *Under the Feet of Jesus* pretende também ultrapassar as fronteiras de gênero, levando em conta o grupo social chicano em sua totalidade, histórica e culturalmente marcado pelo trauma e representado, em nosso objeto de estudo, pela figura de Estrella, que entendemos como sinédoque não apenas da mulher chicana, mas de todo o povo dessa minoria.

*The Moths and Other Stories* (1985), obra de estreia de Viramontes, é uma coletânea de oito contos que tem como foco a vida de mulheres chicanas de diferentes idades e contextos, enfrentando crises de identidade provocadas por experiências traumáticas de diversas naturezas: a religião, o sistema patriarcal, a adolescência, a sexualidade, a família, o envelhecimento. Alguns dos contos se passam em épocas e lugares remotos, enquanto outros se situam nos Estados Unidos contemporâneos, assinalando o caráter de perpetuidade do trauma, o que discutiremos no terceiro capítulo. Cada conto é uma forma de resistência às forças geradoras do trauma e aos diversos tipos de opressão a que a mulher tradicionalmente se encontra sujeita.

No conto “The Moths”, podemos verificar, a partir da confluência de períodos históricos, a representação do trauma perpétuo. Uma jovem mulher se lembra do relacionamento que tinha com sua avó quando era jovem. Lembra-se de como se sentia uma estranha na família por não ser tão talentosa e bonita quanto suas irmãs, mas o cuidado que sua avó tinha por ela era o que a sustentava. Quando a avó fica doente, ela é a única neta que lhe dá assistência e, enquanto a saúde da senhora vai-se definhando, ela se torna resistente e forte como as demais irmãs. A teórica Paula Moya, a partir da técnica de leitura atenta (*close reading*), identifica no conto “The Moths” três temporalidades distintas (o passado situacional, o tempo do eu passado e o tempo do eu possível), percebendo como a utilização de uma temporalidade possível permite ao leitor interpretar a história em termos do que pode ser, ao invés do que de fato é. Segundo Moya, “ao mover a história para o tempo do eu possível,

Viramontes imagina um mundo em que a jovem possa se reconciliar com sua mãe, abandonar o seu eu fragmentado e tornar-se uma nova mulher – uma mulher capaz de construir para si própria um mundo mais afirmativo para sua vida do que aquele em que se encontra”<sup>50</sup> (MOYA, 2016, p. 97).

O trauma que percebemos nas histórias de *The Moths and Other Stories* está relacionado mais a uma dimensão pessoal do que coletiva ou cultural, na medida em que os contos retratam personagens femininas específicas vivenciando experiências traumáticas desencadeadas por diferentes causas. Assim, “The Growing” retrata uma adolescente atormentada pelo autoritarismo do pai, enquanto “Birthday” apresenta a dor de uma mulher solteira que se arrepende de fazer um aborto após ter sido abandonada pelo companheiro. O tema do aborto também está presente em “The Long Reconciliation”, mas aqui é motivado por causas econômicas, em um período anterior à Revolução do México. Em “The Broken Web”, uma jovem mulher percebe que não pode seguir sua vida adiante até se curar de um trauma passado (o assassinato do seu pai por sua mãe), mas enfrentar essas memórias é um processo extremamente doloroso, que implica confrontar-se com o poder do masculino sobre o feminino. Assim como em “The Growing,” a protagonista deve enfrentar estereótipos e expectativas de gênero e desafiá-los. “Snapshots” retrata a solidão de uma mulher após ter-se separado do marido. Agora, com os filhos adultos, ela se sente inútil, pois viveu toda a vida em função da família, confinada à esfera doméstica. “Neighbors” tem como protagonista uma mulher de setenta e três anos que sofre de uma doença degenerativa e observa sua vizinhança se deteriorar com o sistema de valores capitalistas contemporâneo.

O conto da coletânea que mais nos permite enxergar um trauma coletivo é “The Cariboo Café”, cujo foco são as experiências traumáticas da imigração. A história explora o que acontece quando mulheres perdem o controle de seus filhos ao atravessar a fronteira. Imigrantes ilegais se escondem em uma lanchonete, cujo proprietário finge apoiá-los. No entanto, ele os entrega às autoridades, como forma de expurgar a dor do trauma que sofrera ao perder sua mulher e filho quando os três atravessavam a fronteira. As personagens femininas nessa história se sentem totalmente sem poder contra esse homem, assim como se sentem impotentes contra o patrulhamento de fronteira dos Estados Unidos. De acordo com Saldívar-Hull (2000, p. 127), “The Cariboo Café” é “[...] uma história complexa que impulsiona o feminismo de fronteira

---

<sup>50</sup> “By moving the story into the time of the possible self, Viramontes imagines a world in which it might be possible for the young girl to reconcile with her mother, leave behind her split self, and become a different kind of woman – a woman who can construct for herself a more life-affirming world than the one she lives in.”

para sua trajetória transnacional ao fazer Los Angeles surgir como uma cidade de terceiro mundo dos Estados Unidos”.<sup>51</sup>

O trauma da conquista da América pelos espanhóis e do neocolonialismo estadunidense está presente em *Their Dogs Came with Them* (2007), segundo romance de Viramontes, em que a autora retrata a vida de quatro jovens mulheres chicanas da comunidade de East Los Angeles, na década de 1960. A história de cada personagem é contada em capítulos individuais, embora suas histórias de vida estejam inter-relacionadas. A temporalidade do romance se alterna entre passado e presente, possibilitando-nos enxergar a infância dessas mulheres e perceber, em suas vidas atuais, a influência da criação que receberam. Elas passaram a infância em uma paisagem urbana marcada pela construção de uma rodovia que obrigou muitas famílias a se deslocarem, sendo, porém, obrigadas a permanecerem em East Los Angeles, uma vez que são instalados bloqueios nas estradas com a alegação do Departamento de Saúde Pública de colocar a população em quarentena, protegendo-a de animais com raiva. O título da obra é uma alusão aos cães de guerra que os conquistadores espanhóis trouxeram para a América a fim de os auxiliarem na colonização. Para Viramontes, “[a]s retroescavadeiras [utilizadas na construção da rodovia] lembravam os navios dos conquistadores que vinham colonizar por uma segunda vez”, fazendo-a sentir “um real desejo de retratar a vida daquelas pessoas que desapareceram”<sup>52</sup> (VIRAMONTES, 2007).

Turtle, uma garota em busca de pertencimento, age como um garoto para agradar ao seu irmão, contrariado por ter uma menina como irmã. Tendo sido criada em um lar abusivo e machista, ela se junta à gangue a que o irmão pertence e permanece nas ruas quando ele vai lutar na Guerra do Vietnã. Ermila, cujos pais fogem e a deixam órfã, mora com seus avós, que não compreendem a geração mais jovem e as mudanças sociais da época. Seus amigos da escola é que se tornam sua família e, juntos, vivenciam seus respectivos dramas, bem como o ímpeto do Movimento Chicano. Uma outra moça, Tranquilina, é filha de missionários e, apesar de testemunhar acontecimentos terríveis, como o assassinato do primo de Ermila, apega-se à religião com todo otimismo. Ana, por sua vez, é uma moça dedicada a cuidar de Ben, seu irmão com doença mental que, quando criança, perdeu a mãe e acidentalmente ocasionou a morte de um outro garoto.

A representação detalhada dessas personagens, de suas adversidades diárias e do ambiente em que vivem sintetiza as lutas que a comunidade chicana economicamente pobre de

<sup>51</sup> “[...] a complex story that propels feminism on the border into its transnational trajectory by showing the emergence of Los Angeles as a U.S. Third World city.”

<sup>52</sup> “The bulldozers resembled the conqueror’s ships coming to colonize a second time and I felt a real desire to portray the lives of those who disappeared.”

East Los Angeles enfrenta na década em que o *Movimiento* teve início. *Their Dogs Came with Them* é uma síntese das próprias experiências que marcaram a infância de Viramontes, como a Guerra do Vietnã, a Moratória Chicana,<sup>53</sup> a pobreza econômica, as gangues de rua e a construção de rodovias em East Los Angeles. O romance expõe a necessidade de a comunidade chicana e latina dessa região ter agência e lutar por seus direitos, evidenciando a urgência de se conseguir voz política para fazê-lo, pois é devido à falta dessa voz que a comunidade não foi capaz de impedir a destruição de seus bairros, os deslocamentos de suas famílias e o isolamento da população, ocasionados pelas obras rodoviárias então emergentes.

*¡Sí, se puede!* (Sim, é possível!) é o lema do *United Farmworkers* (Sindicato dos Trabalhadores Rurais), fundado, na Califórnia, por César Chávez e Dolores Huerta, no início da década de 1960. A exclamação expressa o espírito de resistência que, desde sua gênese, tem inspirado o sindicato. É nesse mesmo espírito que Helena María Viramontes escreve suas obras. Seu primeiro romance, *Under the Feet of Jesus*, publicado em 1995, retrata o drama de trabalhadoras e trabalhadores rurais migrantes chicanos, mexicanos e latinos nas lavouras do oeste estadunidense. O romance, dedicado a César Chávez, venceu, no ano de sua publicação, o Prêmio John dos Passos, outorgado anualmente pela Universidade de Longwood, Virgínia, EUA, aos melhores novos talentos literários estadunidenses, e trouxe a Viramontes proeminência internacional. Frequentemente comparado com a obra-prima de John Steinbeck, *As vinhas da ira* (1939), o romance gira em torno de Estrella e sua família, ambos trabalhadores rurais migrantes chicanos. Estrella é uma adolescente de treze anos, nascida nos Estados Unidos, filha dos imigrantes mexicanos Petra e o pai de nome não mencionado, que abandonara a família. Vive com sua mãe, o padrasto, Perfecto, e mais quatro irmãos: Ricky, Arnulfo e as gêmeas Perla e Cookie.

Ambientado no Vale de San Joaquin, Califórnia, durante uma estação de colheita de uvas, a obra retrata condições degradantes de trabalho a que são submetidas as pessoas que trabalham nas vinhas, em sua maioria chicanas e imigrantes do México, condições estas que levaram Chávez e Huerta a criar, em 1962, a Associação Nacional dos Trabalhadores Rurais (*National Farmworkers Association*), posteriormente chamada *United Farmworkers*, sindicato que atuou diretamente na negociação de aumentos salariais para essa classe operária, bem como militou, com persistência, pelo seu direito à sindicalização.

Estruturalmente, o romance está dividido em cinco capítulos não intitulados, com espaços em branco marcando a separação de sequências narrativas em cada capítulo. No início

---

<sup>53</sup> A Moratória Chicana (*Chicano Moratorium*), que se estendeu de 1969 a 1971, foi um forte movimento de ativistas da etnia chicana contra a Guerra do Vietnã. É considerada uma das principais ações do *Movimiento*.

do primeiro capítulo, Estrella e sua família estão na estrada, amontoados em um velho carro, migrando para o novo lugar de trabalho, onde começará a colheita. A narrativa ressalta as dores físicas, espirituais e emocionais vivenciadas por eles. Por exemplo, sua mãe Petra é tomada por uma loucura repentina, durante a qual tenta se mutilar. Isso ocorre após ter sido abandonada pelo marido e ser obrigada a educar os filhos sozinha. Então, conhece e se une a Perfecto, que tem esse nome devido à habilidade de seu trabalho manual, que sempre recebe o elogio “Perfecto!”. Estrella, a quem a instrução escolar era constantemente negada, pois “[as] professoras estavam mais preocupadas com a sujeira embaixo de suas unhas”<sup>54</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 24), se depara com a caixa de ferramentas de seu padrasto. Ela abre a caixa, mas aqueles objetos lhe são tão vazios de sentido quanto as letras que via na escola. Após insistir com Perfecto que lhe ensinasse para que serviam, ele lhe explica a função de cada um, conscientizando-a do significado concreto e da utilidade prática daquelas ferramentas. É nesse momento que Estrella aprende a ler.

No segundo capítulo, Estrella e Alejo se apaixonam. Ele é um jovem chicano que migrava do Texas para a Califórnia durante a colheita de uvas para ajudar financeiramente a avó, com quem morava, e conseguir estudar para se tornar geólogo. Esse amor repentino dos dois é contrastado com o sentimento que Perfecto ainda nutre por sua antiga mulher, que deixara no México. Perfecto cogita a possibilidade de abandonar Petra e retornar para o lugar onde vivia com esse seu antigo amor, Mercedes, com quem tivera um filho, falecido ainda bebê. Contando mais de setenta anos de idade, Perfecto está nostálgico e pede a ajuda de Estrella para destruir o velho estábulo que há perto do barraco onde estão temporariamente residindo. Com esse trabalho extra, espera conseguir o dinheiro necessário para custear sua viagem de volta. Estrella, que nutria uma especial afeição por aquele estábulo, se recusa a ajudar o padrasto na demolição.

O terceiro capítulo apresenta uma situação dramática para Alejo. Ele é intoxicado pelos pesticidas utilizados nas vinhas e adocece. Petra e sua família decidem levá-lo até uma clínica improvisada que havia na região, pois Perfecto os advertira de que o jovem estava muito mal e não podia ser curado somente com ervas e preces. Na estrada, o carro da família fica preso na lama e, à exceção de Alejo, todos ajudam a empurrá-lo para tirá-lo do atoleiro, inclusive um grupo de trabalhadores que passava por ali.

No capítulo quarto, chegam à clínica. O lugar é precário e conta apenas com uma enfermeira, anglo-americana, que mal se interage com Alejo e vai logo dizendo que não pode fazer muito por ele, recomendando-lhes que o levem a um hospital. Cobra dez dólares pela

---

<sup>54</sup> “[...] *the teachers were more concerned about the dirt under her fingernails.*”

“consulta”, mas concorda em receber somente os últimos nove dólares e sete centavos que Perfecto tem na carteira. Estrella, então, tenta convencer a enfermeira a aceitar os serviços do padrasto em vez daquela soma, pois se lembra de que precisarão do dinheiro para comprar gasolina e levar o rapaz ao hospital. Porém, a enfermeira se recusa. É nesse momento que Estrella se dá conta de que o árduo trabalho deles é que tornava possível a vida confortável daquela enfermeira, concluindo que “[...] a enfermeira devia tanto *a eles* quanto eles a ela”<sup>55</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 148). Indignada com o tratamento que ali receberam e tomando as dores da humilhação da família e de Alejo, Estrella corre até o carro de Perfecto, apanha um pé de cabra e ameaça a enfermeira, exigindo o dinheiro de volta, exatamente a quantia que haviam entregue a ela, nem mais nem menos. De posse dos nove dólares e sete centavos, a família parte da clínica com Alejo, abastece o carro e leva o jovem para o hospital mais próximo, onde o deixa.

No quinto e último capítulo, não se tem mais notícia de Alejo, que fora deixado no hospital, em Corazón. Perfecto descobre que Petra está esperando um filho seu, mas ele não está disposto a assumir a responsabilidade de educar essa criança e continua a se entreter com lembranças de sua vida com Mercedes, embora esteja ciente de que não conseguirá essa vida de volta. Estrella, por sua vez, caminha pela escuridão da noite e adentra o antigo estábulo, observando as estrelas que iluminam o céu. Aquele estábulo era o único lugar onde ela se sentia verdadeiramente livre. Nessa última cena do romance, a narrativa enfatiza a nova consciência crítica que havia despertado em Estrella, sua libertação dos discursos dominantes que até então a oprimiam. Naquele espaço proibido que acabara de adentrar, acontece o seu renascimento simbólico. Tanto ela quanto o estábulo passam a ser representados como uma mulher em trabalho de parto. A jovem agarra a corrente que pendia do teto e, com toda sua força, vai escalando os seus elos até o topo, onde há uma janela para o exterior. Novamente, Estrella tem que se impulsionar com vigor para conseguir se libertar daquele espaço que ainda a asfixiava. Enfim, ela rompe esse último obstáculo, “[...] como se estivesse saindo de uma caixa”<sup>56</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 175), e, já livre sobre o telhado, caminha com segurança, certa de que seu coração, “[c]omo os grandes sinos das catedrais”,<sup>57</sup> era “[...] poderoso o bastante para trazer de volta ao lar todas aquelas pessoas que se haviam perdido”<sup>58</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 176).

---

<sup>55</sup> “[...] *the nurse owed them as much as they owed her.*”

<sup>56</sup> “[...] *as if she were climbing out of a box.*”

<sup>57</sup> “[...] *like the chiming bells of the great cathedrals [...].*”

<sup>58</sup> “[...] *powerful enough to summon home all those who strayed.*”



Apesar dessa nossa exposição cronologicamente linear da trama do romance, o tempo não é representado dessa forma na obra, conforme discutiremos no segundo capítulo. Há idas e vindas cronológicas (prolepses, analepses, *flashbacks* e *flashforwards*), o que torna a leitura do romance particularmente desafiadora e contribui para reorientar a nossa própria consciência leitora. Além do tratamento não convencional do tempo narrativo, o uso do código linguístico, como também exemplificaremos no segundo capítulo, é inovador e igualmente importante para retratar mais fielmente a realidade chicana e a nova leitura de mundo adquirida por Estrella.

Pelo seu enredo, podemos considerar *Under the Feet of Jesus* como um romance de formação (*Bildungsroman*), já que, no centro da trama, está o amadurecimento da adolescente Estrella, o qual se dá ao longo do décimo terceiro ano de vida da garota, evidenciando, assim, a transição da ingenuidade da infância para uma adolescência pensante e crítica, que se torna promissora de um futuro melhor para ela e o seu povo. Essa transição de uma infância ingênua, desprovida de agência, para um nível de consciência crítica somente é possível na medida em que Estrella progressivamente alcança um estágio mais avançado de letramento, em meio a experiências traumáticas diversas, vivenciadas no trabalho, na família e na sociedade em geral, que a relega às margens. É uma transição que metonimicamente representa, conforme argumentaremos no segundo capítulo, a possibilidade de afirmação identitária e ressignificação do trauma cultural de todo o povo chicano. Na narrativa, o cenário de beleza ímpar dos campos da Califórnia é posto em explícito contraste com as mazelas da população rural migrante: pobreza, doença, dignidade desrespeitada, condições insalubres de trabalho, exacerbadas pelo uso indiscriminado de pesticidas, salários ínfimos e uma quase total ausência de assistência à saúde.

Podemos afirmar que *Under the Feet of Jesus* ecoa o enredo de *...Y no se lo tragó la tierra (...And the Earth Did Not Devour Him)*, de Tomás Rivera, em que o protagonista é um adolescente sem nome, mas que, assim como Estrella, também adquire agência por meio da aquisição de uma consciência crítica da sua realidade individual e social. Com relação às semelhanças entre esses dois romances, afirma Paula Moya:

*Both novels focalize the social world from the perspectives of Mexican origin farmworkers. Both novels center around a young person who models the process of coming to a more adequate understanding of the world he or she lives in. Both juxtapose, in a chronological narrative, a variety of farmworkers' subjective experiences that a careful reader must order and synthesize before they can be understood as an intelligible whole. And finally, both posit the activity of*

*interpretation as a necessary precondition to effective agency.*<sup>59</sup> (MOYA, 2002, p. 207).

Tanto em *Under the Feet of Jesus* quanto em *...Y no se lo tragó la tierra*, temos uma contundente representação do trauma infligido pelos Estados Unidos ao povo mexicano e, por extensão, à população imigrante do México e ao povo chicano, desde os tempos da Marcha para o Oeste: guerras, desapropriação de terras, exploração desmedida da força de trabalho, racismo, estupro, linchamentos e abusos os mais variados. Com efeito, na arte chicana como um todo e na literatura, especificamente, são numerosas as representações desse trauma histórico, tendo sido o Movimento Chicano da década de 1960 uma espécie de catalisador dessas representações, desencadeando o trauma cultural, conforme discutiremos no terceiro capítulo.

Com relação à fortuna crítica brasileira de Helena María Viramontes, constatamos que a autora e sua obra são ainda pouco estudadas na academia. No Banco de Teses e Dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), encontramos apenas dois registros de dissertações, ambas defendidas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *Going for the Jugular: Strategies of Resistance in the Fiction of Helena María Viramontes*, defendida, em 2006, por Mônica Castelo Branco de Oliveira, versa sobre alguns contos da autora e sobre o romance *Under the Feet of Jesus*, focalizando a apropriação de mitos astecas e lendas mexicanas por parte de personagens femininas, históricas ou míticas (La Malinche, La Llorona, The Hungry Woman), com o objetivo de evidenciar como essa apropriação se torna fundamental para que as mulheres chicanas, da realidade e da ficção, enfremem o domínio patriarcal, colonial e neocolonial.<sup>60</sup>

A dissertação *Of Dogs and Men: Strategies of Control and Resistance in the Fiction of Helena María Viramontes*, defendida por Lídia da Cruz Cordeiro Moreira, em 2009, é uma análise do romance *Their Dogs Came with Them* (2007) e dos contos “Neighbors” e “The Cariboo Café” (1985), tendo como principal tema a inter-relação das apropriações do espaço e do poder nos Estados Unidos, discutindo como tal relação se encontra refletida na ficção de Viramontes.<sup>61</sup>

<sup>59</sup> “Os dois romances focalizam o mundo social a partir das perspectivas dos trabalhadores rurais de origem mexicana. Ambos estão centrados em torno de uma pessoa jovem que modela o processo de alcançar um entendimento mais adequado do mundo em que se vive. Ambos justapõem, em uma narrativa cronológica, uma variedade de experiências subjetivas dos trabalhadores rurais, que um leitor cuidadoso deve ordenar e sintetizar antes de serem entendidas como um todo inteligível. E, por fim, ambos colocam a atividade de interpretação como condição necessária para uma agência efetiva”.

<sup>60</sup> O texto completo dessa dissertação encontra-se disponível em:  
[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ\\_b3e6f0582fe1a6e76ce8fdf28f7c82f3](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_b3e6f0582fe1a6e76ce8fdf28f7c82f3).

<sup>61</sup> A dissertação, em sua íntegra, encontra-se disponível em:  
[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ\\_647f19f87471ec112f12e98930673d9f](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_647f19f87471ec112f12e98930673d9f).

A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leila Assumpção Harris, docente-pesquisadora da área de literatura norteamericana da UERJ e líder da linha de pesquisa “A voz e o olhar do outro: questões de gênero e/ou etnia nas Literaturas de Língua Inglesa”, é autora de dois artigos que abordam a obra ficcional de H. M. Viramontes. No texto “As escritoras chicanas contemporâneas: conscientização, resistência e transformação”, de 2005, a pesquisadora apresenta uma sucinta discussão acerca do contraste marcante que *Under the Feet of Jesus* expõe entre a fertilidade da terra dos vales da Califórnia e as necessidades fundamentais daqueles indivíduos que lavram essa terra e dela colhem os frutos para alimentar pessoas que os subjagam e aviltam seus direitos mais elementares de sobrevivência.

Em “The Deconstruction of Cultural Icons in the Fiction of Sandra Cisneros and Helena María Viramontes”, publicado em 2009, Harris, com base em estudos de teóricas como Trinh Minh-ha e Gayatri Spivak, discute como a ficção de Viramontes e Cisneros apresenta a desconstrução de ícones culturais como estratégia de resistência utilizada por mulheres de minoria chicana.

Enquanto, no contexto nacional, trabalhos acadêmicos sobre Helena María Viramontes são ainda escassos, no cenário internacional, podemos verificar que a autora é amplamente conhecida e estudada, tanto em programas de graduação quanto de pós-graduação. Em virtude da limitação de espaço, aqui nos deteremos apenas em textos sobre *Under the Feet of Jesus* que mais diretamente se relacionam com os temas abordados em nosso estudo.

Michael Nieto García (2004), em seu artigo “Social Space, Language, and Consciousness in Helena María Viramontes’s *Under the Feet of Jesus*”, valendo-se de teorias pós-modernas sobre o espaço, apresenta uma análise do espaço social dos trabalhadores rurais migrantes retratados no romance, argumentando que a evolução do domínio linguístico é o veículo principal para que Estrella adquira uma nova consciência e seja capaz de libertar-se dos múltiplos discursos neocoloniais que a oprimem. O autor afirma que é somente por meio do desenvolvimento da competência linguística que a protagonista consegue perceber criticamente e reestruturar o espaço em que está inserida.

*Rebozos de Palavras: an Helena María Viramontes Critical Reader*, antologia crítica da obra de Viramontes, organizada por Gutiérrez y Muhs (2013), apresenta três artigos referentes a *Under the Feet of Jesus*. O argumento central em ““Had They Been Heading for the Barn All Along?”: Viramontes’s Chicana Feminist Revision of Steinbeck’s Migrant Family”, de Barbara Brinson Curiel, é que *Under the Feet of Jesus* denuncia as forças sociais que geram a pobreza econômica e estratificam as classes. Partindo da imagem do estábulo

(*barn*), com a qual Viramontes inicia a sua história e Steinbeck termina suas *Vinhas da Ira*,<sup>62</sup> Curiel discute o processo de aquisição de consciência crítica vivenciado por Estrella, argumentando, à luz do conceito de consciência *mestiza* de Anzaldúa (1987), que a experiência chicana dessa *conciencia de mujer* (consciência de mulher) implica abraçar identidades múltiplas e recusar binarismos impostos pelo discurso (patriarcal) hegemônico (apud GUTIÉRREZ Y MUHS, 2013, p. 27-47).

No artigo “Phantoms and Patch Quilt People: Narrative Art and Migrant Collectivity in Helena María Viramontes’s *Under the Feet of Jesus*”, Yvonne Yarbrow-Bejarano explora as imagens metafóricas utilizadas na obra, especialmente as que concernem ao corpo reprodutor feminino, para enfatizar as experiências migratórias das trabalhadoras e dos trabalhadores rurais chicanos (apud GUTIÉRREZ Y MUHS, 2013, p. 67-96).

Em “Crowbars, Peaches, and Sweat: Coming to Voice through Image in *Under the Feet of Jesus*”, R. Joyce Z. L. Garay tece considerações teóricas aprofundadas sobre subalternidade e discute a caracterização das personagens femininas em *Under the Feet of Jesus*. Garay afirma que as personagens centrais do romance não são apenas membros da classe operária, mas podem ser também descritas como subalternas, à luz do conceito de subalternidade proposto por Gayatri Spivak (1997). Como explica Garay, isso se deve ao fato de essas personagens estarem posicionadas no complexo social não somente como pessoas da classe trabalhadora, mas também como indivíduos com baixo grau de letramento, sem identidade própria e situados em um entrelugar (BHABHA, 2004 apud GUTIÉRREZ Y MUHS, 2013, p. 192-216).

O artigo “Reading as a Realist”, da teórica Paula Moya (2002), apresenta discussões relevantes sobre o tema do letramento da personagem Estrella, trazendo contribuições imprescindíveis para o nosso trabalho. Segundo Moya, *Under the Feet of Jesus* amplia a noção de letramento, na medida em que apresenta a leitura como uma habilidade que ultrapassa a mera decodificação da escrita e pressupõe o total engajamento de um indivíduo com sua realidade histórica. Para a autora, o romance elucida as inter-relações existentes entre interpretação, entendimento e agência, propondo a capacidade leitora como pré-condição para a efetiva agência humana.

Em sua análise do romance, Moya afirma que *Under the Feet of Jesus* requer uma teoria da interpretação que coloque em primeiro plano os aspectos materiais do processo interpretativo. Valendo-se da teorização literária de Satya P. Mohanty (1997), sobre assuntos

---

<sup>62</sup> Em *As vinhas da ira*, a palavra *barn* foi traduzida como celeiro. Optamos por traduzi-la como estábulo, dada a associação dessa palavra com o lugar em que, segundo a tradição católica, nasceu o Menino Jesus. Acreditamos que **estábulo** seja mais coerente em um contexto ficcional com recorrentes referências cristãs.

relacionados ao pós-modernismo, à objetividade e ao multiculturalismo, a autora argumenta que o romance de Viramontes implica uma leitura realista pós-empirista no que se refere a questões de identidade e interpretação. O estudo que Moya empreende de *Under the Feet of Jesus* aplica essa abordagem de leitura, em três dimensões que se inter-relacionam. Na dimensão metafórica, a teórica conclui que Viramontes faz uma analogia entre palavras e ferramentas para retratar o ato interpretativo como engajamento material do indivíduo com o mundo. Na dimensão estrutural, Moya entende que o recurso do foco narrativo é utilizado em *Under the Feet of Jesus* para colocar em relevo o status epistêmico da identidade. Já na dimensão temática, a autora afirma que o romance detalha como, a partir do letramento, Estrella se empodera, tornando-se uma leitora mais eficiente do seu mundo sociopolítico.

Se, por um lado, as discussões de *Under the Feet of Jesus* tocam, recorrentemente, no tema do letramento, por outro, não encontramos nelas qualquer referência à questão do trauma cultural chicano. Com efeito, discussões sobre a etnia chicana em geral e o Movimento Chicano em particular, sob a ótica do trauma cultural, são ainda inexistentes. No entanto, a própria autora Helena María Viramontes, em conversa que tivemos via Skype,<sup>63</sup> afirma que ler *Under the Feet of Jesus* pelo prisma do trauma cultural é um empreendimento que faz absoluto sentido.

Assim, as perguntas norteadoras deste trabalho são: de que forma a pauta de *Under the Feet of Jesus* evidencia o trauma cultural chicano? Por que, dentre todas as personagens de *Under the Feet of Jesus*, somente uma garota de 13 anos consegue ressignificar esse trauma? Em que medida o letramento contribui para que ela o ressignifique? Por que, mesmo após o ativismo de César Chávez, Dolores Huerta e outros chicanos, e seus êxitos logrados em favor do seu grupo étnico, a autora representa o drama da classe trabalhadora rural migrante como se esta ainda carecesse de uma liderança libertadora?

Nossa hipótese é que o trabalho rural migrante e as extremas adversidades a ele associadas, em termos de educação e saúde, por exemplo, são causas e sintomas do trauma cultural chicano e que, apesar dos esforços ativistas de Chávez, Huerta e outros, o trauma da opressão (neo)colonial ainda continua a assolar esse grupo étnico e somente pode ser ressignificado por meio do desenvolvimento de uma consciência crítico-reflexiva-agente, engendrada pela linguagem. A garota de treze anos, cujo nome metaforiza o seu reposicionamento no topo da conjuntura social que habita, pode ser entendida como uma sinédoque utilizada pela autora para indicar a necessidade e a esperança de uma reorientação da história por parte do seu grupo étnico, por meio dessa nova consciência-ação.

---

<sup>63</sup> O Anexo II deste trabalho apresenta trechos do diálogo que tivemos com a autora, via Skype, no dia 9 de setembro de 2019.

Orienta o nosso trabalho, sobretudo, a teoria do trauma cultural, que abordaremos mais detidamente no terceiro capítulo. A teoria pós-colonial e a feminista, mesmo que indiretamente, também embasam nossa leitura. O patriarcalismo, a escravidão e o imperialismo são, afinal, ocorrências históricas inter-relacionadas e constituem temas centrais do referencial teórico que focaliza o trauma.

Ressaltamos a relevância da presente pesquisa no âmbito dos estudos brasileiros dedicados à literatura pós-colonial e à não hegemônica, uma vez que a literatura chicana, que traz à tona uma gama de questões de cunho socioeconômico e político que se aproximam das nossas próprias, é ainda escassamente explorada na academia. Dessa maneira, esperamos que nosso trabalho permita evidenciar tais aproximações e suscitar novas pesquisas.

## 1 HISTÓRIA E FICÇÃO: CONFLUÊNCIAS NAS ENTRELINHAS

*“The novel, like the myth and the parable, gives a view of society from its contemplation of social life, reflecting it, mirror-like, but also reflecting upon it, simultaneously.”*

(WA THIONG’O, *Globalectics*, p. 16)

*Under the Feet of Jesus* não faz referência direta a qualquer acontecimento histórico, o que interpretamos como um recurso discursivo mediante o qual a história (ficcional) interroga a história (factual) se realmente as experiências traumáticas do povo chicano ficaram no passado. A não referência direta a acontecimentos factuais específicos também contribui para que a representação no romance adquira um caráter de universalidade, isto é, o drama de *piscadoras e piscadores*<sup>64</sup> chicanos<sup>65</sup> retratado no romance pode ser entendido como sinédoque dos múltiplos traumas que assolam as diversas minorias existentes nos Estados Unidos e em outras partes do mundo.

Para o historiador Hayden White (1999), os fatos ocorridos na história abrem a possibilidade de se narrar sobre os mesmos. Apesar de *Under the Feet of Jesus* não fazer alusão explícita a fatos ocorridos no mundo real, podemos constatar que uma série de desdobramentos (traumáticos) da história chicana subjaz à trama. Neste capítulo, abordaremos alguns desses desdobramentos e discutiremos como o romance mexe nessa ferida.

### 1.1 Na trama do trauma: desdobramentos históricos

Como salientamos na parte introdutória deste trabalho, o México perdeu uma enorme parte do seu território norte para os Estados Unidos, o que também ocasionou a perda de posses (de terra, sobretudo) e da identidade dos indivíduos que residiam naquela parte geográfica até então sob jurisdição mexicana. A grande maioria desses indivíduos optaram por não se deslocar para o México e passaram a ser considerados estrangeiros em sua própria terra.

De acordo com o Tratado de Guadalupe Hidalgo, que pôs fim à Guerra Mexicano-Americana, em 1848, as práticas culturais mexicanas ficariam protegidas na nova configuração geopolítica, e as concessões de terra e direitos de posse estabelecidos anteriormente à guerra, durante o período pós-independência mexicano, seriam devidamente respeitados com base no

<sup>64</sup> No espanhol mexicano, *pisca* significa colheita, e *piscador*, aquele que colhe.

<sup>65</sup> A etnia chicana não é a única retratada no romance. Há personagens de países latinos, além do México, e outras asiáticas e anglo-americanas. Porém, a família que protagoniza a trama é chicana, assim como o jovem Alejo e a maioria das personagens que trabalham nas vinhas.

direito internacional (VIGIL, 2012, p. 165). Entretanto, como ressalta o historiador Richard Griswold del Castillo, “[o tratado] juntou-se à lista de centenas de outros tratados que os Estados Unidos fizeram com tribos nativas americanas no século dezenove e que têm sido quase totalmente ignorados desde então”<sup>66</sup> (DEL CASTILLO, 1990, p. 173). As práticas e padrões culturais que, de início, seriam resguardados pelos anglo-americanos com o reconhecimento e a acomodação da língua espanhola e da religião católica, por exemplo, não receberam o respeito pactuado, e a população mexicano-americana recém-constituída começou a ser alvo de crescentes preconceitos e discriminações com base em seus costumes, suas crenças e sua língua (MEIER; RIBERA, 1993).

Desde sua gênese, a história chicana é marcada por acontecimentos traumáticos: a guerra, a desapropriação de terras, linchamentos, estupros, a espoliação de direitos, costumes e práticas, a opressão cultural desmedida e outras formas de violência, resultantes da ideologia hegemônica neocolonial dos Estados Unidos. Como reitera a socióloga Irene Blea,

*Chicanos were excluded from education, or their education was inferior. Political participation was impossible, and they lost the land (the basis of their wealth). Chicanos suffered religious discrimination, shootings, hangings, and general violence. Many women were raped and otherwise violated. [...] Women, men, and children resisted the hated and feared Texas Rangers.* (BLEA, 1992, p. 46-47)<sup>67</sup>

Os anglo-americanos convenciam-se cada vez mais de que um povo “de raça e cultura inferiores” não era merecedor de privilégios culturais e socioeconômicos. Eles eram, afinal, uma “raça vira-lata que incorporava não somente os genes dos ‘peles-vermelhas’, mas também dos ‘negros’”<sup>68</sup> (DE LEÓN, 1983, p. 15) e seus costumes “atrasados” impediam o pleno uso da terra e de seus recursos naturais. De acordo com De León, os novos líderes estavam convictos de que somente haveria progresso civilizacional se a terra estivesse sob controle dos anglo-americanos: “[...] se os mexicanos não podiam acompanhar o ritmo do progresso ianque, ou melhorar seu padrão de vida, era por sua própria culpa”<sup>69</sup> (DE LEÓN, 1983, p.26-27).

Pelo Tratado de Guadalupe Hidalgo, o povo mexicano do então recém-incorporado território dos Estados Unidos havia “se tornado branco”, detentor dos “mesmos” direitos da

<sup>66</sup> “[the treaty] joined the ranks of hundreds of other treaties that the United States made with Native American tribes in the nineteenth century that have been almost totally ignored since then.”

<sup>67</sup> “Os chicanos foram excluídos da educação, ou sua educação era inferior. A participação política era impossível, e eles perderam a terra (a base de sua riqueza). Os chicanos sofreram discriminação religiosa, tiroteios, enforcamentos e violência em geral. Muitas mulheres foram estupradas e violadas de outras formas. [...] Mulheres, homens e crianças resistiam os odiados e temidos Texas Rangers”.

<sup>68</sup> “mongrel race that not only incorporated the genes of the ‘redskin’ but also those of the ‘nigger’.”

<sup>69</sup> “[...] if Mexicans could not keep pace with Yankee progress, or improve their standard of living, it was their own fault.”



população estadunidense. Ocorre, porém, que o status de branco não passara de uma falácia, uma estratégia política para impor deveres àquelas pessoas e lhes roubar seus direitos naquele “novo” país. Com efeito, os anglo-americanos nativistas consideravam esses indivíduos como gente forasteira e não pouparam esforços, na esfera legal e econômica, para os excluir da cidadania.

Um número cada vez maior de anglo-americanos e imigrantes europeus chegava ao sudoeste, em especial à Califórnia, sobretudo nas décadas de 1850, com a corrida do ouro, e de 1870 em diante, com a construção das ferrovias. Durante esse período, os anglo-americanos construíram um grande império econômico: “[...] até 1900, somente a produção de minérios dos territórios perdidos totalizava mais que a renda nacional da República do México”<sup>70</sup> (RAAT, 1992, p. 78). Com todo esse controle econômico por parte dos Estados Unidos, a população mexicano-americana se viu obrigada a trabalhar em massa nos empregos mais rudimentares, sempre recebendo um salário menor pelo mesmo serviço prestado por um indivíduo anglo-americano. “Já que os mexicanos tinham que comer, eles trabalhavam em qualquer emprego, o que geralmente significava o mais ordinário”<sup>71</sup> (VIGIL, 2012, p. 172). Tornaram-se, assim, em sua grande maioria, *braceras* e *braceros*, ou seja, trabalhadoras e trabalhadores braçais, nas minas, na construção das estradas férreas e, sobretudo, nas lavouras.

Particularmente relevantes, no tocante à temática do presente estudo, são os abusos sofridos pelo povo mexicano-americano<sup>72</sup> no que diz respeito ao trabalho nas lavouras, à educação e à saúde. Dedicado a César Chávez e com expressivas passagens retratando a educação escolar e o sistema de saúde precários disponibilizados às trabalhadoras e trabalhadores migrantes rurais, *Under the Feet of Jesus* revela a consciência e o engajamento político que distinguem sua autora. Um romance dedicado a Chávez não somente evoca a memória dessa figura histórica, mas traz a lume e presta tributo a todas aquelas pessoas, *piscadoras* e *piscadores*, que motivaram sua luta.

O *Bracero Program* (Programa de Serviço Braçal) foi uma iniciativa (precursora do atual visto H2-A)<sup>73</sup> do governo estadunidense que recrutou indivíduos mexicanos para trabalhar

<sup>70</sup> “[...] by 1900, the mineral output alone of the lost territories amounted to more than the national income of the Mexican Republic.”

<sup>71</sup> “Since Mexicans had to eat, they worked at any job, which usually meant the lowest.”

<sup>72</sup> Ressaltamos que somente a partir da década de 1960, com o Movimento, é que o termo *chicano* passa a ser empregado com conotação positiva, designando o indivíduo de ascendência mexicana, com identidade própria e consciência política.

<sup>73</sup> “O programa agrícola temporário H2A estabelece um meio para os empregadores agrícolas que antecipam uma escassez de trabalhadores domésticos trazerem estrangeiros não imigrantes para os EUA, para realizarem trabalho agrícola ou outros serviços de natureza temporária ou sazonal” (LAW OFFICES OF WITER DESIQUEIRA, 2019).

sazonalmente, em virtude da escassez de pessoas que prestassem serviços braçais.<sup>74</sup> Pode ser dividido em três períodos: o período durante e logo após a Segunda Guerra Mundial, de 1942 a 1947; o segundo, de 1948 a 1951, e o terceiro, de 1951 a 1964, que foi implementado devido à falta de mão de obra durante a Guerra da Coreia. A maioria da população *bracera* trabalhava na agricultura da Califórnia, e a outra parte, na construção de ferrovias. “Os produtores rurais eram favoráveis aos *braceros* porque eles eram de confiança, competentes e baratos, e porque não podiam ser recrutados para a guerra”<sup>75</sup> (MEIER; RIBERA, 1993, p. 175). Entre as reclamações mais comuns dessa massa trabalhadora, estavam o preconceito e a discriminação, a extrema precariedade das acomodações e da alimentação, maus-tratos físicos, descontos injustos na remuneração, cobranças indevidas por acomodação e alimento, exposição imprópria a agrotóxicos e baixíssimos salários, que mal davam para cobrir os gastos com casa e comida.

*Braceros had little or no choice about housing and food, and charges for room and board were deducted from their pay. They complained that food, provided by concessionaries, was often foreign to Mexican tastes, of low quality, and poorly prepared. More serious were the complaints about housing, which generally was shabby, often pest-ridden, and substandard to the point of providing barely minimal shelter. At first braceros were often housed in dilapidated farm structures, decrepit trailers, railroad cars, and even in modified chicken coops.*<sup>76</sup> (MEIER; RIBERA, 1993, p. 179).

É nesse contexto de usurpação de direitos individuais e sociais que surge César Estrada Chávez, que, juntamente com o ativista, professor e poeta chicano Ernesto Galarza, denunciou o tratamento desumano dispensado à população *bracera* e, em esforços conjuntos com o Ministério do Migrante da Califórnia (*California Migrant Ministry*) e do Conselho Nacional Católico do Bem-Estar Social (*National Catholic Welfare Council*),<sup>77</sup> levou o Ministério do Trabalho a iniciar um procedimento investigatório do *Bracero Program* e a conseguir pequenas

<sup>74</sup> A população estadunidense migrante da época da *Dust Bowl* (Tempestade de Areia) forneceu a maior parte da mão de obra nas lavouras ainda durante a década de 1930, mas começou a tornar-se escassa a partir do final dessa década, atraída por melhores salários oferecidos por indústrias bélicas (MEIER; RIBERA, 1993, p. 173).

<sup>75</sup> “*Growers favored braceros because they were dependable, able, and cheap and because they enjoyed draft-free status.*”

<sup>76</sup> “Os *braceros* tinham pouca ou nenhuma escolha com relação a alimentação e moradia, e cobranças referentes a casa e comida eram aplicadas ao seu pagamento. Eles reclamavam de que a comida, fornecida por concessionárias, era frequentemente estranha ao paladar dos mexicanos, de baixa qualidade e pobremente preparada. Mais sérias eram as reclamações a respeito da moradia, que geralmente era miserável, frequentemente infestada de pragas e de qualidade tão baixa que mal possibilitava um mínimo abrigo. No início os *braceros* eram normalmente alojados em barracões em ruínas, trailers muito velhos, vagões de trem e até mesmo galinheiros”.

<sup>77</sup> César Chávez foi um líder político fervorosamente católico. Em seu ativismo, o jejum e a peregrinação, exercícios tradicionais da espiritualidade católica, têm um papel fundamental. Luis D. León chega a afirmar que “o corpo de Chávez [...] [é] uma alegoria da paixão de Cristo” (“*Chávez’s body [...] [is] an allegory of the passion of Christ*” – apud GUTIÉRREZ Y MUHS, 2013, p. 37). Dessa religiosidade operante, também decorre o fato de Chávez ser frequentemente equiparado a Martin Luther King Jr.

mudanças positivas nas condições de trabalho e moradia para os indivíduos nesse programa. O feito maior de Chávez, entretanto, pelo qual é mundialmente conhecido, foi ter conseguido sindicalizar as trabalhadoras e os trabalhadores rurais migrantes na década de 1960, fundando, com o apoio de outros ativistas, sobretudo da chicana Dolores Huerta, a Associação Nacional dos Trabalhadores Rurais (*National Farmworkers Association*), que, em 1966, se tornou Trabalhadores Rurais Unidos (*United Farmworkers*), sindicato sediado na Califórnia e operante até os dias de hoje.

Em setembro de 1965, a Associação Nacional dos Trabalhadores Rurais, cujos membros enfrentavam condições insalubres de trabalho e salários ínfimos nas vinhas da Califórnia, juntou-se à população filipina da Comissão Organizadora dos Trabalhadores Agrícolas (*Agricultural Workers Organizing Committee*), liderada por Larry Itliong, em uma greve contra os produtores de uva do Vale de San Joaquin. *La huelga* (a greve), como ficou conhecida, acabou sendo liderada por Chávez, que se tornou um ícone de protesto caracterizado pela não violência em prol da dignidade humana e dos direitos civis. Assim, Chávez reproduzia o exemplo de duas personalidades que tiveram grande influência em seu ativismo: Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr. “César Chávez é para os mexicano-americanos o que Martin Luther King Jr. é para os africano-americanos – um líder de estatura icônica”<sup>78</sup> (WELLS, 2009, p. 5).

Se a década de 1960 ficou historicamente conhecida pelo impacto que exerceu na consciência política de um expressivo número de pessoas no mundo ocidental, particularmente nos Estados Unidos, é preciso destacar o importante papel que as marchas tiveram nesse sentido. Dentre elas estão as que ocorreram no Alabama, em 1965, com a participação direta de Martin Luther King Jr., decisivas na luta pelos direitos civis protagonizada pela população africano-americana. Uma outra, de não menos importância, foi a Marcha de Delano, ocorrida em 1966 e liderada por César Chávez. Essa foi, na verdade, uma extensão da *huelga*, cujos principais desdobramentos foram encaminhados por Chávez. Após essa marcha de mais de 500 quilômetros, de Delano a Sacramento, Chávez fez um jejum de vinte e cinco dias, com o objetivo de motivar a população grevista para um engajamento político não violento, e, a exemplo do boicote econômico promovido, em 1965, por Martin Luther King Jr., iniciou um boicote nacional de compra de uvas, que durou de 1968 a 1970 e teve muita repercussão nos Estados Unidos e em outros países. Foi por meio dessas iniciativas comunitárias que o

---

<sup>78</sup> “Cesar Chavez is to Mexican Americans what Martin Luther King, Jr. is to African Americans – a leader of iconic stature.”

trabalho da população rural migrante (mexicano-americana, latina e asiática) alcançou um mínimo de reconhecimento e credibilidade por parte da sociedade estadunidense.<sup>79</sup>

*Under the Feet of Jesus*, ao apresentar uma trama que figura a luta da população migrante rural, especialmente de etnia chicana, e prestar memória a César Chávez, é um romance que, mesmo não fazendo referência direta a episódios históricos, nos permite ver nas entrelinhas o compromisso com a história desse povo trabalhador, a quem o poder neocolonial do agronegócio dos Estados Unidos, desde o início da conquista do território mexicano, impôs um sistema de trabalho braçal muito assemelhado à escravidão. Como Steinbeck retrata em *Vinhas da ira*,

[...] a agricultura era uma indústria, e os donos das terras seguiam o sistema da Roma antiga, conquanto não o soubessem. Importavam escravos, embora não os chamassem de escravos: chineses, japoneses, mexicanos, filipinos. Eles vivem de arroz e feijão, diziam os negociantes. Não precisam de muita coisa para viver. Nem saberiam o que fazer com bons salários. Ora, veja como eles vivem. E se acaso se tornarem exigentes, a gente os expulsa do país. (STEINBECK, 2016, p. 291).

Em diversas passagens de *Under the Feet of Jesus*, as condições excruciantes de trabalho, bem como a precariedade da alimentação e moradia suportada pelos trabalhadores rurais chicanos, são claramente retratadas. A título de exemplo, notemos o modo explícito de narração e descrição do barraco em que Estrella e sua família vão morar durante a safra de uvas. A romantização do cenário que podemos entrever no trecho, assim como em todo o romance, funciona como um recurso narrativo que Viramontes utiliza para ironicamente contrastar a beleza e a tranquilidade da paisagem natural com as aflições inerentes ao tipo de vida a que Estrella e sua família (assim como outros indivíduos nas mesmas condições) estavam relegados:

*Perfecto lifted a finger from the steering wheel and pointed to a shabby wood frame bungalow. Blond tufts of asparagus weeds grew along the front of the bungalow and in between the warped boards of the porch steps. [...] Petra crosses her arms. The bigger oak tree which once branched an arc of shade to the roof was cut so far down, the stump was useless even as a seat. The cooking pit seemed farther from the porch. [...] The grate needed scrubbing and [...] Petra turned when the porch planks moaned at the weight of Perfecto's boot popping a scorpion.*<sup>80</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 6-8).

<sup>79</sup> Um dos líderes políticos que apoiaram Chávez e suas iniciativas em prol do seu povo, desde o início, foi o então senador de ascendência irlandesa Robert Francis Kennedy, assassinado em 1968.

<sup>80</sup> “Perfecto levantou um dedo do volante e apontou para um casebre de madeira acabado. Tufos loiros de aspargosamambaia cresciam pelo quintal da frente do casebre e por entre as tábuas empenadas dos degraus da varanda. [...] O carvalho maior cujo galho antes fazia um arco de sombra sobre o telhado estava cortado tão baixo que o toco não servia nem como assento. O buraco que servia de fogão parecia mais longe da varanda. [...] A grelha precisava de uma esfregada e [...] Petra se virou quando as tábuas da varanda rangeram com o estalo da botina de Perfecto matando um escorpião”.

Em outro excerto, a descrição da tarde extenuante de trabalho na lavoura cria uma sinédoque realista da exaustiva rotina de Estrella e dos demais *piscadores*:

*The white light of the sun worked hard. Even the birds wavered on the crest of the heat waves. Under the leafy grapevines, the grapes hung heavy. She had readied the large rectangular sheet of newsprint paper over an even bed of tractor levelled soil, then placed the wooden frame to hold the paper down. Now, her basket beneath the bunches, Estrella pulled the vine, slit the crescent moon knife across the stem, and the cluster of grapes was guided to the basket below. [...] The sun was white and it made Estrella's eyes sting like an onion, and the baskets of grapes resisted her muscles, pulling their magnetic weight back to the earth.*<sup>81</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 49-50)

A respeito dessa característica realista no romance de Viramontes, é preciso considerar que, ao fazer uso da escrita como ato político, a autora propositadamente justapõe a exuberância da paisagem da Califórnia com a crueza da vida da população rural migrante, contrastando o natural com o cultural, numa prosa objetiva em que as várias imagens e metáforas, como as do excerto abaixo, tornam-se recursos discursivos importantes para expor, criticar e denunciar as injustiças. Aromas e sabores agradáveis emanam da narrativa – a partir de sugestivas imagens como as de tortillas, alho, chili e tripas fritas (p. 7), de vento mentolado (p. 9) e de pepinos com limão, sucos de tamarindo e hibisco (p. 51) –, mas apenas para reforçar o contraste com os tantos dissabores vivenciados pelas personagens, que, assim como Perfecto na cena a seguir, são asfixiados pelo cheiro fétido de desespero. O belo da natureza é vivamente retratado, mas se torna uma imagem irônica que denuncia e rechaça a aviltante discrepância entre o natural e o cultural. O excerto abaixo, que retrata a “novidade” do lugar em que Estrella e a família vão morar, ilustra essa característica do romance:

*The fragrance of toasted corn tortillas, of garlic and chile bubbling over the flames, of fried tripas spitting fat in a cast-iron skillet, rose like dust to [Petra's] nose. [...] **The stink of despair** shot through the musty sunlight, and [Perfecto] knocked a fist against the window to loosen the swollen pane to get some fresh air into the room. Cobwebs laced the corners. [...] Estrella listened to the tease of words and leaves. The eucalyptus trees lined the dirt road like a row of thin dancing girls fanning their feathers. The breeze billowed her dress and for a moment she held her elbows as she watched the mother swish the broom against the mentholated wind.*<sup>82</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 7-9, grifo nosso).

<sup>81</sup> “O clarão do sol era intenso. Até os pássaros tremiam no pico das ondas de calor. Por debaixo das vinhas folhosas, as uvas pendiam pesadas. Ela havia preparado a folha retangular de jornal por sobre um canteiro plano de solo nivelado por trator, e em seguida colocado a armação de madeira para segurar o papel. Agora, com a cesta por baixo dos cachos, Estrella puxava a vinha, passava a brítola pelo caule e o cacho de uvas era levado para baixo até a cesta. [...] O sol estava branco e fazia os olhos de Estrella arderem como cebola, e as cestas de uvas resistiam aos seus músculos, o magnetismo do seu peso puxando-as de volta à terra”.

<sup>82</sup> “A fragrância de tortillas de milho torradas, de alho e pimentão borbulhando sobre as chamas, de tripas fritas espirrando gordura numa frigideira de ferro fundido, subiu como poeira até o nariz dela. [...] O fedor de desespero atravessou como um tiro a luz de sol mofada, e ele bateu com o punho contra a janela para afrouxar o painel emperrado e deixar entrar um pouco de ar fresco. Teias de aranha faziam uma renda nos cantos. [...]

A narrativa de *Under the Feet of Jesus* apresenta uma mediação coerente entre texto e mundo, na medida em que espelha uma realidade do passado e do presente, expressando, dialeticamente, uma urdidura de forças sociais que degrada e asfixia: “O fedor de desespero atravessou como um tiro a luz de sol mofada, e [Perfecto] bateu com o punho contra a janela para afrouxar o painel emperrado e deixar entrar um pouco de ar fresco”<sup>83</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 7).

As adversidades do trabalho rural migrante não é a única particularidade da história chicana que a obra retrata. Outra realidade trazida à tona é a educação, um dos temas de maior proeminência no Movimento Chicano e que abordaremos mais detidamente no próximo capítulo.

Durante a época da americanização, testes de QI (Quociente de Inteligência) foram cruciais para relegar pessoas mexicano-americanas a posições subordinadas no mercado de trabalho e na sociedade como um todo. Segundo Rodolfo F. Acuña, “O teste de QI era a alegação de educadores americanos para não educar os mexicanos; o teste dava prova para eles de que o desempenho intelectual era biologicamente determinado e comprovava que os mexicanos não eram capazes de aprender”<sup>84</sup> (ACUÑA, 2015, p. 186-187).

A segregação escolar de crianças de ascendência mexicana tornou-se intensa durante a década de 1920, fundamentada na *Regra Proibido Espanhol (No Spanish Rule)*, que proibia as crianças de se comunicarem em espanhol nas escolas, aplicando violência física caso o fizessem.<sup>85</sup> Com efeito, já em 1855, o governo da Califórnia, estado originalmente bilíngue (inglês e espanhol), exigiu que todas as escolas ensinassem somente em inglês e, em 1878, a segunda Constituição Estadual da Califórnia excluiu a língua espanhola.

Em julho de 1931, na cidade de Lemon Grove, na Califórnia, a Secretaria de Educação tomou a decisão arbitrária de construir uma escola separada para crianças mexicanas e

---

Estrella ouviu a provocação de palavras e folhas. Os pés de eucalipto ladeavam a estrada de terra como uma fila de dançarinas esbeltas abanando as penas. A brisa ondulou seu vestido e por um instante ela segurou os cotovelos enquanto observava a mãe abanar a vassoura contra o vento sabor de menta”.

<sup>83</sup> “*The stink of despair shot through the musty sunlight, and [Perfecto] knocked a fist against the window to loosen the swollen pane to get some fresh air into the room*”

<sup>84</sup> “*The IQ test was the alleged reason of American educators for not educating Mexicans; the test proved to them that intellectual performance was biologically determined and proved that Mexicans were not capable of learning.*”

<sup>85</sup> Agradeço ao Prof. Dr. David King Dunaway (University of New Mexico) por me apontar esse fato, em uma das reuniões do Grupo de Estudo Narrativas Literárias e Identidades nos Espaços Diaspóricos de Língua Inglesa (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, da Universidade de São Paulo), coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Patrícia Zuntini de Izarra.

mexicano-americanas. Essa escola segregada foi improvisada em um estábulo (*barn*), o que levou os pais dessas crianças a protestarem na Justiça, obtendo ganho de causa.<sup>86</sup>

*Over the years Mexican Americans have been held down by poverty, inferior schools and teachers, language and cultural difference, employment as migrant labor, demographic concentration in the Southwest, and continuing heavy immigration from Mexico. Historically all too many Americans viewed the educating of Mexican Americans as a way to ‘teach’ them their proper role as cheap labor. ‘Mexican’ schools were notoriously shabby, overcrowded, poorly staffed, and underfinanced.<sup>87</sup> (MEIER; RIBERA, 1993, p. 219).*

Como afirmamos na Introdução, Helena María Viramontes concluiu o ensino médio (*high school*) na Garfield High School, uma das escolas que encabeçaram os protestos estudantis conhecidos como *walkouts*, que marcaram a história do Movimento. Este exerceu influência considerável na carreira literária da autora. Os protestos apresentaram uma série de demandas acadêmicas, administrativas e outras relacionadas à estrutura física das escolas. Dentre as demandas acadêmicas, estava a reivindicação de uma educação bilíngue em inglês e espanhol em todas as escolas de Los Angeles em que predominassem estudantes mexicanos e/ou mexicano-americanos. Também se reivindicava que qualquer ato de preconceito contra tais estudantes, incluindo a falta de reconhecimento e apreciação da cultura de base mexicana, fosse rigorosamente punido. A inclusão, no currículo e nos livros didáticos, das contribuições feitas por instituições e indivíduos mexicano-americanos à sociedade estadunidense, bem como das injustiças cometidas contra eles por essa sociedade, integravam igualmente as demandas dos *walkouts*.

*From 1968 to 1974, U.S. Mexicans made gains in education; after this point, they slipped backward. The dropout rate again began to climb. In 1974-1975, the percentage of Chicanos who had dropped out of high school was 38.7 for 20- and 21-year olds; the number rose to 44.1 percent in 1977-1978. In Texas the state tied funding to teacher and professional salaries. Consequently, Mexican schools received about three-fifths the appropriations of white schools.<sup>88</sup> (ACUÑA, 2015, p. 350).*

<sup>86</sup> O documentário *The Lemon Grove Incident* está disponível em <https://www.pbs.org/video/the-lemon-grove-incident-gcrfxv/>. Acesso em 08 jun. 2019.

<sup>87</sup> “Ao longo dos anos, os mexicano-americanos foram rebaixados pela pobreza, escolas e professores inferiores, diferenças linguísticas e culturais, emprego como trabalho migrante, concentração demográfica no Sudoeste, e uma contínua e intensa imigração do México. Historicamente, muitos americanos viram a educação dos mexicano-americanos como uma maneira de ‘ensinar-lhes’ seu devido papel de trabalho barato. As escolas ‘mexicanas’ eram notavelmente deterioradas, superlotadas, deficientes em recursos pessoais e subfinanciadas”.

<sup>88</sup> “De 1968 a 1974, os mexicano-americanos tiveram ganhos na educação; depois dessa fase, retrocederam. O índice de evasão começou a subir novamente. Em 1974 e 75, a porcentagem de chicanos que haviam deixado o ensino médio era de 38,7 para pessoas com idade entre 20 e 21 anos; o número subiu para 44,1 por cento em 1977 e 78. No Texas, o estado atrelou o financiamento a salários docentes e profissionais. Consequentemente, as escolas mexicanas receberam em torno de três quintos das verbas repassadas a escolas brancas”.

Meier e Ribera (1993) esclarecem que, ao final da Segunda Guerra Mundial, um grande número de escolas frequentadas pela população chicana estava em piores condições do que durante os anos da Depressão. Na década de 1960, as crescentes demandas por direitos igualitários nos Estados Unidos resultaram, principalmente, da consciência sobre o papel fundamental da educação para a conquista de igualdade social:

*As more Chicano students entered upper levels of the educational mainstream, they became increasingly concerned with curricula and quality in both secondary schools and colleges. In high schools they employed walkouts, sometimes called 'blowouts', and boycotts to promote their demands for educational quality and equality, more relevant social science courses, bilingual and bicultural education, more raza teachers, counselors, and school board members.*<sup>89</sup> (MEIER; RIBERA, 1993, p. 219-220).

Para Sabine R. Ulibarrí (1972), professor, poeta e crítico literário chicano, escrevendo durante o auge do Movimento, a educação para a comunidade chicana significa deseducação, uma vez que chicanas e chicanos foram ensinados a esquecer sua língua e cultura (apud VALDEZ; STEINER, 1972, p. 295-297). Apesar das iniciativas do governo dos Estados Unidos para implantar escolas bilíngues em inglês e espanhol – uma vez que, forçada pelos protestos do Movimento, a Suprema Corte deliberara que a não oferta dessas escolas infringia a Lei dos Direitos Civis de 1964,<sup>90</sup> bem como a Décima Quarta Emenda à Constituição Federal Estadunidense<sup>91</sup> –, anglo-americanos conservadores logo reagiram contrariamente, alegando que “[...] programas bilíngues desafiavam crenças americanas básicas no tocante à assimilação cultural e poderiam acabar provocando um movimento separatista”.<sup>92</sup> O uso do espanhol era visto como ameaça e considerado uma atitude subversiva (MEIER; RIBERA, 1993, p. 246).

Podemos ver, em *Under the Feet of Jesus*, alusões claras à (des)educação concedida à comunidade chicana rural migrante. Um dos símbolos que corroboram essa referência

<sup>89</sup> “Conforme mais estudantes chicanos entravam em níveis superiores do sistema educacional dominante, eles se tornavam cada vez mais preocupados com o currículo e a qualidade nas escolas secundárias e nas faculdades. Nas escolas de nível médio eles empregavam *walkouts* (saída das salas de aula e das escolas), também conhecidos como ‘*blowouts*’, e boicotes para promover suas demandas por qualidade educacional e igualdade, cursos mais relevantes de sociologia, educação bilíngue e bicultural, mais professores, orientadores e membros da diretoria escolar da raza”.

<sup>90</sup> A Lei dos Direitos Civis de 1964, promulgada em 2 de julho daquele ano, é uma lei de direitos civis e trabalhistas nos Estados Unidos que proíbe a discriminação com base em raça, cor, religião, sexo ou origem nacional.

<sup>91</sup> A 14ª Emenda à Constituição dos EUA, ratificada em 1868, concedeu cidadania a todas as pessoas nascidas ou naturalizadas nos Estados Unidos - incluindo ex-escravos – e garantiu a todos os cidadãos “igual proteção das leis”.

<sup>92</sup> “[...] bilingual programs challenged basic American assumptions regarding cultural assimilation and might eventually lead to a separatist movement.”



histórica<sup>93</sup> é o estábulo (*barn*), que enceta e finaliza o romance. Ao dar-nos a conhecer o pensamento inicial de Estrella – “Será que eles estavam a caminho do estábulo esse tempo todo? Estrella não sabia”<sup>94</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 3) –, a narradora-onisciente leva-nos a questionar, já de início, a importância desse lugar para o desenvolvimento da trama e, conforme a narrativa progride, percebemos as nuances semânticas desse símbolo. É no estábulo que Estrella se refugia quando se dá conta do seu afeto por Alejo; é ele que Perfecto insiste em derrubar e Estrella, em proteger; é nele, finalmente, que culmina o processo de renascimento da garota, seu amadurecimento e libertação; é onde o trauma, após confrontado, é ressignificado, conforme veremos no terceiro capítulo. O estábulo, utilizado pela população anglo-americana para sediar uma escola segregada para a comunidade chicana, evoca o efeito traumático dessa violência moral que feriu os direitos e a dignidade de toda uma etnia. A recorrência desse símbolo no enredo do romance não é, portanto, fortuita, mas nos permite discernir um nexos significativo entre a história vivida e a imaginada.

Em uma das cenas iniciais do romance, que descreve um dos momentos de epifania de Estrella, em que a garota aprende a ler, a ânsia por aprender o significado das ferramentas do padrao Perfecto e o fato de este manter esse significado escondido dela são colocados em paralelo com as atitudes das professoras, que não enxergavam o potencial intelectual de Estrella e das demais crianças chicanas e se preocupavam mais em higienizar seus corpos do que em lhes ensinar a ler:

*Estrella hated when things were kept from her. The teachers in the schools did the same, never giving her the information she wanted. Estrella would ask over and over, So what is this, and point to the diagonal lines written in chalk on the blackboard with a dirty fingernail. The script A's had the curlicue of a pry bar, a hammerhead split like a V. The small i's resembled nails. So tell me. But some of the teachers were more concerned about the dirt under her fingernails. They inspected her head for lice, parting her long hair with ice cream sticks. They scrubbed her fingers with a toothbrush until they were so sore she couldn't hold a pencil properly. They said good luck to her when the pisco was over, reserving the desks in the back of the classroom for the next batch of migrant children.*<sup>95</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 24-25, grifo no original).

<sup>93</sup> Utilizamos a expressão **referência histórica** em consonância com as divisões feitas por Henri Morier (1975, p. 86 apud MOISÉS, 2013, p. 19) a respeito da alusão. Segundo o autor, a alusão opera em quatro níveis: o histórico, o mitológico, o nominal e o verbal. Entendemos que, no contexto e no cotexto do romance, a alusão histórica é a mais discernível.

<sup>94</sup> “Had they been heading for the barn all along? Estrella didn't know.”

<sup>95</sup> “Estrella odiava quando escondiam as coisas dela. As professoras nas escolas faziam o mesmo, nunca lhe dando as informações que queria. Estrella vivia perguntando, Mas o que é isso, e apontava, com a unha suja, para as linhas diagonais escritas com giz no quadro negro. Os As cursivos tinham a perninha de um pé de cabra, a cabeça de um martelo se dividia feito um V. Os is minúsculos lembravam pregos. Me fala. Mas algumas professoras estavam mais preocupadas com a sujeira debaixo das suas unhas. Examinavam a cabeça dela procurando piculho, partindo seu longo cabelo com palitos de picolé. Esfregavam seus dedos com uma escova

As atitudes das professoras para com Estrella explicitam o trauma da violência física e epistêmica presente na educação das crianças chicanas migrantes. A narrativa acentua esse trauma ao descrever a dor que Estrella sentia nos dedos após tê-los higienizados pelas professoras. A recorrência dessa higienização, marcada pelo uso do pronome plural (*they* = elas), não somente sinaliza a frequência de uma suposta preocupação das professoras em relação à limpeza corporal de Estrella e das demais crianças, mas também alude ao fato de que sua “sujeira” reside no próprio fato de elas serem chicanas e trabalhadoras rurais migrantes, relegadas às últimas filas na sala de aula, assim como sua etnia é relegada às margens sociais.

Em outro trecho dessa mesma sequência, a narrativa expõe o constrangimento de Estrella ao sentir a dor das palavras de uma das suas professoras e dar-se conta do choque entre os padrões de higiene mantidos por sua família e os que eram esperados dela pela sociedade anglo-americana. A dor infligida pelas palavras, nesse contexto escolar, é equiparada à dor provocada pela perfuração de um prego, sugerindo os três tipos de violência geradores do trauma chicano: a violência moral, a física e a epistêmica.

*She remembered how one teacher, Mrs. Horn, who had the face of a crumpled Kleenex and a nose like a hook – she did not imagine this – asked how come her mama never gave her a bath. Until then, it had never occurred to Estrella that she was dirty, that the wet towel wiped on her resistant face each morning, the vigorous brushing and tight braids her mother neatly weaved were not enough for Mrs. Horn. And for the first time, Estrella realized how words could become as excruciating as rusted nails piercing the heels of her bare feet.<sup>96</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 25).*

Fica nítido, a partir do excerto acima, que a memória constitui-se em recurso importante para a representação do trauma sofrido no ambiente escolar e para o inter cruzamento de temporalidades que a narrativa realiza. Estrella, agora em outra época e lugar, consegue se lembrar até mesmo do nome e de especificidades fisionômicas daquela mulher que nada tinha de ternura maternal, mas que invadira violentamente seu corpo e sua consciência, reforçando a percepção de um sistema sociocultural diametralmente oposto ao seu, que, além de inviabilizar seu processo educacional, ainda lhe traumatizava com a ideia de que era uma migrante suja.

---

de dentes até ficarem tão doloridos que ela mal conseguia segurar um lápis. Diziam boa sorte pra ela quando a pisca acabava, reservando as carteiras no fundo da sala para a próxima leva de crianças migrantes”.

<sup>96</sup> “Ela se lembrava de como uma professora. Sra. Horn, que tinha o rosto de um Kleenex amassado e um nariz parecido com um gancho – ela não imaginava isso – perguntou como era possível que sua mãe nunca lhe havia dado um banho. Até então, nunca havia passado pela cabeça de Estrella que ela estava suja, que a toalha molhada esfregada em seu rosto resistente a cada manhã, que a escovada forte e as tranças apertadas que sua mãe caprichosamente fazia não eram suficientes para a Sra. Horn. E pela primeira vez, Estrella se deu conta de que as palavras podiam se tornar tão dolorosas quanto os pregos enferrujados perfurando os calcanhares dos seus pés descalços”.

Essa lembrança de Estrella, sua mágoa para com a professora que adentrara seu domínio privado e a deslocara mais ainda no espaço público, fazendo-a questionar sua própria identidade e os procedimentos familiares de que até então estava segura, evidenciam, no universo diegético da obra, o entre-lugar a que Estrella e os seus são relegados. Como postula Homi Bhabha:

É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios de diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas da nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se formam sujeitos nos ‘entrelugares’, nos excedentes da soma das ‘partes’ da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero etc.)? (BHABHA, 2010, p. 20)

Para Bhabha, ocorrem trocas culturais entre os sujeitos a partir da sobreposição e do deslocamento de diferenças, o que se dá por meio da linguagem. Na sociedade em que se encontra, até a escola funciona como um entre-lugar para Estrella, uma vez que, na “soma das partes da diferença”, ela se dá conta de que também ali é excedente.

Discorrendo sobre os contrastes culturais e os (des)encontros traumáticos sofridos pelo estudante chicano no ambiente escolar, afirma Ulibarrí:

*He comes from a father-dominated home and finds himself in female-dominated classroom. The Anglo concepts and values that govern and prevail are unintelligible to him. In all likelihood he comes from a low social and economic class, and there he is in an Anglo middle class environment. [...] He probably feels very uncomfortable in the unfamiliar clothes he's wearing. He looks about him. The teacher, far from representing a mother image, must seem to him a remote and awe-inspiring creature. [...] There is nothing in the atmosphere from which he can draw any comfort. Everything he sees is foreign. The climate of sound is confusing, and frightening.*<sup>97</sup> (apud VALDEZ; STEINER, 1972, p. 295-296, grifo nosso).

Nos últimos dois trechos do romance supracitados, é possível perceber que o procedimento fiscalizador e não maternal de Mrs. Horn espelha a própria atitude da nação estadunidense para com os indivíduos chicanos e mexicanos. A sujeira corporal de Estrella que a professora publicamente denuncia coloca em evidência o modo como os Estados Unidos tem historicamente visto esses indivíduos, atribuindo-lhes uma suposta inferioridade intrínseca, em termos intelectuais, culturais, comportamentais e até mesmo fisionômicos.

<sup>97</sup> “Ele vem de um lar dominado pelo homem e se encontra em uma sala de aula dominada por uma mulher. Os conceitos e valores anglos que ditam as regras e predominam não lhe são inteligíveis. Com toda probabilidade, ele vem de uma classe socioeconômica baixa e aí está, num ambiente de classe média anglo. [...] Ele provavelmente se sente muito desconfortável nas roupas estranhas que está usando. Olha ao seu redor. A professora, longe de representar uma imagem de mãe, deve parecer a ele uma criatura distante e espantosa. [...] Não há nada no clima que lhe dê algum conforto. Tudo que vê é estranho. O som do ambiente é confuso e assustador”.

Escrevendo sobre as atitudes anglo-americanas para com o povo mexicano e o chicano do Texas, no período entre 1821 e 1900, De León afirma que “ao longo do século, os brancos falaram da docilidade mexicana, da sua ignorância, decadência, mediocridade, antagonismo com relação ao trabalho, submissão ao vício e tendências hedonistas”<sup>98</sup>(DE LEÓN, 1983, p. 24). Uma das designações depreciativas dadas pelos Estados Unidos ao povo de origem mexicana do Sudoeste, no século XIX, foi a de *greaser* (seboso), em referência à função que essas pessoas tipicamente desempenhavam naquela época.<sup>99</sup> A sujeira imputada a Estrella por Mrs. Horn pode também ser entendida como uma alusão que a obra faz às crenças e atitudes arbitrarias que a população anglo-americana sempre fez em relação ao povo de origem mexicana. Esse comportamento prepotente, além de vir à tona pelo julgamento unilateral dos padrões higiênicos de Estrella, feito pela professora anglo, fica igualmente claro quando a narrativa menciona o irônico desejo de “boa sorte” das professoras para a garota, quando findavam as estações de colheita. Implícito nesse desejo, podemos entrever o sarcasmo de uma quase ameaça: sobreviva, se puder.

O segundo capítulo de *Under the Feet of Jesus* alude também, em vários trechos, às condições de saúde física dos *piscadores*, retratando a violência estrutural e simbólica a que estão sujeitos. De acordo com o médico e antropólogo Seth M. Holmes (2013), em sua obra *Fresh Fruit, Broken Bodies*, em que descreve sua pesquisa etnográfica junto às trabalhadoras e aos trabalhadores rurais de origem mexicana nos Estados Unidos, violência estrutural é aquela que deriva das configurações desiguais de poder na sociedade e tem consequências tão nocivas para o corpo humano quanto um esfaqueamento ou um tiro, equivalendo a um assassinato social (*social murder*), termo usado por Friedrich Engels em relação às experiências de opressão vividas pela comunidade operária inglesa de sua época. Já a violência simbólica, como afirma Holmes, é um conceito do sociólogo francês Pierre Bourdieu e refere-se às inter-relações no âmbito das estruturas e percepções sociais de desigualdade.

*For Bourdieu, the lenses through which we perceive the social world are issued forth from that very world. Because of this, our lenses of perception match the social world from which they are produced. Thus, we come to (mis)recognize the social structures and inequalities inherent to the world as natural. Symbolic violence works through the perceptions of the “dominating” and the “dominated” (in Bourdieu’s words), while it tends to benefit those with more power. Each group understands not only itself but*

<sup>98</sup> “Throughout the century, whites spoke of Mexican docility, ignorance, decadence, mediocrity, antagonism toward work, submission to vice, and hedonistic proclivities.”

<sup>99</sup> Trata-se da função de lubrificar os eixos das carroças, bem como as peles de animais que eram levadas para a Califórnia, onde os mexicanos as colocavam nos veleiros, uma prática comum entre as tropas estadunidenses durante a Guerra Mexicano-Americana.

*also the other to belong naturally in their positions in the social hierarchy.*<sup>100</sup>  
(HOLMES, 2013, p. 44)

São diversas as passagens no romance em que a violência estrutural, relacionada a efeitos degradantes da saúde, e a simbólica, associada à naturalização das desigualdades sociais que produzem esses efeitos, figuram nitidamente. No segundo capítulo, logo após o momento em que Estrella percebe a disparidade existente entre a imagem da moça sorridente no rótulo das caixas de passas e a dureza do seu trabalho na safra das uvas, a narrativa destaca a dor que o clarão do sol trazia aos olhos da menina, que “[...] ard[iam] como cebola”,<sup>101</sup> bem como o enfraquecimento dos seus músculos carregando as cestas cheias da colheita (VIRAMONTES, 1995, p. 50). Nessa mesma passagem, o jovem Alejo corta a sua própria carne e sente o gosto da terra salgada e do metal que se misturaram ao seu sangue, e Estrella, após a lembrança da primeira vez em que acompanhara a mãe até as lavouras, aos quatro anos de idade, enxerga, nas folhas das uvas, os ossos daquela gente que, como ela, se exauria nas vinhas:

*Alejo snipped his own flesh and dropped his knife. He pressed the wound between his lips, tasted mud and salt and tin and then heard a lost child’s wailing over the hundreds of rows. [...] Estrella sat under a vine. The sun shone through, making the leaves translucent. She could see their bones.*<sup>102</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 50-51).

A cena descreve ainda o estado de saúde do irmão de Estrella, Ricky, que se achava febril devido ao sol intenso na lavoura. Ao colocá-lo sentado embaixo das vinhas, Estrella lhe sugere que ficasse ali até o fim do dia e, quando chegassem os caminhões para recolher as uvas, se escondesse na direção oposta. Ao apontar para o lugar por onde os caminhões viriam ao cair da tarde, a garota se depara com a enorme carga de trabalho que realizara e percebe que, independentemente da hora do dia ou da noite e do quanto tenha trabalhado, não há como escapar da situação. Estão desamparados e entregues à própria sorte.

*Ricky found Estrella’s row. He looked feverish and she put down the basket of grapes and pressed the water bottle to his lips, tilted it to the sky, asked him **where is your***

<sup>100</sup> “Para Bordieu, as lentes pelas quais percebemos o mundo social são emitidas a partir desse mesmo mundo. Devido a isso, nossas lentes de percepção se harmonizam com o mundo social a partir do qual são produzidas. Destarte, passamos a (incorretamente) reconhecer como naturais as estruturas sociais e desigualdades inerentes ao mundo. A violência simbólica opera por meio das percepções dos “dominadores” e dos “dominados” (nas palavras de Bordieu), enquanto tende a beneficiar aqueles que têm mais poder. Cada grupo entende não somente a si mesmo, mas também ao outro, como pertencendo naturalmente às suas posições na hierarquia social”.

<sup>101</sup> “*Estrella’s eyes sting like an onion [...]*”.

<sup>102</sup> “Alejo cortou sua própria carne e deixou cair sua faca. Apertou o machucado entre os lábios, sentiu o sabor do barro, do sal e do metal e, então, ouviu o choro de uma criança perdida do outro lado das centenas de fileiras. [...] Estrella sentou-se embaixo de uma vinha. O sol reluziu, tornando as folhas transluzentes. Ela pôde ver os seus ossos”.

*hat and where are Arnulfo and Perfecto Flores anyways? No sense walking home when the sun is the meanest. You don't know how to work with the sun yet, she told him and she set him down under the vines. Sit until you hear the trucks honking, go that way, okay? Estrella turned and pointed, but her eyes fell on the flatbeds of grapes she had lined carefully, sheet after sheet of grapes down as far as she could see. Her tracks led to where she stood now. Morning, noon, or night, four or fourteen or forty it was all the same. She stepped forward, her body never knowing how tired it was until she moved once again. Don't cry.*<sup>103</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 53, grifo no original).

O fato de Petra estar trabalhando grávida na colheita de algodão, exercendo um trabalho fisicamente pesado e não adequado às suas condições fisiológicas, é mais uma das lembranças de Estrella que denotam a posição periférica ocupada por sua mãe e os demais indivíduos do seu grupo étnico em relação ao sistema de saúde e à legislação trabalhista dos Estados Unidos. A violência simbólica embutida no excerto fica evidente quando Petra tenta disfarçar a gravidez usando roupas largas masculinas, o que pode ser entendido, pelo menos, de duas maneiras: em um sentido mais literal, como uma completa submissão de Petra ao sistema excludente do qual dependia para sua própria sobrevivência e a da sua família, e, em um sentido mais metafórico, como um deboche de Petra a esse sistema, que, apesar de rígido, podia ser facilmente enganado, uma vez que não lhes dava a atenção devida. Em ambos os casos, porém, o que se pode ver nas entrelinhas é como as leis desse sistema, por mais injustas que sejam, se tornam naturalizadas por esses indivíduos, que são levados até mesmo a sabotá-lo para continuar embaixo do seu jugo.

Nessa naturalização da violência estrutural, o objeto do excruciante trabalho se confunde com o próprio corpo de Petra, equiparando-se, no nível discursivo da narrativa, às suas próprias entranhas. A correspondência que a narrativa estabelece entre o saco de algodão e a criança sendo gestada indica também o desespero de Petra, para quem o trauma daquele tipo de trabalho tinha causas e consequências intergeracionais. De modo análogo, podemos perceber nessa fusão trabalho-corpo um imbricamento sugestivo do domínio que o colonizador exerce sobre o colonizado, que passa a aceitar resignadamente a condição servil que lhe é imposta, na medida em que incorpora seu retrato pintado pelo colonizador: de pessoa suja, preguiçosa e

---

<sup>103</sup> “Ricky encontrou a fileira de Estrella. Ele parecia febril e ela abaixou sua cesta de uvas e pressionou a garrafa de água contra seus lábios, inclinou-a para o céu, perguntou-lhe **cadê o seu chapéu e cadê Arnulfo e Perfecto Flores afinal de contas? Não tem sentido ir pra casa quando o sol está tão forte. Você não sabe como trabalhar com o sol ainda**, ela lhe disse e o colocou embaixo das vinhas. **Fique sentado até você ouvir os caminhões buzinando, vá naquela direção, ok?** Estrella se virou e apontou, mas seus olhos caíram nos tablados de uvas que ela havia alinhado cuidadosamente, uma folha de jornal após a outra de uvas até perder de vista. Seus rastros levavam até onde ela estava agora, Manhã, tarde ou noite, quatro, quatorze ou quarenta, era tudo o mesmo. Ela deu um passo pra frente, seu corpo jamais sabendo o quanto estava cansado até ela se movimentar novamente. Não chore”.

primitiva (MEMMI, 1989). Nesse sentido, a criança sendo gestada e o saco de algodão arrastado tornam-se, para Petra, dois pesos de igual valor.

*Estrella was not more than four when she first accompanied the mother to the fields. She remembered crying just as the small girl was wailing now. The mother showed pregnant and wore large man's pants with the zipper down and a shirt to cover her drumtight belly. Even then, the mother seemed old to Estrella. Yet, she hauled pounds and pounds of cotton by the pull of her back, plucking with two swift hands, stuffing the cloudy bolls into her burlap sack, the row of plants between her legs. The sack slowly grew larger and heavier like the swelling child within her.*<sup>104</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 51).

Em se tratando de assistência médica, a comunidade chicana permanece na parte mais baixa da escada social. “Relegados a vida toda a trabalhos que oferecem salários baixos, nenhum plano previdenciário ou benefícios de saúde, muitos vivem na pobreza com cuidado médico limitado e inferior. Aproximadamente um terço não tem seguro de saúde porque seu emprego não o oferece e eles não têm condições de adquiri-lo com a sua renda”<sup>105</sup>(MEIER; RIBERA, 1993, p. 272).

A percepção das convergências entre a história factual e o universo ficcional de *Under the Feet of Jesus* torna-se, pois, indispensavelmente presente em nossa leitura da dimensão política do romance, levando-nos a reconhecer o compromisso de Helena María Viramontes com a justiça social, que sua obra incisivamente impele: “A ficção é a minha jugular. Para mim, é um grande consolo saber que independentemente das coisas terríveis que aconteçam durante minha vida, a bondade inevitavelmente virá, porque eu escreverei sobre ela. Há força nesse ato quando nenhuma resta na alma”<sup>106</sup> (VIRAMONTES, 1989, p. 33). Se a ficção é, para Viramontes, um canal transmissor de vida, que sustenta o corpo social, assim como as veias jugulares são essenciais para a sustentação do corpo físico, é por meio dela que a autora revela os traumas que ainda afligem seu povo e remexe nessas feridas.

<sup>104</sup> “Estrella não tinha mais de quatro anos quando acompanhou a mãe às lavouras pela primeira vez. Ela se lembrou de chorar assim como a pequena garota chorava agora. A mãe ia trabalhar grávida e usava calças largas de homem com o zíper abaixado e uma camisa para esconder o barrigão. Já naquela época, a mãe parecia velha para Estrella. Porém, ela puxava quilos e quilos de algodão pelas costas, enfiando as cápsulas branquinhas em seu saco de estopa, a fileira de plantas entre suas pernas. O saco ia aos poucos ficando maior e mais pesado como a criança que ia se avolumando dentro dela”.

<sup>105</sup> “*Consigned all their lives to jobs that offer low pay and no pension plans or health benefits, many live in poverty with limited and inferior health care. About a third lack health insurance because their employment does not provide it and they cannot afford it on their incomes.*”

<sup>106</sup> “*Fiction is my jugular. For me it is a great consolation to know that whatever miserable things happen in my lifetime, goodness will inevitably result because I will write about it. There is strength in this when none is left in the soul.*”

## 1.2 MEXendo na ferida

*“The U.S.-Mexican border es una herida abierta [it is a wound] where the Third World grates against the first and bleeds. And before a scab forms it hemorrhages again, the lifeblood of two worlds merging to form a third country – a border culture.”*

(ANZALDÚA, *Borderlands*, p. 3).

A metáfora equiparando a fronteira do México com os Estados Unidos a uma ferida aberta, como se lê no excerto em epígrafe, claramente aponta para assimetrias interculturais históricas que, desde a conquista do Sudoeste, se intensificam no contexto sociopolítico desses dois países. O escritor uruguaio Eduardo Galeano também denunciou a exploração econômica e a dominação política perpetradas, na porção latina do continente americano como um todo, pela Europa e pelos Estados Unidos. Em sua obra *As veias abertas da América Latina* (1978), Galeano expõe as múltiplas feridas ocasionadas na história do continente por essas potências mundiais. A metáfora da ferida é ainda utilizada em um dos principais símbolos da cidade de São Paulo: a Mão da América, escultura de Oscar Niemeyer plantada na Praça Cívica, dando boas-vindas aos visitantes do Memorial da América Latina ali presente. A mão espalmada tem em seu centro uma grande ferida, no formato do mapa da parte latina do continente americano (Figura 2). Ao concluir a obra, no final da década de 1980, Niemeyer escreveu: “Suor, sangue e pobreza marcaram a história desta América Latina tão desarticulada e oprimida. Agora urge reajustá-la num monobloco intocável, capaz de fazê-la independente e feliz” (NIEMEYER, 1988).<sup>107</sup>

Figura 2 – A Mão da América, de Oscar Niemeyer



Fonte: Memorial da América Latina.<sup>108</sup>

<sup>107</sup> Citação retirada do sítio virtual do artista, disponível em: <http://www.niemeyer.org.br/escultura/mão-no-memorial-da-américa-latina>. Acesso em 13 fev. 2019.

<sup>108</sup> Disponível em: <https://checkinsaopaulo.com/memorial-da-america-latina/>. Acesso em: 13 fev. 2019.



Assim como a Mão do artista brasileiro denuncia as injustiças cometidas contra o povo latino do continente americano, *Under the Feet of Jesus* toca em muitas feridas presentes na estrutura social da coletividade chicana. São feridas, como vimos acima, relacionadas sobretudo ao trabalho, à educação e à saúde dessas pessoas. É importante notarmos que o romance foi escrito no início da década de 1990, mais de duas décadas após o Movimento. As desigualdades retratadas pela narrativa evidenciam o caráter diacrônico da mesma, que entrelaça três temporalidades: a época do Movimento, aquela em que o romance foi escrito e a atual. Assim como outros autores retratam, em suas obras literárias, o passado e o presente, denunciando o fato de as mesmas mazelas de antes ainda se repetirem na atualidade,<sup>109</sup> Viramontes também intercrusa tempos distintos para enfatizar que as feridas de outrora continuam abertas e sangram.

A orientação cronológica da narrativa torna possível a nossa percepção desses tempos inter cruzados. O romance não deixa claro exatamente quando os eventos da trama se passam. A respeito da época histórica, podemos apenas fazer inferências a partir das pistas que nos são deixadas. É mencionado, por exemplo, que Perfecto Flores tem uma vaga lembrança do ano de 1917, que lhe recorria em sonhos e era o único registro que tinha do seu nascimento (p. 25), sendo que, em outro trecho, ficamos sabendo que ele tem 73 anos (p. 79). Portanto, como sugere Barbara Brinson Curiel, com base nos argumentos de Christa Grewe-Volpp (apud GUTIÉRREZ Y MUHS, 2013, p. 45), é muito plausível entendermos que a maior parte do romance se passe no verão de 1990. No entanto, várias alusões a elementos do contexto cultural e econômico ofuscam nossa certeza de uma definição cronológica linear, remetendo-nos a possíveis épocas distintas que se dialogam ao longo da obra.

Como exemplos dessas alusões, podemos mencionar a personagem *Millie the Model* (p. 30), revista em quadrinhos da editora Marvel Comics que teve publicação entre os anos de 1945 a 1973. Há também referência ao carro *Chevy Capri*, logo no início do romance (p. 3), que foi fabricado entre 1965 e 1996. Os outdoors que Estrella lia anunciando algumas marcas de produtos comerciais dos Estados Unidos ilustram igualmente a temporalidade plural da obra. Em um desses anúncios, constatamos um slogan do alvejante Clorox que foi veiculado na primeira metade da década de 1950.<sup>110</sup> Vemos, assim, que a referência direta a produtos e

<sup>109</sup> Constitui exemplo o romance *A Star Called Henry* (1999), do irlandês Roddy Doyle, que narra as mazelas do nacionalismo ainda presentes do período do Tigre Celta, conforme argumenta Camila Franco Batista, em sua dissertação de mestrado *Entrelaçando temporalidades: passado e presente em A Star Called Henry, de Roddy Doyle*, defendida na Universidade de São Paulo, em 2015. Vale notar a coincidência da palavra – *star* (estrela) – usada pelo autor para descrever o protagonista.

<sup>110</sup> Trata-se do slogan “*Clorox makes linens more than white...It makes them sanitary, too!*” (“Clorox faz mais do que embranquecer sua roupa de cama... Ele também a deixa higiênica!”, p. 31). A informação quanto ao

campanhas comerciais existentes na realidade coloca-nos diante de uma temporalidade que a trama não confirma, possibilitando-nos entender a presentificação de feridas passadas ainda não cicatrizadas, no período histórico de produção do romance, assim como no de hoje.

A cena de intoxicação de Alejo é emblemática dessa exposição de feridas históricas realizada em *Under the Feet of Jesus*. Ele é um garoto chicano que mora no Texas com sua avó e migra durante os verões para trabalhar nas colheitas, a fim de ajudá-la a custear seus estudos. Enamora-se de Estrella e sonha em ser geólogo. Após sua intoxicação, Estrella e sua família levam-no a uma clínica, onde o processo de letramento da garota adquire uma nova dimensão, conforme veremos no capítulo 2. O momento em que Alejo é envolto pela nuvem de pesticida é uma das passagens centrais do romance e traz a lume diferentes forças que contribuem para que a ferida a que se refere Anzaldúa não se feche, evidenciando, concomitantemente, opressões relacionadas à saúde, à educação e a condições de trabalho.

*Alejo had not guessed the biplane was so close until its gray shadow crossed over him like a crucifix, and he ducked into the leaves. The biplane circled, banking steeply over the trees and then released the shower of white pesticide.*

*-What the...? They're spraying! But Alejo couldn't hear Gumecindo's response because the drone of the motor like the snapping of rubber bands drowned out his words.*

*-Run! Alejo screamed, struggling to get himself down from the tree, Get the fuck outta here!<sup>111</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 76).*

O que primeiramente nos chama a atenção nesse excerto é o fato de dois garotos, ainda menores de idade, se verem submetidos à prática de roubo de pêssegos para garantir sua sobrevivência e, no caso de Alejo, poder usufruir do seu direito à educação, pagando pelos estudos que poderiam tornar real o seu sonho de adentrar a terra e entender o processo interior de produção mineral. Em seu sonho de ser geólogo, vemos a transposição, para a profundidade da terra, da possibilidade de ele encontrar sentido para sua vida, já que, na superfície, permanecia alienado ao funcionamento estrutural do sistema que o excluía dos bens sociais.

Alejo e o primo Gumecindo estão roubando pêssegos no crepúsculo, para complementar a pouca renda que conseguiam trabalhando na safra de uvas. “Eles trabalhavam antes do pôr-

---

ano de veiculação desse *slogan* encontra-se disponível em <https://clickamericana.com/topics/home-garden/americas-obsession-with-clean-white-bright-gives-bleach-a-boost-1955>. Acesso em 20 jun. 2019.

<sup>111</sup> “Alejo não tinha se dado conta de que o avião pulverizador estava tão próximo até que sua sombra cinzenta passou por cima dele como um crucifixo, e ele se abaixou para dentro das folhas. O avião deu um giro, inclinando-se abruptamente por sobre as árvores e então soltou uma chuva de pesticida branco.

— Que m... é essa? Estão dedetizando! Mas Alejo não conseguia ouvir a resposta de Gumecindo porque o zumbido do motor parecendo o estalo de elásticos abafou suas palavras.

— Corre! Alejo gritou, lutando para descer da árvore, Dá o fora daqui!”

do-sol, logo após a colheita, quando outros não os veriam”<sup>112</sup> (p. 4-5) e vendiam o que conseguiam no mercado de pulgas. A comparação da sombra do bimotor com um crucifixo remete-nos ao relato bíblico da Paixão de Cristo e acentua o sofrimento desses dois jovens, trazendo à tona a indagação de por que um país tradicionalmente cristão como os Estados Unidos, convencido de sua eleição por Deus para governar o mundo (*Manifest Destiny*), deixa escancaradamente às margens alguns dos seus filhos. Não podemos deixar de perceber também aí uma enfática provocação da narrativa quanto ao conteúdo de tom quase religioso de um dos documentos políticos mais conhecidos dos Estados Unidos, a Declaração da Independência, que, em suas linhas iniciais, escritas em 1776, afirma: “Consideramos essas verdades evidentes, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo seu Criador de certos direitos inalienáveis, dentre os quais estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade”.<sup>113</sup> A imagem do crucifixo, formado pela sombra do avião pulverizador, tal qual uma máquina aniquiladora de sonhos, nos instiga a interrogar as atitudes hipócritas e farisaicas de uma sociedade que se autoproclama exemplarmente cristã e democrática.

*Gumecindo dropped the sacks and ran, jumping over irrigation pumps, crunching the flesh of rotting peaches, running just ahead of the cross shadow.  
Alejo slid through the bushy branches, the tangled twigs scratching his face, and he was ready to jump when he felt the mist. He shut his eyes tight to the mist of black afternoon. At first it was just a slight moisture until the poison rolled down his face in deep sticky streaks. The lingering smell was a scent of the ocean salt and beached kelp until he inhaled again and could detect under the innocence the heavy chemical choke of poison. Air clogged in his lungs and he thought he was just holding his breath, until he tried exhaling but couldn't, which meant he couldn't breathe.*<sup>114</sup>  
(VIRAMONTES, 1995, p. 76-77).

O uso indiscriminado de pesticidas nas lavouras dos Estados Unidos (e do mundo) foi e continua sendo uma questão intensamente debatida por especialistas de diversas áreas e, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, essas são substâncias altamente nocivas à saúde

<sup>112</sup> “*They labored before sunset, right after work, when others would not see them.*”

<sup>113</sup> “*We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal, that they are endowed by their Creator with certain unalienable Rights, that among these are Life, Liberty, and the Pursuit of Happiness.*” Declaração da Independência dos Estados Unidos, parágrafo 2 (1776). Disponível em: <https://www.archives.gov/founding-docs/declaration-transcript>. Acesso em 23 jun. 2019.

<sup>114</sup> “Gumecindo soltou os sacos e correu, pulando por cima de bombas de irrigação, esmagando a polpa de pêssegos podres, correndo logo adiante da sombra de cruz. Alejo deslizou-se pelos galhos repolhudos, os ramos emaranhados arranhando seu rosto, e estava pronto para pular quando sentiu a névoa. Fechou bem seus olhos para a névoa de tarde negra. Primeiro foi apenas uma umidade leve até que o veneno rolou pelo seu rosto em profundas tiras grudentas. O cheiro que ia ficando era uma fragrância de sal do oceano e algas alvegadas até que ele inalou novamente e pôde detectar por baixo da inocência a forte sufocação química do veneno. O ar obstruiu seus pulmões e ele pensou que estava apenas prendendo sua respiração, até que tentou expirar mas não deu conta, o que significava que não podia respirar”.

humana, sendo os fatores de risco à sua exposição mais altos entre crianças e pessoas adultas jovens.<sup>115</sup>

Burnett (2006) e Romo (2005) esclarecem que os Estados Unidos usaram produtos químicos tóxicos contra trabalhadoras e trabalhadores de origem mexicana desde 1917, inclusive o Zyklon B, pesticida a base de ácido cianídrico, cloro e nitrogênio, utilizado nas câmaras de gás em muitos campos de concentração na Europa, com o objetivo de exterminar judeus e outros inimigos da Alemanha Nazista. Tais produtos eram usados por agentes do Serviço de Saúde Pública durante a inspeção de imigrantes mexicanos na fronteira, para “higienizá-los”, eliminando supostos piolhos.<sup>116</sup> (apud MARTIN, 2015, p. 56). A intoxicação de Alejo alude a esse fato e questiona a arbitrariedade das políticas ambientais estadunidenses do passado e do presente, com relação ao uso de defensivos agrícolas, interpelando duramente um sistema econômico que reduz a pó a dignidade daquelas pessoas que trabalham em condições insalubres para garantir que frutas e verduras frescas sejam colocadas nas mesas dos lares do país. Ao mexer nessa ferida, *Under the Feet of Jesus* refuta a amnésia histórica e cultural que leva tantas pessoas a convenientemente ignorar as desigualdades e injustiças contra certos indivíduos da sua sociedade, não os enxergando de propósito, fazendo de conta que não estão ali.

*He panicked when he realized he was choking, clamped his neck with one hand, feeling his Adam's apple against his palm, but still held onto a branch tightly with the other, afraid he would fall long and hard, like the insects did. He swallowed finally and the spit in his throat felt like balls of scratchy sand. Was this punishment for his thievery? He was sorry Lord, so sorry.*<sup>117</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 76-77).

Ao tocar em seu pomo-de-adão, Alejo indica que, apesar de aviltada, sua humanidade é real e palpável. No entanto, a cena de sua queda o retrata como um inseto sem nenhum valor, indicando sua situação de não pertencimento naquela conjuntura social que tira vantagens da força do seu trabalho, mas se esquece de que também ele é humano e tem direito “à vida, à liberdade e à busca da felicidade”, como qualquer outra pessoa.

<sup>115</sup> Informações disponíveis em <https://www.who.int/ceh/capacity/Pesticides.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2019.

<sup>116</sup> Para uma visão mais detalhada dessa prática, sugerimos o recente artigo “A Short History of Zyklon B on the US-Mexican Border”, disponível em <https://www.counterpunch.org/2016/03/18/a-short-history-of-zyklon-b-on-the-us-mexican-border-please-dont-share-with-donald-trump/>. Acesso em: 28 jun. 2019.

<sup>117</sup> “Ele entrou em pânico quando percebeu que estava engasgando, segurou o pescoço com uma das mãos, sentindo o pomo-de-adão contra sua palma, mas ainda segurou firme em um galho com a outra, com medo de ter uma queda demorada e penosa, como os insetos caçam. Finalmente engoliu e a saliva em sua garganta parecia bolas de areia áspera. Isso era um castigo pelo seu roubo? Ele se arrependia, Senhor, se arrependia muito”.

O filósofo Jacques Rancière refere-se a essas pessoas excluídas do sistema de direitos sociais como “a parte sem parte”. Para o autor “[a] política não é o exercício do poder”,<sup>118</sup>(RANCIÈRE, 2010, p. 27) mas a resistência contra o sistema de poder, o que ele chama de “dissenso”. Segundo essa visão, somente há política quando o dissenso desafia o consenso, isto é, quando um indivíduo não reconhecido pelo sistema “[...] toma parte naquilo em que ele não tem nenhuma parte”<sup>119</sup> (RANCIÈRE, 2010, p. 35).

Alejo e os demais trabalhadores migrantes como ele, notadamente os chicanos, por constituírem um grupo que trabalha dentro do Estado, sem ser oficialmente reconhecido por ele, são “a parte sem parte”, à mercê do sistema, resistindo com uma das mãos ao mesmo tempo que tenta resguardar sua dignidade, com a outra: “Ele entrou em pânico quando percebeu que estava engasgando, segurou o pescoço com uma das mãos, sentindo o pomo-de-adão contra sua palma, mas ainda segurou firme em um galho com a outra, com medo de ter uma queda demorada e penosa, como os insetos caíam” (VIRAMONTES, 1995, p. 77).

A comparação da queda do garoto com a queda de um inseto qualquer nos remete ao fato histórico de o povo chicano ser considerado, pelos anglo-americanos, “*the cockroach people [...] the little beasts that everyone steps on*”<sup>120</sup> (ACOSTA, 1973, p. 135), metáfora que permeia o romance do chicano Oscar Zeta Acosta *The Revolt of the Cockroach People* (1973), que retrata o período de militância do Movimento.<sup>121</sup>

O apagamento identitário (*erasure*) e a anomia (*anomie*) são forças atuantes sobre a comunidade chicana desde a sua origem, metaforizadas pela narrativa a partir da imagem do poço de piche, sobre o qual Alejo havia falado para Estrella quando lhe explicara o processo de formação dessa substância a partir da decomposição de animais e plantas ao longo de milhões de anos. Podemos perceber a equiparação que a narrativa estabelece entre a necessidade da completa degradação de matéria orgânica para a formação de petróleo e piche e o total desgaste daqueles indivíduos cujas forças também estavam sendo, no decurso de inúmeros anos, exauridas pela terra. A analogia sinaliza igualmente uma contradição inequívoca: se a matéria orgânica completamente usada e desgastada torna-se fonte de energia capaz de melhorar a vida de todos na terra, o desgaste dessas pessoas migrantes somente proporciona energia e conforto a certos corpos que o sistema capitalista privilegia. A elas cabia apenas fornecer ao máximo sua força de trabalho, sendo, durante esse processo e depois dele, usadas e descartadas. Tal qual

<sup>118</sup> “*Politics is not the exercise of power.*”

<sup>119</sup> “[...] *partakes in what he has no part in.*”

<sup>120</sup> “o povo barata [...] os bichinhos em que todo mundo pisa”.

<sup>121</sup> Agradeço à profa. Laura Izarra por me trazer esse fato à lembrança.

objeto ou inseto sem valor, Alejo se sente totalmente esmagado por esse piche que macula e suprime sua história.

*He thought first of his feet sinking, sinking to his knee joints, swallowing his waist and torso, the pressure of tar squeezing his chest and crushing his ribs. Engulfing his skin up to his chin, his mouth, his nose, bubbled air. Black bubbles erasing him. Finally the eyes. Blankness. Thousands of bones, the bleached white marrow of bones. Splintered bone pieced together by wire to make a whole, surfaced bone. No fingerprint or history, bone. No lava stone. No story or family, bone. And when he awoke from the darkness of the tar, he was looking up into the canopy of peach trees, his forehead a swamp of purple blood and bruise and hair, and into the face of his cousin.<sup>122</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 77-78).*

A perda da consciência e o apagamento da história ocorrem concomitantes no trecho acima, indicando que, sem uma consciência ativa e crítica, é impossível não ser esmagado pelas forças do sistema. De fato, o jovem Alejo não é capaz de ressignificar sua vida. Tem sonhos e até reconhece a importância da educação para realizá-los, mas acaba sendo cooptado pelos padrões hegemônicos. Ao ser levado para o hospital por Estrella e sua família, o jovem tacitamente demonstra à moça o medo e a incapacidade que ele tem de desafiar as regras que o mantêm cativo. Sua luta é insuficiente e irrelevante: tal qual Dom Quixote lutando contra moinhos de vento, “Alejo lutava com um pedaço de jornal”<sup>123</sup> (p. 52). Após ser deixado hospitalizado em Corazón (p. 155), sem indícios de recuperação, a narrativa nada mais diz a seu respeito. Inicia-se um novo capítulo, com as passagens de desfecho do romance: a indecisão de Perfecto quanto a permanecer ou não nos Estados Unidos, a ruptura da estátua de Jesus que Petra cuidadosamente mantinha no barraco e, na última cena, o processo de renascimento de Estrella, no estábulo em ruína, conforme discutiremos no terceiro capítulo.

Endossando e expandindo a afirmação de Anzaldúa que abre esta seção, podemos entender que o próprio Sudoeste, com toda a história de conquista e expropriação de direitos humanos que o marcaram desde o século XIX, é uma das grandes feridas no corpo político dos Estados Unidos. *Under the Feet of Jesus* retrata a importância de mexer nessa ferida para estancar o sangue. E, para fazê-lo, conforme veremos no próximo capítulo, é fundamental desenvolver agência, o que somente é possível a partir de um letramento que possibilita, mais

<sup>122</sup> “Pensou primeiro em seus pés afundando, afundando até as juntas dos joelhos, engolindo sua cintura e torso, a pressão do piche espremendo seu peito e esmagando suas costelas. Absorvendo sua pele até o queixo, a boca, o nariz, bolhas de ar. Bolhas negras o apagando. Finalmente os olhos. Branquidão. Milhares de ossos, o branco alvejado de medulas ósseas. Estilhaços de osso juntados com fio pra formar um osso inteiro, na superfície. Nenhuma impressão digital ou história, osso. Nenhuma pedra de lava. Nenhuma estória ou família, osso. E quando ele despertou da negridão do piche, estava olhando para cima, para a cachopa de pés de pêssego, sua testa um charco de sangue roxo e ferimento e cabelo, e para o rosto de seu primo”.

<sup>123</sup> “Alejo struggled with a piece of newsprint paper.”

que ler e escrever, desler rótulos sociais tidos como verdades absolutas, resistir às estruturas sociais injustas e reescrever a história.

## 2 A REPRESENTAÇÃO DO LETRAMENTO EM *UNDER THE FEET OF JESUS*

*“He said, ‘if you teach that nigger (speaking of myself) how to read, there would be no keeping him. It would forever unfit him to be a slave. He would at once become unmanageable, and of no value to his master.’”*

(DOUGLASS; JACOBS, *Narrative of the Life of Frederick Douglas*, p. 33)

Conforme vimos no capítulo anterior, Helena María Viramontes é uma autora politicamente engajada e concebe a literatura como meio indispensável para fazer ecoar a voz daquelas pessoas silenciadas na e pela conjuntura social hegemônica. Em sua obra, de modo geral, e em *Under the Feet of Jesus*, particularmente, podemos enxergar confluências marcantes entre história e ficção.

Como discutimos, a educação sempre foi uma das feridas mais inquietantes na história da população chicana. Neste capítulo, analisaremos a representação do letramento no romance em estudo, focalizando o processo de aquisição de agência da personagem Estrella. Antes, porém, de abordarmos como ele é representado na obra, faz-se necessária uma sucinta discussão sobre o próprio conceito de letramento, bem como sobre sua importância na literatura pós-colonial e na de grupos minoritários em geral.

### 2.1 Letramento em perspectiva literária

O primeiro *he* da citação epigrafada refere-se ao Sr. Hugh Auld, a cujo senhorio o escritor abolicionista Frederick Douglass é submetido em Baltimore, Maryland, na década de 1830, após uma infância de escravidão na área rural do condado de Talbot, região leste daquele estado. Quem relata o ocorrido é o próprio Douglass, em uma de suas autobiografias, e a repreensão que figura no excerto é dirigida à Sra. Sophia, descrita por Douglass como uma mulher amável e generosa, que o ensina a ler e a escrever, motivo pelo qual é severamente repreendida por seu marido, que considerava o letramento um perigo para o sistema escravocrata da época, pois incitaria os escravizados a lutarem por sua liberdade. Posteriormente, Douglass escreveria que aquela advertência do Sr. Auld havia sido “a primeira palestra decididamente abolicionista”<sup>124</sup> que ouvira (DOUGLASS, 2003, p. 50).

Os escritos de Frederick Douglass antecedem, em décadas, os de outros importantes autores que também se posicionaram crítica e enfaticamente em defesa da causa de minorias

<sup>124</sup> “*the first decidedly antislavery lecture*”.



oprimidas pelo sistema sociopolítico dominante, como Frantz Fanon (1925-1961), Paulo Freire (1921-1997), Aimé Césaire (1913-2008) e Albert Memmi (1920), e, assim como estes, focalizam o letramento como força impulsionadora da libertação humana.

A teórica Cathy Davidson (1986, p. vii), ao escrever sobre o surgimento do romance nos Estados Unidos, afirma que o letramento pode ser considerado uma revolução silenciosa, que teve início, naquele país, nos últimos anos do século XVIII e se estendeu até a metade do século seguinte, uma revolução que concedeu aos cidadãos comuns e aos desprivilegiados “[...] uma independência tão profunda quanto aquela negociada no Independence Hall”.<sup>125126</sup>

Frederick Douglass constitui um notável exemplo dessa conquista de liberdade a que se refere Davidson. Escravizado em Baltimore e impedido pelo Sr. Auld de continuar aprendendo a ler e escrever em casa, Douglass persiste secretamente em seu intento e acaba por se autoensinar, observando a leitura e a escrita dos meninos brancos da sua vizinhança e a dos homens com quem trabalhava. Diria ele, posteriormente, que “o conhecimento é o caminho da escravidão para a liberdade”<sup>127</sup> (DOUGLASS; JACOBS, 2004, p. xiii). A partir da leitura de jornais, panfletos e outros impressos de cunho político, Douglass se alça a um nível mais elaborado de percepção do mundo, que lhe possibilita questionar e condenar o sistema de escravidão então vigente, tornando-se intrépido abolicionista e um dos mais eloquentes oradores e escritores na história dos Estados Unidos. À medida que seu processo de letramento evolui, evolui também a sua consciência crítica, força motriz da sua ação em prol de sua própria liberdade e da libertação do seu povo.

Com efeito, **tomada de consciência** e **agência** são conceitos fulcrais no discurso dos estudos literários que se dedicam às literaturas não hegemônicas, produzidas por grupos minoritários assim definidos com base em categorias como etnia, raça, classe social e gênero biológico. São conceitos estreitamente relacionados à utilização do código linguístico, implicando o desenvolvimento de uma habilidade de leitura e engajamento político-social críticos por parte do sujeito oprimido, quer fazendo uso do seu próprio sistema linguístico, quer utilizando o do opressor, ou hibridizando os dois.<sup>128</sup> Reflexões acerca do papel do uso da língua

<sup>125</sup> “[...] *an independence as profound as that negotiated in Independence Hall.*”

<sup>126</sup> O Independence Hall é o prédio onde a Declaração da Independência e a Constituição dos Estados Unidos foram debatidas e adotadas, no século XVIII. Está localizado na Filadélfia, Pensilvânia.

<sup>127</sup> “*Knowledge is the pathway from slavery to freedom.*”

<sup>128</sup> Exemplos de códigos híbridos são o portunhol, mistura do português com o espanhol, e o caló, que combina o léxico do romani e a gramática do espanhol e de outras línguas da Península Ibérica. É falado por grupos ciganos, em especial, na Argentina, no Brasil, na Colômbia e no México. Dado o corpus do presente trabalho, ressaltamos, sobretudo, o caló chicano, também conhecido como pachuco, resultante de uma combinação do inglês com o espanhol mexicano e falado especialmente no sudoeste dos Estados Unidos. Em relação ao espanglês (também um híbrido entre o espanhol e o inglês), o caló apresenta mais rima, à semelhança do inglês vernáculo afro-americano.

do opressor pelo oprimido, no que concerne ao processo de libertação do indivíduo e seu grupo, tomam, como base, textos tão variados, em termos temporais, espaciais e de gênero, quanto o que representa o enfrentamento a Próspero por Caliban,<sup>129</sup> o que revela o descobrimento do poder redentor da escrita e da leitura por Frederick Douglass<sup>130</sup> e o que retrata a correlação entre letramento e agência no itinerário de Mr. Biswas.<sup>131</sup>

Em obra clássica dos estudos pós-coloniais, Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2002) trazem à tona uma reflexão acerca do poder político conferido pela língua inglesa ao sujeito colonial, que dela se vale para fazer-se ouvir, instigando uma reorientação da história a partir de um discurso que busca refazer seu trajeto em sentido inverso, isto é, das margens para o centro. Com base nessa argumentação, podemos considerar as literaturas produzidas pelas minorias como um discurso que também se encaminha da margem para o centro, constituindo-se, na maioria das vezes, em um movimento de caráter político com o objetivo de propulsionar uma revisão e reelaboração da história, desafiando não somente o cânone literário, mas também ideias hegemônicas de sociedade e cultura.

Tendo, desde sua gênese, o encorajamento e a resistência em seu cerne, a literatura chicana enquadra-se, nitidamente, no perfil acima delineado. Como esclarece Trujillo,

*[...] in the '50s, our literature remains an in-house phenomenon, ignored by the mainstream. With the passing of the influence of the first generations of Mexican origin here in the U.S., questions arise concerning acculturation for acceptance, or the creation of a self-identity as a community, with an identifiable literature that reflects our historical experience of exclusion, exploitation, and ambiguity in this country.*<sup>132</sup> (apud MEIER; RIBERA, 1993, p. 69, grifo nosso).

No que concerne aos estudos teóricos e às representações culturais do trauma, particularmente na literatura, a escravidão é um tema já extensamente abordado, juntamente com as guerras, a colonização e o Holocausto. Carecemos, no entanto, de estudos de obras literárias que correlacionem letramento e trauma, partindo de uma perspectiva que apresente o

<sup>129</sup> Trata-se de *The Tempest*, peça teatral de William Shakespeare, produzida na Inglaterra, no século XVII. Na peça, Caliban somente é capaz de voltar-se contra Próspero, seu colonizador, após aprender a língua do mesmo.

<sup>130</sup> Temos em mente a obra da qual extraímos o excerto epigrafoado: *Narrative of the Life of Frederick Douglass*, uma autobiografia do escritor, publicada em 1845 e que se tornou texto inspirador da causa abolicionista de então. Na obra, o autor enfatiza a importância de saber ler e escrever para ser capaz de contestar a sociedade opressora em que vivia e tornar-se um homem livre.

<sup>131</sup> Trata-se da obra *A House for Mr. Biswas*, romance de formação publicado em 1961, em que o autor trinitário e britânico Vidiadhar Surajprasad Naipaul (2003) retrata o papel decisivo do letramento para a aquisição de agência por parte do protagonista, Mr. Biswas.

<sup>132</sup> “[...] nos anos 50, a nossa literatura permanece um fenômeno interno, ignorado pela corrente dominante. Com o passar da influência das primeiras gerações de origem mexicana aqui nos Estados Unidos, surgem questões concernentes à aculturação para aceitação, ou a criação de uma identidade própria como comunidade, com uma literatura definida que reflete nossa experiência histórica de exclusão, exploração e ambiguidade neste país”.

letramento como importante meio para a ressignificação da condição traumática, a exemplo do que se deu a Frederick Douglass, que, como visto acima, embora vitimizado pelo trauma da escravidão, foi capaz de ressignificar sua história e a de seu povo, por intermédio de uma habilidade adquirida em um contexto sociopolítico que lhe era intensamente hostil: a habilidade de ler e escrever. Mais especificamente: a de ler e escrever **criticamente** o seu mundo.

Antes de verificarmos a representação do letramento em *Under the Feet of Jesus*, apresentamos abaixo uma breve discussão conceitual do termo.

## 2.2 Letramento: **significante e significado(s)**

Pelo menos no Brasil, como esclarece Magda Soares (2012), o significante **letramento** é relativamente novo, tendo entrado para o nosso léxico, com o significado que hoje lhe damos,<sup>133</sup> na segunda metade dos anos 80. Antes dessa década, falávamos em **alfabetização** (processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita) e indivíduos **alfabetizados** (que sabem ler e escrever) e **analfabetos** (que não sabem ler nem escrever). Indivíduo **letrado** referia-se a uma pessoa erudita, versada em línguas e literatura, e letramento era considerado termo arcaico, sinônimo de escrita, substantivo de letrar, que equivalia ao que hoje chamamos de soletrar.

De acordo com Soares, somente a partir da década de 1980 é que começamos a entender o significante letramento, bem como seus adjetivos (letrado e iletrado), de acordo com os significados atribuídos, em inglês, a *literacy*, *literate* e *illiterate*: “*Literate* é, pois, o adjetivo que caracteriza a pessoa que domina a leitura e a escrita, e *literacy* designa o estado ou condição daquele que é *literate*, daquele que não só sabe ler e escrever, mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita” (SOARES, 2012, p. 36, grifos no original).

É preciso, pois, considerar que letramento é um fenômeno muito mais abrangente que alfabetização, o que se pode constatar tanto no romance de Viramontes, quanto no mundo real da educação, das ciências sociais, bem como dos estudos linguísticos e literários da atualidade. Com base na obra clássica de Paulo Freire *Pedagogia do oprimido*, publicada no Brasil em 1974, letramento tem sido considerado, em um âmbito interdisciplinar, nacional e

---

<sup>133</sup> De acordo com Magda Soares, hoje entendemos letramento como o “[r]esultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita.” Letramento é, pois, “[o] **estado** ou **condição** que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.” Ressalta, ainda, a autora que “**ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever** significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; **apropriar-se da escrita** é tornar a escrita ‘própria’, ou seja, assumi-la como sua ‘propriedade’.” (SOARES, 2012, p. 39, grifos no original)

internacionalmente, dentro de um contexto sociointeracionista mais amplo, além do simples ato de aquisição de habilidades necessárias para a leitura e a escrita. Em sua dimensão crítica, o letramento significa que a leitura e a escrita são uma “[...] parte do processo de o indivíduo tornar-se consciente da sua vivência enquanto historicamente construída dentro de relações de poder específicas.” (ANDERSON; IRVINE, 1993, p. 82).<sup>134</sup>

Em sua obra sobre o tema, em coautoria com Donaldo Macedo, Freire esclarece que

O ato de ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e a seguir escreveram as palavras. Esses são momentos da história. Os seres humanos não começaram por nomear A!F!N! Começaram por libertar a mão e apossar-se do mundo. (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 32).

Como ainda explica Freire (1975 apud GADOTTI, 1993, p. 255), “Não basta saber ler mecanicamente que ‘Eva viu a uva’. É necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho”.

Na ótica freiriana, o letramento é indissociável de conscientização e libertação. Para Freire, ele só pode ser transformador quando levar o indivíduo a fazer uma leitura crítica das ideologias que o (des)posicionam no mundo, quando lhe proporcionar uma consciência política que engendre resistência e libertação, a exemplo do que se deu na África do Sul, na década de 1970, com o Movimento da Consciência Negra (*Black Consciousness Movement*), fundado por Stephen Bantu Biko e de importância crucial na mobilização antiapartheid.

Escrevendo no contexto estadunidense, a autora chicana Ana Castillo, em sua obra *Massacre of the Dreamers*, assim se refere a Freire e ao conceito de conscientização:

*Along with a formal education, he proposed a raising of political consciousness which would enable the Brazilian population, the majority of whom live in poverty, to become empowered by understanding their social conditions. He called this consciousness raising process, “conscientização”. Throughout the rest of Latin America it was translated to “conscientización”. There is no single word equivalent for this verb turned noun and in the United States it was translated to consciousness raising.*<sup>135</sup> (CASTILLO, 1995, p. 9).

<sup>134</sup> “[...] part of the process of becoming conscious of one’s experience as historically constructed within specific power relations”.

<sup>135</sup> “Juntamente com uma educação formal, ele propôs a promoção de uma consciência política que daria à população brasileira, em sua maioria vivendo na pobreza, a habilidade de se empoderar mediante o entendimento de sua condição social. A esse processo de promoção de consciência, ele chamou ‘conscientização’. Em todas as outras partes da América Latina, traduziu-se essa palavra como ‘conscientización’. Não existe uma palavra equivalente para esse verbo nominalizado e, nos Estados Unidos, traduziu-se como promoção de consciência”.

Esse apelo à aquisição de uma consciência política é igualmente recorrente na obra do filósofo Frantz Fanon, a qual exerceu grande influência no pensamento de Freire. Em *Black Skin, White Masks* (1952),<sup>136</sup> Fanon defende a assunção de uma identidade autenticamente negra por parte da população africana nas colônias francesas do Caribe e da África. Tal identidade, para ele, somente seria possível a partir da conscientização acerca de si próprio e de sua existência com relação ao branco colonizador, num contínuo processo de criar-se e recriar-se a si mesmo: “No mundo para o qual eu caminho, eu estou continuamente criando a mim mesmo”<sup>137</sup> (FANON, 2008, p. 204). Em um capítulo dessa mesma obra, que trata especificamente do poder que a língua tem para a aquisição da consciência, Fanon declara que a língua é “[...] essencial para nos proporcionar um componente no entendimento da dimensão do homem negro de existir para os outros, compreendendo-se que falar significa existir absolutamente para o outro”<sup>138</sup>(FANON, 2008, p. 1).

Na seção “The Word Was Made Flesh: Spanish in the Classroom”, que integra o capítulo “La Causa: the Chicanos”, o poeta e educador chicano Sabine Reyes Ulibarrí, parafraseando a narrativa evangélica sobre a concepção de Cristo,<sup>139</sup> teoriza a respeito do caráter ontológico da língua, na obra *Aztlán: an Anthology of Mexican American Literature* (1972):

In the beginning was the Word. And the Word was made flesh. It was so in the beginning, and it is so today. The language, the Word, carries within it the history, the culture, the traditions, the very life of a people, the flesh. Language is people. We cannot even conceive of a people without a language, or a language without a people. The two are one and the same. To know one is to know the other<sup>140</sup> (ULIBARRÍ, 1972, p. 295).

<sup>136</sup> Publicada, no original francês, em 1952, sob o título *Peau Noire, Masques Blancs*. A tradução em inglês foi publicada, nos Estados Unidos, na década de 1960, no auge do Movimento dos Direitos Civis, juntamente com outra obra clássica do autor, *The Wretched of the Earth*, que trata da violência da instauração do mundo colonial. A tradução em português, *Pele Negra, Máscaras Brancas*, teve a primeira publicação no Brasil em 1963.

<sup>137</sup> “*In the world I am heading for, I am endlessly creating myself.*”

<sup>138</sup> “[...] *essential for providing us with one element in understanding the black man’s dimension of being-for-others, it being understood that to speak is to exist absolutely for the other.*”

<sup>139</sup> É importante ressaltar que, para os cristãos, Jesus Cristo é considerado o novo homem, novo Adão, que reconstrói a aliança entre o divino e o humano, religando a raça humana à sua origem, conforme se pode verificar nos excertos bíblicos de Isaías 7, 14; 8,10, Romanos 5, 19 e João 1,1. Por meio dessa paráfrase, Ulibarrí atesta sua convicção sobre a natureza primordialmente instrumental e dialógica da língua. Fica evidente que, para ele, é impossível conceber a ideia de uma ressignificação da história chicana sem se valer da **ferramenta** linguística.

<sup>140</sup> “No princípio era a Palavra. E a Palavra se fez carne. No princípio era assim, e é assim hoje. A língua, a Palavra, carrega consigo a história, a cultura, as tradições, a própria vida de um povo, a carne. Língua é povo. Não podemos nem mesmo conceber a ideia de um povo sem uma língua, ou uma língua sem um povo. Os dois são uma única e mesma coisa. Conhecer um é conhecer o outro”.

Linguagem e língua têm, pois, um caráter eminentemente funcional e dialógico, tanto em Fanon quanto em Freire e Ulibarrí, e pressupõe um ativo envolvimento do indivíduo com o seu mundo material, sobretudo no que tange às suas relações com o outro.

Conforme ressaltamos na seção anterior, o letramento ocupa espaço de grande relevância na literatura pós-colonial. Dentre as obras que abordam o tema, podemos citar *A House for Mr. Biswas* (1961)<sup>141</sup>, do trinitário e britânico Vidiadhar Naipaul; *Arrow of God* (1964)<sup>142</sup> e *Ìsarà* (1989)<sup>143</sup>, dos nigerianos Chinua Achebe (2016) e Wole Soyinka, respectivamente; e *Myal* (1988)<sup>144</sup>, da jamaicana Erna Brodber. Esses são apenas alguns dos romances que retratam a importância da aprendizagem da leitura e da escrita da língua do colonizador para a (re)constituição da subjetividade no contexto de dominação imperialista.

Mariana Bolfarine, em sua dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo, em 2011, intitulada *Espaço e metaficção em A House for Mr. Biswas, de V. S. Naipaul*, dedica boa parte do seu estudo à “[...] relevância da leitura e da escrita para a construção do romance por meio da educação colonial e das diferentes percepções das leituras que Biswas faz a fim de se autoaperfeiçoar [...]”, argumentando que “o letramento engendra um importante espaço – o da imaginação –, força essencial para a manutenção do imaginário pós-colonial [...]” (BOLFARINE, 2011, p. 83, 93).

Enquanto, como defende Bolfarine, *A House for Mr. Biswas* representa o letramento como força motriz da imaginação,<sup>145</sup> conferindo a Mr. Biswas a possibilidade de se autorrealizar<sup>146</sup>, por meio do domínio da leitura e escrita do inglês (língua colonial do romance), *Under the Feet of Jesus* coloca em pauta o fato de que o conhecimento do código linguístico do dominante, no contexto neocolonial, não é suficiente para a conquista da autorrealização e da liberdade individual e social. Com efeito, o romance de Viramontes nos chama a atenção para a necessidade e urgência de uma leitura de mundo eficazmente crítica, que confronte e desmascare significantes, questionando e ultrapassando significados pré-estabelecidos.

---

<sup>141</sup> Publicado no Brasil, pela Companhia das Letras, em 2001, como *Uma Casa para o Sr. Biswas*. Vide nota 131, acima.

<sup>142</sup> Publicado no Brasil, em 2011, como *A Flecha de Deus*, pela Companhia das Letras.

<sup>143</sup> Sem tradução no Brasil.

<sup>144</sup> Sem tradução no Brasil.

<sup>145</sup> Para o antropólogo Arjun Appadurai, a imaginação é elemento-chave para o desenvolvimento da agência (APPADURAI, 2000, p. 6 apud BOLFARINE, 2011, p. 94).

<sup>146</sup> Cabe ressaltar que o letramento a que Mr. Biswas tem acesso é retratado, no romance, conforme argumenta Bolfarine (2011, p. 84), como parte intrínseca à “missão” colonizadora britânica, assujeitando o indivíduo colonizado ao lhe impor um conjunto de valores e códigos sociais distintos daqueles originalmente seus. A autorrealização de Mr. Biswas torna-se, pois, questionável, uma vez que pressupõe sua assimilação à cultura eurocêntrica, colocando-o no status de um mímico.

Nesse sentido, o romance expande a noção de letramento, ao tratá-lo não apenas como condição básica para o indivíduo e seu grupo participarem mais igualmente dos bens sociais da maioria hegemônica, mas como *ferramenta* indispensável para contestarem as estruturas que sustentam essa hegemonia, garantirem sua liberdade, fazerem sua voz ser ouvida, sendo autores da sua própria história e tomarem parte integral e ativa da cidadania. No plano discursivo, é a associação entre letras e ferramentas realizada na narrativa que nos apresenta essa possibilidade de ressignificação.

### 2.3 Entre a letra e a ferramenta: o percurso do letramento de Estrella

“O mais difícil mesmo é a arte de desler”. (QUINTANA, *Caderno H*, p. 165).

O letramento está presente em *Under the Feet of Jesus* desde o início da história. É ele que propulsiona a agência de Estrella, o que se constata tanto no plano composicional do enredo – em relação às demais personagens – quanto no plano discursivo, à medida que a narrativa retrata como Estrella vai, gradativamente, exercendo o protagonismo da sua história. Sua aquisição de voz e autoafirmação acontece concomitantemente à sua evolução no plano biológico (a menina torna-se mulher), enfatizando que o letramento retratado pelo romance envolve não somente a dimensão psíquica da pessoa, mas também sua materialidade corporal, o que se torna especialmente significativo no caso de trabalhadoras e trabalhadores rurais migrantes chicanos, cujos corpos são brutalmente marcados pelas condições penosas de trabalho e pelos efeitos nocivos do sol e dos agrotóxicos. A Estrella-menina que encontramos nas primeiras linhas do romance não sabe ainda para onde ir nem o que esperar da vida migrante que leva: “Será que eles estavam a caminho do estábulo esse tempo todo? Estrella não sabia”<sup>147</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 3). Já a Estrella-mulher com quem deparamos no final do romance está segura do seu caminho, pois sua capacidade de leitura e sua consciência política dão-lhe o poder de (re)definir sua trajetória.

A justaposição discursiva de dois momentos epifânicos de Estrella – sua descoberta das funções práticas das ferramentas do padraço Perfecto e o início de sua capacidade efetiva de leitura –, aliada à ênfase que o enredo de *Under the Feet of Jesus* coloca no processo evolutivo de **leitura de mundo** vivenciado pela jovem, permite-nos argumentar que a narrativa apresenta uma concepção de letramento em consonância com o postulado de Freire acima, na medida em

<sup>147</sup> “Had they been heading for the barn all along? Estrella didn’t know.”

que retrata o processo de leitura de Estrella como uma capacidade de desleitura, ou seja, não se trata simplesmente de decifrar e reproduzir um sistema de escrita, mas, acima de tudo, de decodificar e interpelar um sistema sociopolítico, percebendo e desfazendo as astúcias semânticas dos seus discursos, por meio das quais uma quantidade imensurável de indivíduos são convenientemente apagados.

*Perfecto Flores taught her the names that went with the tools: a claw hammer, he said with authority, miming its function; screwdrivers, see, holding up various heads and pointing to them; crescent wrenches, looped pliers like scissors for cutting chicken or barbed wire; old wood saw, new hacksaw, a sledgehammer, pry bar, chisel, axe, names that gave meaning to the tools. Tools to build, bury, tear down, rearrange and repair, a box of reasons his hands took pride in. She lifted the pry bar in her hand, felt the coolness of iron and power of function, weighed the significance it awarded her, and soon she came to understand how essential it was to know these things. That was when she began to read.*<sup>148</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 26).

Esse excerto, retirado do primeiro capítulo, retrata o momento em que o padrasto de Estrella lhe ensina os nomes e as finalidades práticas das suas ferramentas, e, a partir dessa concretização do que até então era abstrato para a garota, ela se dá conta de que é capaz de ler. Essa cena contrasta com duas outras precedentes, em que ainda predomina um entendimento fantasioso da realidade, tanto por parte de Estrella, quanto de sua mãe. Em uma delas, Petra recorda o dia em que seu marido estava indo embora, abandonando a família. Como era uma mulher presa a superstições, ela chegara a colocar gotas de seu sangue menstrual no café do marido, pois acreditava que o ato de o homem ingerir café contendo sangue da menstruação da companheira tinha o poder de mantê-lo ao lado dela. É a partir de algo que Estrella diz sobre os novos cadarços dos sapatos do pai que Petra se dá conta de que o marido poderia estar partindo de vez, o que nos leva a deduzir que, até aquele momento, ela não fora sequer capaz de ler e entender o texto da sua própria relação com aquele homem. Ao chegar à conclusão de que poderia ficar sozinha com cinco crianças para cuidar, ela novamente se retrai a um mundo ilusório, pedindo a Estrella que diga tchau ao pai, como se ele estivesse apenas indo dar uma volta para retornar mais tarde: “— Estrella, mi’ja, Petra tinha dito, Papi tá indo. Fala **até mais**.” (VIRAMONTES, 1995, p. 23, grifo nosso).<sup>149</sup>

<sup>148</sup> “Perfecto Flores ensinou a ela os nomes que acompanhavam as ferramentas: um martelo de carpinteiro, disse ele com autoridade, imitando sua função; chaves de fenda, olha, segurando diversas cabeças e apontando pra elas; chaves inglesas, alicates de bico parecendo uma tesoura pra cortar frango ou arame farpado; serrote pra madeira, serra pra metal, uma marreta, pé de cabra, talhadeira, machado, nomes que davam sentido às ferramentas. Ferramentas pra construir, enterrar, derrubar, reajustar e consertar, uma caixa de razões de que suas mãos de orgulhavam. Ela levantou o pé de cabra em sua mão, sentiu a frieza do ferro e o poder da sua função, pesou o significado que isso lhe dava, e logo veio a entender o quanto era essencial saber essas coisas. Foi aí que ela começou a ler”.

<sup>149</sup> “— *Estrella, mi’ja, Petra had said, Papi’s leaving. Say good-bye for now*”.



No entanto, o que Petra nega para si mesma, apegada a superstições e romantismo, Estrella entende como realidade inevitável, apesar da incapacidade de entender as implicações econômicas e a relação de causa e efeito do abandono do pai. Ela compreende que ele não voltará mais e, com uma percepção infantil das experiências humanas (porém, mais racional que a de Petra), insiste com a mãe para que esconda os sapatos dele, impedindo-o de ir embora. Mas já não há mais tempo e, com o bater da porta, Petra apenas leva as mãos até a boca para amparar o choro e impedir que sua raiva atinja a filha. “E era tarde demais, tarde demais porque a porta bateu com força e Petra amparou com as mãos o grito em sua boca, impedindo que a pura raiva branca se derramasse em sua filha”<sup>150</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 24).

A cor branca com que sua raiva é caracterizada sugere seu sentimento de inconformidade com a situação econômica da família, causada pela exploração por parte da sociedade branca, responsável por rupturas como aquela. No entanto, Petra permanece passiva e, ao invés de enfrentar a situação para superá-la, entrega-se ao desespero e chega ao ponto de mutilar o próprio corpo em uma tentativa de redirecionar a dor daquele trauma: “Ela havia mordido o músculo do seu polegar, rasgou carne e, em seguida, cambaleou para trás e deixou correr água fria na banheira para fazer sumirem as gotas de sangue como sementes de romã”<sup>151</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 18).

Na passagem anterior a essa, os primos Alejo e Gumecindo, assim como Petra, também se encontram em uma situação de risco. Estavam roubando pêssegos e ouviram um barulho estranho, viram pássaros voando agitados e as folhas das árvores se revirando. Alejo sequer podia ler a direção de onde vinham os pássaros: “[...] e Alejo não conseguia ler de qual direção os pássaros vinham”<sup>152</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 10). Num primeiro momento, apesar de inseguro, convenceu-se de que fosse apenas uma briga de gato, enquanto Gumecindo acreditava ser um fantasma, La Llorona<sup>153</sup>, que ele sempre considerara apenas como uma lenda.

Assim como Gumecindo, Alejo também oscila entre o concreto e o fantasioso. Após ver uma sombra dar a volta no estábulo e não sabendo distinguir se era um anão adulto ou uma criança encorpada, Alejo pensou que fosse um dos filhos dos moradores do local e que o menino

<sup>150</sup> “*And it was too late, too late because the door slammed shut and Petra cupped the cry in her mouth, damming the pure white anger from spilling onto her daughter*”.

<sup>151</sup> “*She had bitten the muscle of her thumb, tore flesh, then reeled herself back and ran cold water in the tub to vanish the blood drops like pomegranate seeds*”.

<sup>152</sup> “[...] and Alejo couldn’t read which direction the birds came from”.

<sup>153</sup> La Llorona (a Chorona) é uma lenda amplamente conhecida no México. De acordo com a versão folclórica genérica (há variações regionais), trata-se do fantasma de uma mulher que foi abandonada pelo marido e teve de criar sozinha seus dois filhos, que, por raiva e pesar, ela acabou afogando em um rio. Seu castigo foi de perambular eternamente procurando os corpos das crianças e causando azar a todos que estiverem por perto ou que a ouvirem.

poderia se machucar. Juntamente com Gumecindo, correu para o estábulo e os dois, apreensivos, procuraram certificar-se de quem se tratava. Ao se darem conta de que era um garoto de lábio leporino que não conheciam, Gumecindo ficou com medo e se afastou, enquanto Alejo permaneceu ali. O garoto correu, caiu e se machucou em um vidro quebrado, e Alejo, para diverti-lo, começou a fazer sombras com formatos de animais. O menino ficou extasiado com as figuras que se metamorfoseavam de cisne em elefante e em coelho, mas a imagem majestosa da águia foi a que mais o impressionou:

*But it was the eagle, majestic wingspan of fingers, that made the boy forget his injury, the eagle that fluttered from the tower of shade, gliding its wings into the sunlight. Sprinkling droplets of blood, the boy chased the bird as it wheeled above a discarded tire and rippled over some glass shards until it zigzagged across the dented trough and finally returned to the tower from where it first appeared, and vanished.<sup>154</sup>*  
(VIRAMONTES, 1995, p. 23).

A figura da águia não é aleatória. A águia-americana, nativa da América do Norte, é a ave-símbolo dos Estados Unidos, que estampa o Grande Selo do país. O menino anônimo e ferido e o seu arrebatamento pela sombra daquela ilusão de águia podem ser entendidos como alusões da narrativa aos dois temas que discutimos no presente trabalho: o trauma, infligido pelos Estados Unidos aos indivíduos de origem mexicana, que causou uma ruptura no tecido sociocultural do povo chicano, e a importância do letramento para se despertar da hipnose, resistir às forças contrárias, assumir o controle da história e ressignificar a ferida.

O primeiro grande momento de Estrella no romance, sua primeira epifania, ocorre exatamente quando ela toma consciência do quão essencial era saber o que as ferramentas de Perfecto eram capazes de realizar concretamente no mundo. Antes disso, não passavam de figuras estranhas, sem significado algum para ela, tal qual as letras e números que lhe eram mecanicamente ensinados na escola: “As curvas e extremidades das ferramentas não faziam qualquer sentido para ela e as formas lhe eram tão estranhas e sem significado como as linhas de giz no quadro negro”<sup>155</sup> (VIRAMONTES, 1996, p. 25). A descoberta do que pode fazer efetivamente com elas no mundo é que lhe permite atribuir-lhes sentido, fazendo-a entender que, no contexto particular de sua vida e na de sua família e grupo social, a ação importa mais que a abstração. É aí que o seu processo de letramento tem início, conforme enfatiza o trecho

<sup>154</sup> “Mas foi a águia, majestosa envergadura de asas de dedos, que fez o garoto esquecer seu ferimento, a águia que esvoaçava da torre de sombra, planando suas asas dentro da luz do sol. Borrifando gotas de sangue, o garoto perseguiu o pássaro enquanto ele se empinava por cima de um pneu descartado e fazia ondas por cima de uns cacos de vidro até que ziguezagueou para o outro lado do cocho amassado e finalmente retornou à torre de onde havia aparecido, e sumiu”.

<sup>155</sup> “The curves and tails of the tools made no sense and the shapes were as foreign and meaningless to her as chalky lines on the blackboard”.

citado acima, em que a narradora equipara o entendimento de Estrella do valor funcional das ferramentas do padrao, até então enigmáticas para ela como as letras e números, a um verdadeiro ato de leitura, que desencadeia todo o processo de aprender a ler: “Foi aí que ela começou a ler”<sup>156</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 26).

Por meio dessa metáfora fulcral que associa a capacidade leitora com a concretude da aprendizagem dos nomes e das funções de ferramentas básicas de marcenaria, a narrativa chancela a concepção de letramento em sua dimensão crítico-operacional, como ato de desler estruturas de poder arbitrariamente institucionalizadas, sendo essa habilidade de (des)leitura equivalente a confrontar-se com tais estruturas e ser capaz de questioná-las, reformulá-las, destruí-las e reconstruir outras novas, mais acolhedoras e justas.

Tanto no início quanto no final da narrativa, o letramento como simples capacidade de codificar e decodificar o sistema linguístico é retratado como uma habilidade estanque, incapaz de promover uma comunicação eficaz com a realidade. Isso é perceptível em várias passagens do romance, dentre as quais ressaltaremos três, pela densidade narrativa das mesmas. Na primeira delas, ainda no primeiro capítulo, é narrada a relação de Estrella com Maxine Devridge, uma garota anglo-americana, porém não da classe dominante, que também migrava com a família para trabalharem nas lavouras. Os Devridge eram pessoas conhecidas na região pelo seu comportamento altamente agressor: “Havia ao todo dez Devridge, sem contar os que estavam na cadeia, e as outras famílias armavam barracas o mais longe deles possível”<sup>157</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 28).

Verificamos, na relação entre Maxine e Estrella, que a capacidade de leitura da garota chicana é ainda incipiente e estanque, uma mera habilidade de decodificação do texto escrito. Maxine possui uma coleção de revistas em quadrinhos da personagem *Millie the Model*<sup>158</sup> e, por não ter sido alfabetizada, pede a Estrella que leia a história para ela. A cada dia, uma nova revista, e a amizade foi se solidificando após o duro trabalho nas lavouras: “Dia após dia, quando a última fileira de tomates tinha sido colhida e o sol estava baixo, Estrella descia para encontrar Maxine, que esperava com uma revista em quadrinhos enrolada”<sup>159</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 32). O paradoxo embutido na passagem é patente. O encontro e a amizade das duas garotas, exploradas e apagadas pelo capitalismo estadunidense, se concretizam por meio de

<sup>156</sup> “*That was when she began to read*”.

<sup>157</sup> “*There were ten Devridges in all, not counting the ones in prison, and the other families pitched tents as far away from them as possible.*”

<sup>158</sup> Revista em quadrinhos da Marvel Comics, publicada, nos Estados Unidos, de 1945 a 1973.

<sup>159</sup> “*Day after day, when the last row of tomatoes had been picked and the sun was low, Estrella walked down the road to meet Maxine, who waited with a scrolled-up comic book.*”

revistas em quadrinhos que retratam histórias diametralmente opostas à rotina traumática dessas meninas, cujo trabalho fatigante nas lavouras, sob um sol escaldante, as coloca a uma grande distância do padrão de vida luxuoso da personagem Millie. Apesar de podermos entender esse encontro das duas meninas como uma espécie de sublimação reversa, em um sentido psicanalítico,<sup>160</sup> não podemos deixar de perceber que a narrativa também traz à tona a alienação social tanto de Estrella quanto de Maxine, que se distraem com o conforto e o luxo representados na revista, enquanto o seu dia a dia é marcado por experiências que nada têm de reconfortante.

Veremos, a seguir, que Maxine, apesar de não alfabetizada, é capaz de realizar uma leitura de mundo que, embora exígua, é ainda inalcançada por Estrella, cuja capacidade de ler restringe-se à mera decodificação do texto escrito. O paralelo que a narrativa traça entre esses dois atos de leitura – o de Maxine, que lê o mundo, e o de Estrella, que só lê as palavras – evidencia o quanto Maxine, apesar de também marginalizada pelo sistema socioeconômico que compartilha com a amiga chicana, encontra-se em uma posição mais privilegiada que esta, na medida em que a abrangência do seu olhar crítico a aproxima mais da capacidade de agência do que Estrella. Nesse co(n)texto, o fato de Estrella ler para Maxine, apesar de nos permitir entender uma maior capacidade intelectual dela em relação à garota anglo, sugere que a leitura como um fim em si mesmo, desacompanhada de percepção crítica, pode até gerar prazer e possibilitar laços de amizade, mas não é suficiente para sequer apreender as particularidades de uma história.

Embora de forma limitada, Maxine é capaz de apreender particularidades e questioná-las criticamente. Ela consegue ler detalhes da vida familiar de Estrella que esta não percebe, apesar de sua capacidade para decodificar a revista em quadrinhos. Ao comentar sobre a intimidade do relacionamento de Perfecto e Petra, Maxine invade a intimidade e ofende a honra de Estrella, ironizando tacitamente a pureza de Petra, que ela afirma estar “trepano com Perfecto” (p. 35). Para Estrella, que fora educada em uma família mexicana católica, apegada a preceitos morais, Perfecto era apenas um amigo de sua mãe, pois esta ainda era casada com seu pai e, de acordo com a moral católica, a mulher não pode se relacionar sexualmente fora do casamento.

Estrella tinha uma imagem idealizada da mãe, considerando-a como uma santa, uma mulher casta, praticante fiel da fé católica. Sua leitura do relacionamento da mãe com Perfecto

---

<sup>160</sup> Sublimação foi um termo introduzido por Sigmund Freud, no âmbito da psicanálise. Refere-se a um mecanismo de defesa do eu, a partir do qual uma pulsão individual é transformada em algo socialmente aceito. Equivale a transformar uma energia (de interesse individual) em outra (de interesse social).

era ingênua, e a ideia de que a mãe se relacionava sexualmente com ele era inconcebível, pois rompia com sua ideia da mãe perfeita e colocava em xeque a própria regra de comportamento moral até então inquestionada e inquestionável.

— *Why your papa so old? Maxine asked.*  
 — *He's not my papa.*  
 — *Then why you let your grandpa fuck your ma fo'?*  
*Estrella stopped. She halted Maxine with a jerk of her arm.*  
 — *What?*  
 — *Just weird, you know. My ma says it makes for one-legged babies not the wa...*  
 — *She isn't fucking him.*  
 — *And how'd you know that?*  
 — *'Cause he's not my papa.*  
 — *Jesus Henry Christ! Maxine replied incredulously. She began to laugh, her giggles bubbling like welling water when the irrigation pipe was twisted on. Sweet toast, don't you know nothin'?*  
 — *Shut your trap!*  
 — *They ain't dry-humping.*<sup>161</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 34-35).

Como, em inglês, o verbo *to know* significa tanto saber quanto conhecer, a pergunta que Maxine faz a Estrella – “[...] *don't you know nothing?*” – pode ser compreendida como um sarcasmo, significando tanto “você não sabe o que está se passando entre sua mãe e ele?” quanto “você não conhece nada?”. A expressão *Jesus Henry Christ!* também se configura sarcástica nesse contexto, possibilitando-nos entender que Maxine não somente ridiculariza a visão ingênua de Estrella acerca da relação entre Perfecto e Petra, mas também zomba da sua fé cristã e dos preceitos nela encerrados. Estrella, recusando-se a refletir sobre a provocação da amiga e tomada pelo instinto de defesa, parte para a briga, sentindo-se tão ofendida e furiosa a ponto de querer matar Maxine: “Estrella puxou o cabelo claro enebado de Maxine com um ódio tão grande que até ela ficou assustada. Por um momento sentiu como se pudesse matar a menina branca.” (VIRAMONTES, 1995, p. 35).<sup>162</sup>

A provocação arbitrária de Maxine e sua invasão da privacidade de Estrella evocam a invasão histórica das fronteiras do México perpetrada pelos Estados Unidos no século XIX, o

<sup>161</sup> “— Por que seu pai é tão velho? Maxine perguntou.

— Ele não é meu pai.

— Então por que cê deixa seu vô trepá com sua mãe?

Estrella parou. Deteve Maxine com uma puxada de braço.

— Quê?

— Esquisito, né. Minha mãe diz que faz nascê criança de uma perna só não fa...

— Ela não tá trepando com ele.

— E como cê pode ter certeza?

— Porque ele não é meu pai.

— Jesus Henrique Cristo! Maxine respondeu incrédula. Ela começou a rir, suas risadas borbulhavam como a água que jorrava quando o cano de irrigação era aberto. Cê não tá sabendo de nada, docin'?

— Fecha sua matraca!

— Eles não tão se esfregando”.

<sup>162</sup> “*Estrella pulled Maxine's stringy sandy hair with such pure hatred it startled even her. For a moment she felt as if she could kill the white girl*”.

que, como vimos no primeiro capítulo, não só ocasionou bruscamente a perda de vários direitos civis, mas também deixou sem espaço todas as pessoas que tinham naquele território o seu legítimo lar. Estrella e sua família também perderam seu espaço para Maxine. Após a ofensa que esta disparou contra Petra, Estrella não se conteve e atacou a garota.<sup>163</sup> O comportamento agressivo de Maxine e a culminância da briga em que as duas se envolveram acabaram intimidando Estrella e sua família e os obrigaram a se retirar subitamente da região, conforme instruções do capataz, Big Mac:

*When Perfecto returned with the mother, Estrella would have to tell her about the fight and the mother would sit outside the tarpaulin tent with aching varicose veins and wait for Big Mac to drive up and tell them to move on for their own good on account of he wasn't responsible for harm or bodily affliction caused by the devil-sucking vengeful Devridges.*<sup>164</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 36).

A capacidade crítica de Maxine restringe-se à esfera pessoal da vida alheia. No que tange à sua própria vida e sociedade, ela é também uma garota alienada, uma vez que demonstra interesse em ouvir as histórias fantasiosas sobre Millie e seu namorado Clicker, mas não faz qualquer esforço no sentido de questionar sua história real, em que as estruturas hierárquico-sociais a levam a ser mantida fora da escola, a ter que trabalhar nas lavouras para ajudar a família e a só poder dispor de um caixote de revistas porque estas foram roubadas pelos irmãos: “[...] Maxine possuía o que seus irmãos roubavam, e o que ela possuía era um caixote de revistas em quadrinhos.” (VIRAMONTES, 1995, p. 31).<sup>165</sup> No entanto, sua visão, embora exígua, contribui para ampliar a perspectiva de Estrella. A raiva com que esta ataca a amiga não se justifica apenas por ter-se sentido ofendida com o que Maxine disse, mas por chegar ao entendimento do que aquilo que ela disse podia mesmo ser verdade.

De acordo com Paula Moya (2002), Maxine está narrativamente relacionada à própria personagem *Millie the Model*, em termos da cor da pele, da posse das revistas e da paixão que nutre por Clicker, namorado de Millie. Tais metonímias, argumenta Moya, permitem-nos induzir que a investida de Estrella contra Maxine reveste-se de um caráter ambivalente, revelando a raiva por ter sido abandonada pelo pai e a fúria que sente pela cultura de consumo que a menina branca momentaneamente simboliza:

<sup>163</sup> Vale lembrar que foi a partir de uma **provocação** dos Estados Unidos que o México investiu contra aquele país, desencadeando a Guerra Mexicano-Americana (BEEZLEY; MEYER, 2010, p. 319-348).

<sup>164</sup> “Quando Perfecto retornasse com a mãe, Estrella teria de contar a ela sobre a briga e a mãe se sentaria do lado de fora da barraca de lona com varizes doloridas e esperaria até Big Mac chegar e falar para se mudarem para seu próprio bem por conta de que ele não era responsável por dano ou aflição corporal causados pelos Devridge vingativos do diabo”.

<sup>165</sup> “[...] Maxine owned what her brothers stole, and what she owned was a crate of comic books”.

*Like many girls her age, Estrella wants to be able to buy things, have fun, and be attractive to boys. But her exclusion, by virtue of her race and class, from that consumer culture gives rise to a volatile mixture of resentment and desire that erupts in her attack on Maxine.*<sup>166</sup> (MOYA, 2002, p. 199).

Reforça a percepção de Moya a perplexidade de Estrella tão logo a briga termina. Não só está livre de qualquer mágoa em relação a Maxine, como também deseja retomar a amizade com a garota, como podemos deduzir da cena seguinte, em que Estrella e sua família, intimados pelo capataz, mudam-se às pressas daquele lugar, sem mesmo receber o pagamento pelos últimos dias de trabalho:

*The wagon would pass the long rows of tomato plants where the two girls had plucked tomatoes, rubbing off the white coating of insect spray with their shirt sleeves [...] The wagon would pass the massive oak tree which they climbed to reread **Millie the Model** on a lazy Sunday when they were supposed to be in church [...] No one except Estrella saw Maxine follow the trail of dust left behind from the car. The two friends stared at each other until there was enough highway between them to bury their faces.*<sup>167</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 37-38, grifo no original).

Vemos, assim, que o período curto de convivência com Maxine e o que dele resulta contribuem para que Estrella tome consciência da fragilidade das suas ilusões e tenha uma visão mais clara da relação existente entre ela, a mãe e o padrasto, bem como das estruturas sociais que constituem seu mundo. A perda da amizade é compensada pela aquisição de um maior poder de compreensão da sua história, da violência estrutural e simbólica nela contidas.

Percebemos, a partir do encontro entre as duas meninas, que Estrella estava ávida de ler textos escritos interessantes, pois, até então, tudo que tinha para leitura, além dos livros de escola, eram jornais descartados, outdoors, textos sobre produtos alimentícios e um pequeno catecismo, único livro que, de fato, possuía:

*The teachers in the schools had never let her take picture books outside of the classroom. The only book she had ever owned was a catechism chapbook that her grandmother had given her. Estrella had read and reread the chapbook **I Believe in God and The Holy Spirit came in the form of tongues of fire to show His love, and***

<sup>166</sup> “Como muitas garotas da sua idade, Estrella quer poder comprar as coisas, se divertir e ser atraente aos garotos. Mas sua exclusão, em virtude da sua raça e classe, dessa cultura de consumo faz surgir uma mistura volátil de ressentimento e desejo que irrompe em seu ataque a Maxine”.

<sup>167</sup> “A perua ia passando pelas longas fileiras de pés de tomate onde as duas meninas tinham apanhado tomates, esfregando as mangas da camisa para retirar a camada branca de pesticida [...] A perua passava pelo enorme carvalho em que subiam para reler *Millie the Model* em um domingo preguiçoso em que deviam estar na igreja [...] Ninguém a não ser Estrella viu Maxine acompanhar o rastro de poeira atrás do carro. As duas amigas se encararam até haver rodovia o bastante entre elas para enterrar os seus rostos”.

*in a great wind to show the power of His grace.*<sup>168</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 30-31, grifo no original).

Quando Maxine lhe mostra a revista em quadrinhos, Estrella fica extremamente interessada, a ponto de tomá-la bruscamente das mãos da garota: “— Ok, ok. Me dá ela. E Estrella agarrou o **papel brilhante** em suas mãos.” (VIRAMONTES, 1995, p. 30, grifo nosso).<sup>169</sup> O fato de Estrella haver lido e relido o texto de seu catecismo e agarrar com avidez a revista de Maxine permite-nos inferir que ela estava ansiosa por uma leitura que lhe fizesse sentido, que lhe proporcionasse prazer. Queria levar para casa os livros ilustrados da escola, mas não tinha permissão; o catecismo era abstrato e difícil demais para ela, assim como os textos dos jornais; as instruções em produtos alimentícios e os outdoors que via nas rodovias eram significantes igualmente vazios de significado, pois demonstravam uma realidade que não condizia com a sua. Nesse patamar de letramento em que se encontra, Estrella ainda não consegue racionalizar o contraste, mas é capaz de apreendê-lo com os sentimentos, assim como foi tomada pelo sentimento que iniciou a briga com Maxine.

O trecho seguinte evidencia o desejo de Estrella de poder ler textos significativos, adequados à sua idade e ao seu contexto social, que aliviassem o peso da sua rotina nas lavouras e da sua realidade socioeconômica, já que os únicos escritos a que tinha acesso eram alienadores, monótonos e repletos de ironia. Porém,

*Maxine's book was light and Estrella flipped the first page open. The pictures had bubbles with words. Words like the kind in the newspapers thrown in trash cans at filling stations, or oatmeal instructions, or billboard signs that Estrella read over and over: Clorox makes linens more than white ... **It makes them sanitary, too! Swanson's TV Dinners, closest to Mom's Cooking. Copperstone—Fastest Tan Under the Sun with Maximum Sunburn Protection.***<sup>170</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 31, grifo no original).

É importante atentarmos na sinédoque que a narradora usa para se referir à revista em quadrinhos que Estrella avidamente agarra das mãos de Maxine. Ao empregar *gloss* (brilho, papel brilhante) em vez de *comic book* (revista em quadrinhos), a narrativa reforça que Estrella,

<sup>168</sup> “As professoras nas escolas nunca lhe tinham deixado levar livros ilustrados para fora da sala. O único livro que já havia possuído era um pequeno catecismo em folheto que sua madrinha lhe tinha dado. Estrella tinha lido e relido o catecismo **Creio em Deus e O Espírito Santo veio em forma de línguas de fogo para demonstrar o amor d’Ele, e em um grande vento para demonstrar o poder da Sua graça**”.

<sup>169</sup> “*Okay, okay. Gimme it. And Estrella grabbed the gloss in her hands*”.

<sup>170</sup> “O livro de Maxine era leve e Estrella abriu na primeira página. As gravuras tinham balões com palavras. Palavras parecidas com as dos jornais jogados em latas de lixo em postos de abastecimento, ou instruções de mingau de aveia, ou outdoors que Estrella lia de novo e de novo: **Clorox deixa a roupa de cama mais do que branca... Deixa higiênica, também! Jantar congelado da Sawnsom, o mais próximo da Comida da Mamãe. Copperstone – Bronzeado Mais Rápido Debaixo do Sol com Máxima Proteção Contra Queimadura**”.



apesar de já alfabetizada, ainda lê superficialmente, seduzida por um mundo de aparências. Como o menino anônimo de lábio leporino, que se encanta pelo show de sombras, Estrella deixa-se facilmente fascinar pelo show de imagens das revistas de Maxine. Encanta-se com o brilho do papel e com os balões cheios de palavras, sem perceber a incongruência entre o conteúdo desse brilho e a realidade subjacente ao brilho daquele sol que ela tem de enfrentar o dia todo nas lavouras.

Outra passagem que ressalta a esterilidade do letramento enquanto simples decodificação e codificação do signo verbal ocorre, em forma de flashback, no final da narrativa. É um momento que precede a quebra da estátua de Jesus, embaixo da qual permanecia um envelope que continha documentos de Petra e de seus filhos, tais como carteiras de identidade e de motorista, certificados de nascimento e de batismo e certidão de casamento. Nesse momento, em que Petra relembra acontecimentos marcantes da sua vida, retirando os documentos do envelope e relacionando-os a fatos vivenciados outrora, ela também encontra um certificado que Estrella ganhara na escola. Trata-se de um prêmio que Estrella obtivera por um texto que havia feito sobre seu gato de pelúcia, “um certificado grosso dado [a ela] por uma redação que escreveu intitulada *Meu Gato Gordo Azul*”<sup>171</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 166, grifo no original). É uma cena carregada de sentimentos de nostalgia e apreensão, em que várias reminiscências de Petra vêm à tona, levando-a à conclusão do quão pouco ela havia conquistado na vida. Ao tentar recolocar o envelope debaixo da estátua, que se encontrava em cima de um caixote de madeira, Petra se apoia nele para alcançá-la e acaba derrubando a estátua:

*Her reflexes were no longer fast enough to catch a falling statue; she could almost see the head splitting away from the body before it even hit the wood planks of the floor. The head of Jesucristo broke from His neck and when His eyes stared up at her like pools of dark ominous water, she felt a wave of anger swelling against her chest.*<sup>172</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 167).

É então que Petra conclui que “[i]sso era tudo que ela tinha: papelada, gravetos, uma fé despedaçada e Perfecto, e nesse momento tudo isso parecia, frente à enorme escuridão, tão leve quanto a cabeça [da estátua de Jesus] que ela segurava”<sup>173</sup> (p. 168-169). Por meio das lembranças de Petra, nesse momento final de constatação do esvaziamento da sua história,

<sup>171</sup> “a thick certificate award given to Estrella for an essay she wrote titled *My Blue Fat Cat*.”

<sup>172</sup> “Seus reflexos não eram mais rápidos o bastante para apanhar uma estátua caindo; ela podia quase ver a cabeça se separando do corpo antes mesmo de ela bater nas tábuas de madeira do chão. A cabeça de Jesus Cristo saiu de Seu pescoço e quando Seus olhos a encararam como poças de água escura sinistra, ela sentiu uma onda de raiva inchando em seu peito”.

<sup>173</sup> “That was all she had: papers and sticks and broken faith and Perfecto, and at this moment all of this seemed as weightless against the massive darkness, as the head she held.”

percebemos também a falta de significado do letramento que Estrella recebera na escola, uma espécie de letramento que a narrativa nos permite associar com a própria estátua de barro sobre o caixote vacilante de Petra, frágil demais para resguardar a integridade de alguém.

*Under the Feet of Jesus* chancela a linguagem como instrumental indispensável para a comunicação intra e interpessoal, bem como entre o indivíduo e seu mundo, enfatizando que a efetividade do letramento se dá na medida em que ele leva o sujeito a se valer dessa linguagem para se posicionar criticamente diante do complexo de forças que constituem sua realidade, local e globalmente. Nesse sentido, não basta saber distinguir uma letra da outra numa superfície qualquer, tampouco saber escrever sem entender criticamente o contexto social em que essa escrita se desenvolve, por mais elogiada e agraciada que esta venha a ser.

No caso da minoria chicana, em geral, e da população rural migrante, em particular, harmonia e abundância não são significantes apropriados para descrever a realidade: o gato gordo azul de Estrella é uma imagem sarcástica, assim como a história romantizada de *Millie the Model*. Igualmente sarcástico é o prêmio que a garota recebera pela redação que havia escrito: o papel grosso do certificado atestando a “competência escritora” de Estrella por ter produzido um texto sobre um fantasioso gato azul gorducho contrasta bruscamente com sua história concreta, a de uma etnia e classe cuja relação com a cor azul e o aspecto de saciedade física desse gato é um grande contrassenso. Assim, o texto escrito por Estrella revela muito mais a alienação imposta a ela pelo sistema escolar do que a competência de leitura crítica que este lhe deveria proporcionar.

Nessa perspectiva, como observa Paula Moya (2002, p. 178-179), o letramento que o romance retrata pode ser chamado de letramento completo (*complete literacy*), conceito desenvolvido pelo escritor chicano Luis Javier Rodriguez em sua autobiografia *Always Running: la vida loca, Gang Days in L.A.*, publicada em 1993, ano em que Viramontes estava escrevendo *Under the Feet of Jesus*. Para Rodriguez, o letramento completo é aquele capaz de proporcionar ao indivíduo “[...] um sentido de empoderamento e estima [...]: a habilidade de participar competente e confiantemente de qualquer nível da sociedade que se escolher”<sup>174</sup> (RODRIGUEZ, 1993, p. 9). Em seu relato, Rodriguez discorre sobre o seu processo de aprender a discernir, interpretar e enfrentar as forças político-sociais subjacentes à precariedade do seu contexto individual e social em Los Angeles, enquanto adolescente chicano transitando para a fase adulta. É patente em sua narrativa a correlação entre o letramento, a capacidade interpretativa e a agência do indivíduo. O letramento completo, para ele, é aquele que gera no

---

<sup>174</sup> “[...] a sense of empowerment and esteem [...]: The ability to participate competently and confidently in any level of society one chooses.”

sujeito uma conscientização crítica plena dos múltiplos contextos que o circundam, ensejando-lhe a habilidade de agir concretamente **no** mundo e **sobre** o mundo.

O caráter hermético do letramento escolar que não conduz à reflexão crítica e agência, ao qual nos referimos como letramento incompleto, para reforçar o contraste entre esse conceito e o de letramento completo cunhado por Rodriguez, pode também ser notado em um dos diálogos entre Estrella e Alejo, quando o jovem se encontra hospedado na casa da garota para se recuperar da intoxicação de que fora acometido pelo pesticida agrícola. Petra está com Perfecto, no quarto ao lado, e escuta a conversa dos dois. É Alejo quem inicia:

— *What grade are you in?*

— *I don't know.*

— *You always gonna work in the fields?*

*What a stupid boy! Petra thought, her nose pressed against Perfecto's neck. she smelled traces of Dixie peach pomade on his hair and the scent made her nauseous. What right did he have to ask that? If Estrella wasn't working, there would be nothing for him to eat.*

— *What's wrong with picking the vegetables people'll be eating for dinner?*

— *But you always wanna do it?*

— *I sure hope not.*<sup>175</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 117-118).

Esse excerto coloca em destaque não somente a alienação de Estrella com relação à sua vida escolar, como também a de Petra, que considera estupidez o questionamento que Alejo faz a Estrella a esse respeito. Ao responder que não sabe a série em que está, Estrella indica o quão instável é a sua realidade de trabalhadora rural migrante, que a obriga a se transferir constantemente de escola, conforme chegam os períodos de safra. Esse paralelo que a narrativa estabelece entre trabalhar e estudar é fundamental para compreendermos a realidade dessa população chicana migrante, sempre forçada a dar prioridade ao trabalho em detrimento da escola, pois é preciso, antes de tudo, garantir o sustento do corpo: “Se Estrella não estivesse trabalhando, não haveria nada para [Alejo] comer” (p. 117).

Mas se, apesar desse movimento constante de transferência escolar, Estrella recebesse um aprendizado significativo, que a levasse a questionar sua realidade, certamente saberia dizer a Alejo a série em que estava. Não lhe falta o potencial da imaginação e da curiosidade, como

<sup>175</sup> “— Em que série cê tá?

— Não sei.

— Cê vai sempre trabalhá na roça?

Que garoto burro! Petra pensou, seu nariz pressionado contra o pescoço de Perfecto. Ela sentiu o cheiro de restos de pomada de pêssego Dixie no cabelo dele e o perfume a fez enjoar. Que direito ele tinha de perguntar aquilo? Se Estrella não estivesse trabalhando, não haveria nada para ele comer.

— O que tem de errado em colhê as verdura que as pessoa vão comê no jantar?

— Mas cê qué fazê isso sempre?

— Com certeza eu espero que não”.

evidencia a passagem em que ela deseja retirar os livros ilustrados da sala de aula, sendo impedida pelas professoras e tendo de se contentar com a leitura maçante de um folheto catequético. Como vimos no capítulo anterior, o lugar que as professoras reservam para Estrella e crianças como ela é o fundo da sala, e a preocupação maior que têm para com elas é o padrão higiênico, não o aprendizado. O que não falta à garota é potencial para aprender, mas Petra, com sua visão já obscurecida pela história, não é capaz de discernir essa equação injusta, julgando impertinente que Alejo sequer questione a filha a respeito do seu progresso escolar.

A atitude de Petra exemplifica um postulado seminal dos estudos pós-coloniais, presente, entre outros, nos escritos de Fanon (1952) e Memmi (1989): o de que a força contínua e sistêmica da colonização leva o indivíduo colonizado a aceitar sua condição como algo natural. Ao explorar a situação da pessoa colonizada no que tange ao seu conjunto de valores e a sua história, o escritor e filósofo Albert Memmi postula que “a sociedade colonizada é uma sociedade enferma em que a dinâmica interna não consegue mais produzir estruturas novas. Seu rosto endurecido pela história não passa de uma máscara, sob a qual ela sufoca e agoniza lentamente. Uma sociedade como essa não pode assimilar os conflitos de gerações, pois não se deixa transformar” (MEMMI, 1989, p. 142).

Sobre a população chicana que a obra retrata, pesam aqui a força do colonialismo europeu de outrora e a do neocolonialismo estadunidense do presente, figurado na narrativa pelos vários produtos comerciais relacionados às personagens, especialmente aqueles que bombardeiam os sentidos de Estrella e sua mãe. Como vemos no excerto acima, Petra se sente enjoada pelo cheiro dos resquícios de pomada de pêssego que Perfecto tinha nos cabelos, uma clara alusão ao não contentamento que sentia com sua situação subalterna, já que a colheita de pêssegos, juntamente com a de uvas, é um dos principais lócus de trabalho da população migrante chicana, na Califórnia. É importante considerarmos que esse enjoo de Petra se deve ao fato de ela estar grávida de Perfecto, o que nos permite o entendimento de que pelo menos o seu corpo, fragilizado nas lavouras e carregando a esperança de uma nova história, dava indícios de que esse tipo de vida não era desejado. No entanto, diferentemente do que ocorre a Estrella, que vai aos poucos alcançando um estágio de letramento completo, Petra permanece inerte até o fim do romance, enfurecendo-se mais com a repentina provocação de Alejo à filha do que com a injustiça social que a vitimiza e ameaça toda sua descendência. Vista sob a ótica de Memmi, Petra representa aquela sociedade (neo)colonizada incapaz de assimilar conflitos e de se deixar transformar.

Também Estrella, nesse momento, parece aceitar como natural a sua condição, enxergando ingenuamente o benefício da relação que existe entre o seu trabalho e o sustento

das pessoas que dele dependem para ter o que comer no jantar. Ecoando as palavras de Freire, podemos afirmar que ela, por enquanto, é capaz somente de ver a uva, sem interrogar a posição que ela e os demais trabalhadores ocupam no complexo social, quem trabalha na produção e colheita das uvas e quem monopoliza o lucro desse trabalho. Sua resposta a Alejo, entretanto, já nos deixa entrever sua esperança de que a situação se reverta. O que para Petra parecia inevitável e inquestionável, para Estrella, mesmo ainda sem um entendimento claro da sua subalternidade, é passível de transformação.

Quanto a Alejo, é nítido que considera importante a educação formal. Ele deseja ser geólogo e sabe que é necessária a formação escolar para tornar real seu sonho. Para poder frequentar a escola no Texas, onde reside, ele se desloca para a Califórnia, no verão, para conseguir recurso financeiro e auxiliar sua avó, que trabalha incansavelmente para que o neto possa estudar, como vemos na cena em que ele, após machucar-se com o canivete de cortar uvas, se lembra de casa:

*Alejo thought of his grandmother working in Edinburg, Texas, ironing, babysitting, cleaning houses, cutting cucumbers with lemon, salt, and powdered chile to sell at the Swap Meets, or making tamarind and hibiscus juices to sell after Sunday mass. She would do anything to allow her grandson to get schooling.*<sup>176</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 50-51).

Porém, sua relação com o sistema socioeconômico que o subjuga e obriga sua avó a se sacrificar para custear seus estudos é de total subserviência, de assimilação, ao invés de contestação. Ele se deixa seduzir pela ideia do sonho americano, anulando sua identidade cultural de origem e se reajustando segundo os parâmetros da cultura dominante, a exemplo de tantas pessoas de origem mexicana (e de outras etnias) que deliberadamente se moldam conforme os padrões estadunidenses em detrimento de suas raízes étnicas.<sup>177</sup> “Ele reajustou seu

<sup>176</sup> “Alejo pensou em sua avó trabalhando em Edinburg, Texas, passando, sendo babá, limpando casas, cortando pepinos com limão, sal e chili em pó para vender no Mercado de Pulgas, ou fazendo sucos de tamarindo e hibisco para vender depois da missa de domingo. Ela faria qualquer coisa para que o neto tivesse condições de estudar”.

<sup>177</sup> Um dos fatos mais marcantes na história chicana é o processo de assimilação à cultura hegemônica estadunidense. Um número sem conta de indivíduos acabou, como Alejo, incorporando essa cultura em detrimento da sua própria, de origem. Citamos, como exemplo, o conhecido autor chicano Ricardo Rodriguez, que mudou seu nome para Richard Rodriguez e se tornou famoso por sua obra *Hunger of Memory: the Education of Richard Rodriguez* (1983), uma narrativa em que relata seu desenvolvimento intelectual e defende veementemente a assimilação dos padrões estadunidenses por parte da população de origem mexicana, chegando até mesmo a condenar a educação bilíngue, pois, para ele, o uso do espanhol seria um impedimento ao aprendizado do inglês e à absorção plena da cultura dos Estados Unidos. Na obra citada, ele afirma ter-se assimilado completamente a essa cultura, um processo que, segundo ele, envolveu a ruptura com seus pais mexicanos e a consequente perda de qualquer ligação com suas raízes étnicas. Após a publicação da narrativa, “Rodriguez tem sido frequentemente chamado para representar o ponto de vista ‘hispanico’ em apresentações e fóruns, na mídia americana (sic) dominante, que focalizam a diversidade racial ou cultural” (MOYA, 2002, p. 101).

boné do L. A. Dodgers e tentou colocar a armação de madeira com uma das mãos. A outra, com a pele rasgada, parecia dolorosamente inútil”<sup>178</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 51). Ao questionar Estrella sobre a série escolar que ela cursava, sua interrogação pode ser traduzida mais em termos do quanto dos padrões estadunidenses ela já havia absorvido do que realmente do quanto ela havia evoluído em conhecimento e do quanto esse conhecimento havia contribuído para transformar sua realidade.

Alejo constitui um exemplo de uma das respostas possíveis que, segundo Memmi (1989), o indivíduo colonizado pode dar ao colonizador. Para Memmi, são duas as possibilidades: a de se adequar completamente aos padrões do colonizador ou a de se defender contra estes, por meio da revolução. Conforme progride a narrativa de *Under the Feet of Jesus*, fica claro que Alejo se deixa absorver pelo sistema hegemônico. A caminho do hospital, na última cena em que figura no romance, ele repreende Estrella por afrontar as forças desse sistema para salvar sua vida. Ao contrário da garota, “[e]le parecia não entender nada”<sup>179</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 152).

Essa absorção do jovem é minuciosamente retratada em metáfora na cena em que ele é atingido pelo agrotóxico e sente a dor da violência física, moral e epistêmica da sociedade hegemônica, equiparada a um poço de piche que, progressivamente, suga, esmaga e apaga a história de milhares de pessoas:

*He thought first of his feet sinking, sinking to his knee joints, swallowing his waist and torso, the pressure of tar squeezing his chest and crushing his ribs. Engulfing his skin up to his chin, his mouth, his nose, bubbled air. Black bubbles erasing him. Finally the eyes. Blankness. Thousands of bones, the bleached white marrow of bones. Splintered bone pieced together by wire to make a whole, surfaced bone. No fingerprint or history, bone. No lava stone. No story or family, bone.*<sup>180</sup>  
(VIRAMONTES, 1995, p. 77-78, grifo nosso).

Estrella aprende a ler a partir do entendimento não do valor abstrato das letras do alfabeto, mas da importância funcional das mesmas, ao equiparar as letras com as ferramentas de Perfecto, que eram capazes de criar, destruir e recriar. É importante atentarmos no papel decisivo das relações interpessoais e afetivas para que Estrella desenvolva sua capacidade

<sup>178</sup> “Alejo readjusted his L.A. Dodger cap and tried to set the wooden frame with one and. The other, with its torn skin, seemed painfully useless.”

<sup>179</sup> “He seemed not to understand anything.”

<sup>180</sup> “Pensou primeiro em seus pés afundando, afundando até as juntas dos joelhos, engolindo sua cintura e torso, a pressão do piche espremendo seu peito e esmagando suas costelas. Absorvendo sua pele até o queixo, a boca, o nariz, bolhas de ar. Bolhas negras o apagando. Finalmente os olhos. Branquidão. Milhares de ossos, o branco alvejado de medulas ósseas. Estilhaços de osso juntados com fio pra formar um osso inteiro, na superfície. Nenhuma impressão digital ou história, osso. Nenhuma pedra de lava. Nenhuma estória ou família, osso”.

perceptiva crítica. A título de exemplo, ressaltamos sua relação com o padrasto e com o jovem Alejo.

Diferentemente das professoras, que tinham para com Estrella uma relação fria e desigual, desvalorizando sua identidade, Perfecto faz com que a garota se sinta importante, revelando-lhe o valor daqueles instrumentos que, até então, não passavam de um monte de aço, tão enigmático para ela quanto as letras do alfabeto.

*When Estrella first came upon Perfecto's red tool chest like a suitcase near the door, she became very angry. So what is this about? She had opened the tool chest and all that jumbled steel inside the box, the iron bars and things with handles, the funny-shaped objects, seemed as confusing and foreign as the alphabet she could not decipher.*<sup>181</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 24).

O padrasto, no entanto, “[...] abriu a caixa de ferramentas, como se estivesse permutando por sua voz, levantou uma talhadeira e martelo; aquí, pegarle aquí [...]”<sup>182</sup> (p. 25). Ele não se limitou a simplesmente dizer a Estrella os nomes dos objetos, mas demonstrou a ela para que servissem, permitindo-lhe que os tocasse com o corpo, que os segurasse e sentisse nas mãos, proporcionando-lhe, desse modo, uma associação concreta entre significantes e significados. As palavras de Perfecto cumprem uma função que vai além da que era de se esperar da escola que Estrella frequentava, onde as professoras viviam escondendo dela os reais sentidos das coisas.

Existe, entre Estrella e Perfecto, uma relação genuinamente dialógica. É nessa materialidade compartilhada, em que nomes e funções não são somente explicados, mas vividos, que Estrella consegue aprender a ler o seu mundo. Os significantes ganham corpo, as palavras se tornam carne; a jovem sente na pele que as ferramentas são as palavras e as palavras são as ferramentas. É capaz de discernir a razão de ser dos significantes: estes só têm sentido quando podem desempenhar uma função concreta no mundo.

Tal capacidade de discernimento, como afirma Paula Moya, remete-nos ao significado original do verbo latino *legere*, que resultou em *leer*, em espanhol, e *ler*, em português. Moya, citando o crítico literário Walter Mignolo, comenta sobre a noção abrangente de letramento que *Under the Feet of Jesus* traz à tona. Para ela, a narrativa resgata a percepção basilar de leitura

<sup>181</sup> “Quando Estrella encontrou pela primeira vez a caixa de ferramentas vermelha de Perfecto parecendo uma mala perto da porta, ela ficou com muita raiva. Mas o que significa isso? Ele tinha aberto a caixa de ferramentas e todo aquele aço misturado dentro da caixa, as barras de ferro e coisas com cabos, os objetos com formato engraçado, pareciam confusos e estranhos como o alfabeto que ela não conseguia decifrar”.

<sup>182</sup> “[...] opened up the tool chest, as if bartering for her voice, lifted a chisel and hammer; aquí, pegarle aquí [...]”.

como uma competência do indivíduo de diferenciar, discernir um sentido de outro (MOYA, 2002, p. 179-180).

Em *The Darker Side of the Renaissance*, Mignolo investiga o papel desempenhado pela língua na colonização do “Novo” Mundo e examina, detalhadamente, o processo de conquista e destruição dos ameríndios por meio do arsenal linguístico. Por considerar sua língua como mais racional, o colonizador a impôs ao colonizado, constituindo este como **outro**, julgando igualmente inferiores (e demonizando) sua ontologia, cosmovisão e hermenêutica. No capítulo sobre a materialidade das culturas de leitura e escrita, Mignolo chama a atenção para o fato de que enquanto, para os ameríndios, o ato de ler estava intrinsecamente associado ao ato de discernir, para os europeus, ler correspondia basicamente ao ato de decifrar signos em uma superfície, principalmente, a página do livro (MIGNOLO, 2003, p. 69-122).

A competência de leitura que Estrella adquire e que, conforme discutiremos no capítulo seguinte, a narrativa retrata como fundamental para a ressignificação do trauma cultural chicano, está diretamente relacionada à capacidade do discernimento, correspondendo àquela acepção basilar do verbo **ler** referendada em Mignolo (2003): juízo crítico, percepção relativizadora, inteligência questionadora. É essa habilidade perceptiva que a torna capaz de pôr em xeque os padrões socioculturais hegemônicos, entendendo que não passam de rótulos, desestabilizando significados tidos como naturais e protagonizando uma cosmovisão alternativa.

A relação de Estrella com Alejo tem uma orientação mais romântica e erótica do que puramente amistosa, como podemos verificar na cena em que os dois estão apoiados na cerca do curral, após um dia intenso de trabalho:

*[Estrella] scratched a foot, a finger digging into her boot, no socks. Her knees. He saw her knees. She preened her hair [...]. [...] Estrella pointed to the bottle because she wanted to tell him how good she felt but didn't know how to build the house of words she could invite him into. That was real good, she said, and they looked at one another and waited.*<sup>183</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 69-70).

Nesse momento de romantismo, Alejo explica a Estrella sobre a formação de poços de piche, mas, para ela, a explicação é monótona e está além da sua capacidade de entendimento, pois o seu corpo ainda quente com o calor do sol a impedia sequer de imaginar um outro tempo e um outro lugar. O silêncio e o frio do fundo do oceano eram realidades totalmente abstratas e

---

<sup>183</sup> “Ela coçou um pé, um dedo escavando sua bota, sem meias. Seus joelhos. Ele viu seus joelhos. Ela arrumou o cabelo [...]. [...] Estrella apontou para a garrafa porque ela queria dizer a ele o quanto se sentia bem, mas não sabia construir a casa de palavras e convidá-lo a entrar. Aquilo era muito bom, disse ela, e eles olharam um para o outro e esperaram”.



incompreensíveis para Estrella, permitindo-nos inferir o quanto estava alheia ao conhecimento transmitido na escola, do qual Alejo se orgulhava. Fica claro que, para ela, não é possível estabelecer nenhuma relação entre significantes e significados se o conhecimento ensinado for do tipo depósito bancário, em que o conteúdo/informação é simplesmente transferido para o indivíduo aprendiz em uma comunicação unilateral, desligada da sua situação existencial concreta, e anulando, nesse processo, o seu próprio corpo (FREIRE, 2011):<sup>184</sup>

— *Ever heard of tar pits? he asked. [...] Millions of years ago, the dead animals and plants fell to the bottom of the sea. [...] Estrella yawned. She found it hard to imagine the cool silence of the ocean floor when her feet were itching with swelling sweat and she could feel the constraint of her shoes as if her feet were bound. But smell it yes, she smelled the kelp. [...].*

— *The bones lay in the seabed for millions of years. That's how it was. Makes sense don't it, bones becoming tar oil? Estrella felt Alejo's hand take hers and she could feel the wet of sweat rolling down the side of her breast.*<sup>185</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 86-87).

Não obstante o conhecimento escolar que possui, Alejo não consegue relacioná-lo à realidade para questioná-la. Nem poderia fazê-lo, pois não fora ensinado assim pelo sistema. Estrella, porém, apesar de não compreender a lição sobre a formação do piche, consegue sentir o cheiro da alga marinha, pois este, sim, era um conteúdo concreto da sua vida naquelas lavouras do Vale de San Joaquin, não tão distantes do mar.

Enquanto Alejo se mostra incapaz de fazer a devida correlação entre a dor que seu trabalho provoca em seu corpo, metaforizada pelo rasgo na mão causado pelo canivete, e o sistema socioeconômico que lhe inflige essa dor, Estrella vai, gradativamente, tomando consciência do imbricamento existente entre a dureza da sua realidade e o conjunto de forças sociais que operam contra ela e a população chicana subalterna. Em certos momentos da narrativa, como na passagem em que lê a revista em quadrinhos para Maxine, Estrella ainda não consegue perceber essa relação de causa e consequência.

<sup>184</sup> Cabe ressaltar que a comparação, enfatizada por Paulo Freire, entre a educação estanque e o ato de apenas preencher com informação a mente da pessoa, já fora realizada pelo historiador grego Plutarco, no primeiro século da era cristã. Segundo ele, “[o] espírito (a cabeça) não é como uma jarra que se enche” (PLUTARCO, 1844, tomo I, p. 38 apud BRIGHENTE; MESQUIDA, 2016, p. 158). A essa comparação, Freire conferiu a conotação moderna de depósito bancário.

<sup>185</sup> “— Já ouviu falar de poços de piche? perguntou ele. [...] Milhões de anos atrás, as plantas e animais mortos caíram no fundo do mar. [...] Estrella bocejou. Ela achou difícil imaginar o silêncio frio do solo oceânico quando seus pés estavam coçando de inchaço e suor e ela sentia o aperto dos sapatos como se seus pés estivessem amarrados. Mas sentir o cheiro sim, ela sentia o cheiro da alga marinha. [...] — Os ossos ficaram no leito do mar por milhões de anos. Foi assim que aconteceu. Faz sentido né, ossos virando óleo de alcatrão? Estrella sentiu a mão de Alejo pegar a sua e pôde sentir o suor úmido escorrendo pelo canto do seu seio”.

Também em outras passagens do romance, podemos verificar sua ingenuidade política, sua falta de racionalização crítica, ou o que chamamos antes de letramento incompleto. A cena que a retrata divertindo-se com o pacote vazio de mingau de aveia Quaker é reveladora nesse sentido, apesar do protagonismo que a garota aí exerce no lugar da mãe. É o momento em que Petra se encontra emocionalmente combatida por ter sido abandonada pelo marido, e Estrella se vê obrigada a fazer algo para entreter os irmãos e dissimular tanto a sua fome quanto a deles:

*Nothing in the cabinet except the thick smell of Raid and dead roaches and sprinkled salt on withered sunflower contact paper and the box of Quaker Oats oatmeal. Estrella grabbed the chubby pink cheeks Quaker man, the red and white and blue cylinder package and shook it violently and its music was empty. The twins started to cry, and for a moment Estrella's eyes narrowed until Petra saw her headlock the Quaker man's paperboard head like a hollow drum and the twins sniffed their runny noses. One foot up, one foot down, her dress twirling like water loose in a drain, Estrella drummed the top of his low crown hat, slapped the round puffy man's double chins, beat his wavy long hair the silky color of creamy oats and the boys slid out from under the boxspring. Estrella danced like a loca around the room around the bulging bags around Petra and in and out of the kitchenette and up and down the boxspring, her loud hammering tomtom beats the only noise in the room.<sup>186</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 18-19).*

São notáveis nesse excerto as alusões à suposta característica de terra de fartura (*land of plenty*) que, historicamente, tem sido usada em referência à sociedade estadunidense, com sua abundância de bens de consumo e sua promessa de felicidade (*American Dream*), que soa como música para os ouvidos de milhões, mas que se materializa apenas para um número seletivo de indivíduos, a depender de fatores como a classe social, a fisionomia e a etnia dessas pessoas. Para Estrella e a sua família, essa é uma promessa vazia, o que a imagem do pacote sem aveia incisivamente retrata. Um vazio que a garota consegue sentir e disfarçar com melodia e dança para os irmãos famintos, mas cujas causas não tem ainda a criticidade necessária para interrogar.

O vermelho, o branco e o azul do pacote vazio de música representam metaforicamente a bandeira dos Estados Unidos, assim como a imagem do homem Quaker de bochechas gorduchas rosadas alude ao indivíduo anglo-americano da classe dominante que goza de plena cidadania. Apesar da violência com que agarra a embalagem oca e agride aquela figura de

---

<sup>186</sup> “Nada no armário, exceto o cheiro forte de Raid, baratas mortas, pitadas de sal no papel contato de girassóis murchos e a caixa de farinha de aveia Quaker. Estrella agarrou o homem Quaker de bochechas gorduchas rosadas, o pacote cilíndrico vermelho, azul e branco, o balançou com força e sua música estava vazia. As gêmeas começaram a chorar e, por um momento, os olhos de Estrella se estreitaram até que Petra viu dar uma chave de braço na cabeça de papelão do homem Quaker como a uma bateria oca e as gêmeas fungavam seus narizes escorrendo. Um pé pra cima, um pé pra baixo, seu vestido rodopiando como água escorrendo num ralo, Estrella rufava o topo do seu chapéu de aba baixa, estapeava as papadas do homem arredondado e fofo, batia no seu longo cabelo ondulado de cor sedosa como mingau de aveia quente cremoso e os garotos saíram deslizando de baixo do colchão. Estrella dançava como uma loca pela sala em volta dos sacos abarrotados em volta de Petra e pra dentro e pra fora da quitinete e pra cima e pra baixo do colchão, o martelar alto do seu tum-tum o único barulho na sala”.

homem, estapeando suas papadas redondas e fofas, Estrella ainda não percebe o quanto ela e sua família são exploradas pela sociedade que esse homem representa. A raiva que descarrega nele parece estar mais relacionada ao fato de o pai tê-los abandonado, deixando a mãe em estado de inércia, do que a um entendimento das articulações socioeconômicas injustas daquele país que falaciosamente promete abundância para todas as pessoas. Nessa perspectiva, a dança que realiza para mitigar a fome retrata mais uma aceitação do que um protesto, uma forma de driblar os obstáculos sem, efetivamente, enfrentá-los e combatê-los. Os girassóis murchos no papel contato aludem aos corpos docilizados de Estrella e sua família, corpos negados e inconscientes, a cuja pele se grudam as marcas violentas do sistema opressor assim como aquelas flores sem vida aglutinadas no papel.<sup>187</sup>

De modo análogo, a profusão de anúncios de bens de consumo que a rodeiam, uns dos escassos materiais a que ela tem acesso para ler, lhe desperta grande interesse, nesse estágio preliminar de letramento, mas somente na medida em que, por meio destes, ela pode demonstrar a si mesma e a outras pessoas, como a Maxine, que consegue ler, que não é analfabeta. No entanto, é capaz apenas de decifrar a escrita, sem entender criticamente o jogo de poder que esses textos escondem. O conteúdo desses anúncios está longe da sua realidade: a água sanitária Clorox e as refeições congeladas Swanson's (p. 31) são praticamente itens de luxo para ela e sua família, que mal podem garantir a aveia para o mingau das crianças; o bronzeador Copperstone (p. 31) é um verdadeiro deboche da sua prolongada exposição ao sol, necessária à sua sobrevivência, e que nada tem a ver com a vaidade de bronzear o corpo.

Aos poucos, porém, e em consequência da exaustão corporal e psíquica que sua rotina de trabalho lhe causa, Estrella começa a questionar a veracidade desse discurso hegemônico, tomando consciência da falácia contida na promessa de abundância e na ideia de liberdade e igualdade sociais que os produtos de consumo metaforizam. Ela vai entendendo que tudo não passa de um rótulo ilusório e que a manutenção desse rótulo, a partir da crença ingênua naquilo que este apresenta como verdadeiro e natural, é que permite ao sistema continuar exercendo seu poder. Percebe o contraste existente entre seus pés descalços e dedos amarelos pisando as tábuas do assoalho e a beleza da moça de pele clara e corpo ereto que parece flutuar na embalagem de amido de milho Argo (p. 31). Constata a discrepância que existe entre a doçura e a felicidade representadas pela imagem da moça sorridente nas caixas de passas e a realidade amarga que

---

<sup>187</sup> Lembramos, aqui, a prece com que Fanon termina seu *Black Skin, White Masks*: “Oh **corpo meu**, faz de mim, sempre, um homem que se interroga!” (2008, p. 192, grifo nosso). Essa súplica ressalta a intrínseca relação existente entre o corpo (nesse caso, do indivíduo negro) e as estruturas de poder (nesse caso, do colonizador francês) do sistema dominador. É uma relação que, segundo Walter Mignolo, deixa claras a geopolítica e a corpo-política que esse sistema oculta (MIGNOLO, 2017, p. 16).

tem de enfrentar nas lavouras para possibilitar que pessoas como aquela continuem desfrutando de uma vida farta e tranquila.

*Carrying the full basket to the paper was not like the picture on the red raisin boxes Estrella saw in the markets, not like the woman wearing a fluffy bonnet, holding out the grapes with her smiling, ruby lips, the sun a flat orange behind her. The sun was white and it made Estrella's eyes sting like an onion, and the baskets of grapes resisted her muscles, pulling their magnetic weight back to the earth. The woman with the red bonnet did not know this. Her knees did not sink in the hot white soil, and she did not know how to pour the baskets of grapes inside the frame gently and spread the bunches evenly on top of the newsprint paper. She did not remove the frame, straighten her creaking knees, the bend of her back, set down another sheet of newsprint paper, reset the frame, then return to the pisca again with the empty basket, row after row, sun after sun. The woman's bonnet would be as useless as Estrella's own straw hat under a white sun so mighty, it toasted the green grapes to black raisins.<sup>188</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 49-50).*

Como podemos verificar nesse trecho, o questionamento de Estrella se deve à incongruência que existe entre o que ela vê no mundo ideal e o que ela sente no real. Seu corpo é que a educa, que a faz abrir os olhos e perceber as astúcias do sistema capitalista que a relega à condição em que se encontra. Assim como foi segurando em suas mãos as ferramentas de Perfecto que ela pôde descobrir suas funções e aprender a ler, é esse mesmo corpo que a torna consciente, e, a partir dessa conscientização corporal, ela consegue reconhecer o opressor que nela se hospeda e repetidamente a faz aceitar suas mentiras.

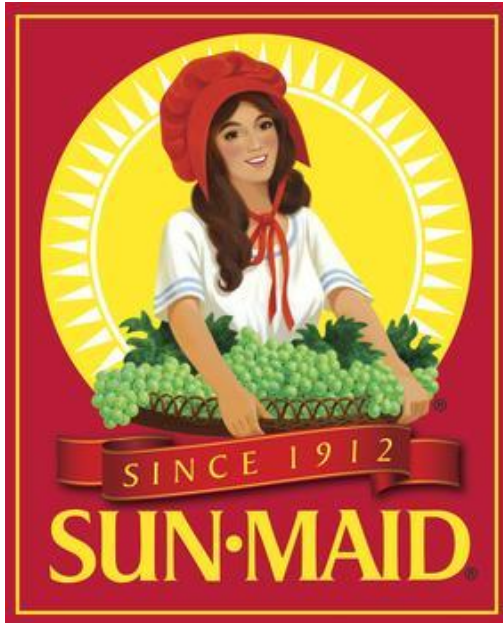
Esse movimento de contínua alienação do indivíduo pelo sistema, a narrativa o sinaliza com a sobreposição da imagem da moça sorridente pelos movimentos repetitivos e fatigantes que Estrella tem de fazer todos os dias: os joelhos da moça não se afundavam no chão como os dela, ela não despejava as uvas no jornal para, em seguida, espalhar os cachos, não retirava a armação, não tinha de endireitar a coluna e reajustar a armação de madeira para voltar de novo às vinhas com a cesta vazia, interminavelmente. E, ao perceber que o chapéu daquela moça seria tão inútil para se proteger do sol quanto o era o seu próprio chapéu de palha, Estrella nos permite entender o quanto sua consciência crítica havia evoluído, chegando à compreensão de

---

<sup>188</sup> “Carregar a cesta cheia até o jornal não era como a gravura nas caixas vermelhas de uvas-passas que Estrella via nos mercados, não se parecia com a mulher usando um chapéu macio, segurando as uvas com seus lábios sorridentes de rubi, o sol atrás como uma laranja achatada. O sol era branco e fazia os olhos de Estrella arderem feito cebola, e as cestas de uvas resistiam aos seus músculos, puxando o peso magnético que tinham de volta à terra. A mulher de chapéu vermelho não sabia disso. Seus joelhos não se afundavam no chão branco e quente e ela não sabia como despejar as cestas de uvas cuidadosamente dentro da armação e espalhar os cachos de maneira uniforme por cima do jornal. Ela não removia a armação, não endireitava seus joelhos rangendo, a curvatura da coluna, não punha uma outra folha de jornal, reajustava a armação e depois voltava de novo à pisca com a cesta vazia, fileira após fileira, sol após sol. O chapéu da mulher seria tão inútil quanto o próprio chapéu de palha de Estrella debaixo de um sol branco tão escaldante que torrava as uvas verdes em passas pretas.”

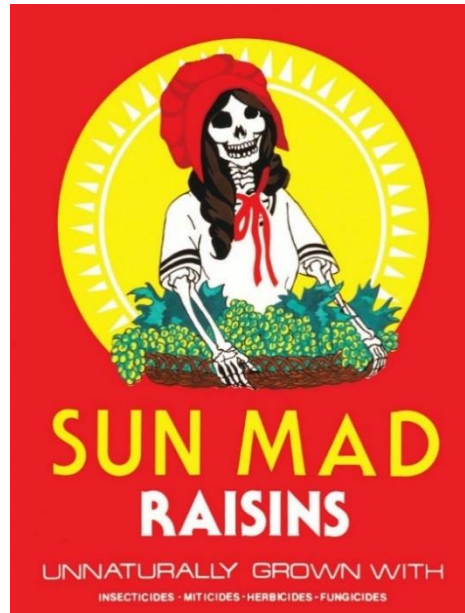
que, além de opressivo e falacioso, o sistema econômico vigente também era incapaz de sequer representar em imagem as necessidades concretas de indivíduos subalternizados como ela.

Figura 3 – Rótulo da cooperativa *Sun-Maid*



Fonte: Wikipedia.<sup>189</sup>

Figura 4 – Pôster *Sun-Mad*, de Ester Hernandez



Fonte: *Art in Print*.<sup>190</sup>

A imagem icônica da moça que estampa as embalagens de passas da Cooperativa Sun-Maid (Figura 3) é um elemento forte no inconsciente coletivo de colhedoras e colhedores de uvas nos Estados Unidos e está especialmente relacionada ao trauma cultural chicano. A artista visual chicana Ester Hernandez, que militou no *Movimiento*, parodiou essa imagem, em 1981, em um pôster serigrafado, por meio do qual expressou seu protesto contra as condições de trabalho nas vinhas e os danos humanos e ambientais causados pelos pesticidas agrícolas (Figura 4).

Conforme discutimos acima, não é a partir da escola que Estrella alcança o letramento capaz de conscientizar seu corpo e espírito (psique) e lhe conferir uma percepção crítica da realidade concreta de que (não) é parte. A escola, para ela, atua mais como aparelho opressor do Estado (ALTHUSSER, 1980), que, conforme vimos no tratamento dado pelas professoras a ela e às outras crianças migrantes, opera, unilateralmente, para a completa manutenção do status quo, seguindo os parâmetros do *panopticon*, dispositivo disciplinar assim denominado pelo

<sup>189</sup> Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Sun-Maid#/media/File:Sun-Maid\\_Logo.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Sun-Maid#/media/File:Sun-Maid_Logo.jpg). Acesso em: 20 set. 2019.

<sup>190</sup> Disponível em: <https://artinprint.org/article/ester-hernandez-sun-mad/> Acesso em: 20 set. 2019.

filósofo inglês Jeremy Bentham, no século XVIII, para se referir a uma penitenciária ideal, em que seria possível a um único vigilante observar todos os prisioneiros sem estes saberem se estavam ou não sendo observados, e cujo conceito foi retomado pelo filósofo francês Michel Foucault (2009), em sua obra *Vigiar e Punir* (1975), para tratar das novas e ininterruptas formas de vigilância da sociedade contemporânea.

Ao retratar a aquisição de criticidade por Estrella a partir das relações interpessoais e da dor do trauma da opressão física e psíquica sentida no e pelo seu corpo, que a fazem questionar a ideologia dos rótulos de produtos comerciais e das próprias condições de poder socioeconômico que apagam a sua identidade e a das demais pessoas em situação existencial como a dela, *Under the Feet of Jesus* não somente toca na ferida ainda não cicatrizada da história chicana,<sup>191</sup> mas também questiona seriamente as estruturas verticais de poder da sociedade estadunidense (e de tantos outros países, como o México e o Brasil), em que a escola, frequentemente, atua mais para domesticar do que libertar o indivíduo, proporcionando um letramento de fachada, incapaz de fazer a pessoa pensar criticamente e transpor os limites (livrar-se dos sapatos apertados/elevar-se para além das correntes) de um sistema injustamente desigual. No que tange ao letramento, esse sistema, que subjuga tantos indivíduos ao redor do mundo, alardeia seus índices cada vez maiores de crianças frequentando a escola, como se essa quantidade significasse a prática de uma educação verdadeiramente libertadora, no sentido do letramento completo (crítico) e não apenas da capacidade de codificar e decodificar uma língua, nativa ou estrangeira, para supostamente se ter maiores chances de ingressar em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, mais robotizado e menos humano.

Subjacente à pauta de *Under the Feet of Jesus*, está a convicção de Helena María Viramontes de que letramento e educação não podem se reduzir a uma dimensão meramente instrumental e tecnicista, que somente (de)forma o indivíduo para atender às demandas plurais

---

<sup>191</sup> No que tange à educação, de acordo com Nuñez e Murakami-Ramalho, “[e]mbora o número de estudantes latinos na educação superior nos Estados Unidos tenha crescido nas décadas recentes, e os latinos tenham ultrapassado os africano-americanos como o maior grupo minoritário no ensino superior estadunidense (atualmente constituindo 22 por cento do total de matrículas), a população latina enquanto grupo ainda tem o rendimento educacional mais baixo de todos os grupos étnicos ou raciais. De acordo com dados do Pew Hispanic Center, somente em torno de 13 por cento de latinos com vinte e cinco anos de idade ou mais têm grau universitário (comparados com 18 por cento de africano-americanos, 31 por cento de brancos e 50 por cento de asiático-americanos). Os latinos, conseqüentemente, tendem a trabalhar em empregos menos qualificados. Dados do Pew demonstram que apenas cerca de metade dos latinos (19 por cento), em relação aos brancos (39 por cento), estão empregados nas áreas de administração, ciência, engenharia, direito, educação, entretenimento, artes e saúde” (apud ACUÑA, 2015, p. 426). Quanto às relações político-econômicas do governo dos Estados Unidos para com a população estadunidense de origem mexicana, bem como para com imigrantes do México e de outros países das Américas Central e do Sul, as constantes violações de direitos dessas pessoas, no âmbito dos poderes legislativo, executivo e judiciário, somadas aos discursos incomplicentes do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, deixam claro o quanto esses indivíduos continuam sendo estigmatizados, indesejados e economicamente explorados.

do capitalismo. Ao retratar a descoberta da leitura a partir do entendimento das funções práticas de ferramentas, o romance somente equipara a leitura a um ato instrumental na medida em que evidencia o valor que esse instrumento tem para reconfigurar a identidade de um indivíduo e a sua sociedade, a partir do momento em que ele toma consciência de que o ato de ler, numa perspectiva libertadora, vai além da decifração de letras, mas implica a capacidade de discernir, desconstruir e reconfigurar discursos: **desler**, como afirma Quintana, na citação que epigrafa este capítulo.

A narrativa não nega a importância e a responsabilidade da escola para a aquisição dessa competência, mas assinala a necessidade premente de inclusão e equidade, a partir de uma abordagem educacional dialógico-dialética que respeite e leve em conta, no processo de ensino e aprendizagem, a realidade concreta de cada estudante. Essas foram as principais reivindicações da população estudantil chicana no tocante à educação a que tinha acesso na época do *Movimiento*, a razão pela qual os *walkouts* ocorreram.

*Under the Feet of Jesus* também evidencia a relevância das relações interpessoais e da sensibilidade corporal (o romance faz constantes alusões aos cinco sentidos) para se desenvolver uma consciência capaz de perceber e interpelar criticamente a confluência de causas e efeitos de experiências traumáticas, dentro e fora do indivíduo, em uma articulação conjunta do emocional com o racional. Como discutiremos no próximo capítulo, o estágio de letramento completo adquirido por Estrella é metaforizado, no final do romance, por sua capacidade de escalar a corrente no estábulo decrepito e caminhar por sobre o telhado. A reconfiguração de espaços, do vertical para o horizontal, além de indicar a possibilidade de ressignificação do trauma cultural chicano a partir da aquisição dessa peculiaridade de letramento, sinaliza também a importância de iniciativas de base (abordagem *grassroots*) para se resistir ao sistema político-econômico dominante. Tais iniciativas, também chamadas de comunocêntricas, caracterizam movimentos sociais que buscam empoderar grupos minorizados adotando uma forma de hierarquia horizontal, com uma estratégia de decisões de baixo para cima (*bottom-up*). O próprio *Movimiento* pode ser entendido nessa ótica, assim como o Movimento *Black Power*, nos Estados Unidos, e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, no Brasil.

Ao questionar estruturas sociais de poder tradicionais e suas práticas marginalizantes e alienadoras, dentre as quais destacamos o letramento como simples codificação e decodificação de uma língua, *Under the Feet of Jesus* também rompe, no plano composicional, com padrões linguísticos que tendem a circunscrever a escrita e a leitura literárias. Como veremos a seguir,

ao fazer tal ruptura, somos também interpelados, enquanto leitoras e leitores da narrativa, a questionar e ultrapassar esses limites, reconfigurando o nosso próprio ato de ler.

#### 2.4 Provoações discursivas em *Under the Feet of Jesus*: ressignificando escrita e leitura

Enquanto os textos literários chicanos pré-*Movimiento* podem ser caracterizados por sua ambivalência cultural, em um discurso ambíguo em que o uso do espanhol é cooptado pelo inglês, em uma perspectiva apologética,<sup>192</sup> surge, a partir da década de 1960, um novo grupo de autoras e autores que enxertam o espanhol no inglês com o intuito de afrontar o apagamento não somente da língua espanhola pela literatura chicana anterior ao *Movimiento*, mas também do indivíduo chicano e de sua cultura pelo discurso hegemônico educacional e social estadunidense.

A voz narrativa de *Under the Feet of Jesus* alinha-se à concepção pós-moderna de escrita como reescrita (LUCY, 2000, p. 35) e de leitura como releitura. Se, de acordo com Said, “[...] textos são um sistema de forças institucionalizadas pela cultura reinante”<sup>193</sup> (SAID, 1983 apud HABIB, 2008, p. 746), o romance de Viramontes desafia concepções dominantes (*mainstream*) a respeito do que constitui uma escrita literária aceitável. Em *Under the Feet of Jesus*, o idioleto da narradora reflete consideravelmente a ressignificação do letramento de Estrella e sua aquisição de agência, na medida em que traz à tona aspectos lexicais e sintáticos transgressivos, conforme podemos verificar nos exemplos abaixo:

- 1) — *Weren't they gonna spray the orchards next week? Estrella asked matter-of-factly, and pointed to the biplane which dusted the peach trees not far from the barn.*<sup>194</sup> (p. 73).
- 2) *Looky, Looky, [Maxine] said, along with a whole sentence of excited English [...].*<sup>195</sup> (p. 33).
- 3) — *Stay on the porch. ¡Y tú! Petra pointed at Ricky, Watcha las niñas.*<sup>196</sup> (p. 108).
- 4) *Uno dos tres, púshale.*<sup>197</sup> (p. 135).
- 5) — *Estrella, mi'ja, Petra had said, Papi's leaving.*<sup>198</sup> (p. 23).

<sup>192</sup> Citamos, como exemplo, o romance *Pocho*, de José Antonio Villareal, em que expressões idiomáticas do espanhol são literalmente traduzidas para o inglês (ex.: “ela deu à luz” = “*she has given light*”, “tenho dor de cabeça” = “*I have an ache of head*”), denotando o silenciamento que o autor faz da língua espanhola por meio de significantes em inglês, privilegiando, assim, as necessidades de um público leitor dominante, isto é, de língua inglesa.

<sup>193</sup> “[...] texts are a system of forces institutionalized by the reigning culture.”

<sup>194</sup> “— Não era semana que vem que eles iam dedetizá os pomar? Estrella perguntou com naturalidade e apontou para o bimotor que pulverizava os pés de pêssego não longe do estábulo”.

<sup>195</sup> “Óia, Óia, disse ela, junto com uma frase completa em inglês empolgado [...]”.

<sup>196</sup> “— Fica na varanda. ¡Y tú! Petra apontou para Ricky, Fica de ojo em las niñas”.

<sup>197</sup> “Uno dos três, empúrrale”.

<sup>198</sup> “Estrella, mi'ja, Petra havia dito, o Papi tá indo”.



No primeiro exemplo, notamos um procedimento formal que se repete em todo o romance na transcrição dos diálogos. Em vez de aspas, como é mais frequente em textos em inglês, ocorre o uso de travessões, o que, assim como em português, é comum em textos em espanhol. Porém, os travessões são usados apenas para iniciar os diálogos; não há um segundo travessão para demarcar a voz da personagem da voz narrativa. No plano da forma, essa ausência de demarcação de vozes constitui uma manobra estilística de que se vale a autora para indicar que, assim como as vozes na escrita ficcional não devem ficar circunscritas por sinais de pontuação, as vozes dos indivíduos no mundo real não podem ser contidas por nenhuma forma de discurso que se autoproclame superior.

No segundo exemplo, além da falta tanto de travessão quanto de aspas para delimitar a fala da personagem, ocorre uma violação da regra gramatical quanto ao uso de letras maiúsculas, na expressão “*Looky, Looky*”, resultando em um enunciado subversivo que igualmente aproxima as vozes da narradora e da personagem e contesta regras tradicionais de estilo.

O terceiro excerto ilustra uma forma híbrida denominada *code-switching*, caracterizada pela alternância de códigos linguísticos. O que se tem, nesse trecho, é um amálgama criado pela confluência do inglês e do espanhol, a partir da inserção, ao verbo inglês *watch* (observar), de uma desinência de verbos em espanhol da primeira conjugação (terminados em “ar”), resultando na forma “*watcha*”. Em *púshale*, no quarto exemplo, além do acréscimo desinencial “a” (que ocorre, em espanhol, em verbos da primeira conjugação) ao verbo inglês *push* (empurrar), está a terminação sufixal “le”, palavra utilizada, em espanhol, como pronome, referindo-se a um objeto indireto. O acento agudo no “u” é igualmente marca característica da língua espanhola, em que todas as palavras proparoxítonas (*esdrújulas*) levam essa acentuação. Na expressão que antecede o neologismo, é também notável a ausência de vírgulas para separar os números *uno dos tres* (um dois três), o que se conformaria ao padrão gramatical tanto do inglês quanto do espanhol.

A forma *mi'ja*, no quinto exemplo, é uma subversão da expressão *mi hija* (minha filha). Tanto em termos de grafia quanto de pronúncia, essa contração informal se desvia dos padrões ortográficos prescritos pela Real Academia Espanhola de Letras, que regula o dicionário do espanhol. O que se revela, com desvios linguísticos como esse, é a própria condição de liminaridade (*in-betweenness*) dos indivíduos chicanos retratados em *Under the Feet of Jesus*, os quais não são totalmente mexicanos e são posicionados às margens da cidadania estadunidense.

No plano morfossintático, o romance apresenta uma gama de significantes subversivos. Para a pesquisadora Frances Aparicio (1994), essa é uma forma de tropicalização, um movimento contra-hegemônico que insere diferença textual no repertório linguístico de autoras e autores anglos, propondo novas possibilidades de utilização lexical e enxertando elementos rítmicos e sintáticos do espanhol no inglês.

[...] *this transformation is not restricted to the formal sphere, and its political and social implications regarding readership are only now beginning to be discussed. What on the surface appears to be a praxis that signals cultural assimilation may be defined also as a subversive act: that of writing the Self using the tools of the Master and, in the process, transforming those signifiers with the cultural meanings, values, and ideologies of the subordinate sector. Subversive also in a literal sense (sub-verso, under the verse, under the word), the Hispanic [...] subtexts that permeate Latino fiction and poetry are only present for those readers who can recognize the underlying intertextuality clothed in the language of the Other.*<sup>199</sup> (APARICIO, 1994, p. 797, grifo no original).

Implícito nessa reconfiguração do código linguístico, está o deslocamento/desplacamento de um público leitor monolíngue, a quem falta a competência transcultural necessária para captar a total significação das formas inovadoras. Nesse sentido, *Under the Feet of Jesus* inverte o eixo centro-margem, numa espécie de releitura das relações entre a população estadunidense dominante e a chicana subalterna, sendo tal releitura, também, um protesto, uma vez que marginaliza um público leitor historicamente posicionado como modelo supremo de letramento cultural.

De modo análogo, o tempo discursivo em *Under the Feet of Jesus* rompe com padrões lineares narrativos, indicando a necessidade da descolonização espaço-temporal e da reorientação, por parte da leitora e do leitor, do seu modo de ler o texto literário. O romance está repleto de prolepses, analepses, *flashbacks* e *flashforwards*, que, ao fragmentar e interromper o fluxo da leitura, conduzem-nos a uma releitura atenta e reflexiva, para não perdermos de vista os significados latentes nos meandros do texto. Nesse processo, a releitura a que somos levados metaforiza a urgência de também relermos, como Estrella, os diversos discursos sociopolíticos dominantes que sistematicamente apagam da conjuntura social indivíduos marginalizados como ela, não obstante a participação efetiva destes na geração de

<sup>199</sup> “[...] essa transformação não se restringe ao plano formal, e suas implicações sociopolíticas concernentes ao público leitor somente agora estão começando a ser discutidas. O que na superfície parece ser uma práxis que sinaliza assimilação cultural pode ser definido também como ato subversivo: o de escrever o Self usando as ferramentas do Mestre e, no processo, transformar esses significantes com significados culturais, valores e ideologias do setor subordinado. Subversivo também em um sentido literal (*sub-verso*, sob o verso, sob a palavra), os subtextos [...] hispânicos que permeiam a poesia e ficção latinas estão somente presentes para aqueles leitores que podem reconhecer a intertextualidade subjacente revestida da linguagem do Outro”.

bens e riquezas para o país que os exclui. Leitora e leitor são questionados quanto à real eficácia do seu letramento, desafiados a ultrapassar as fronteiras da mera decifração de componentes textuais formais e se posicionar na esfera discursiva da língua, que, para ser apreendida em sua inteireza, requer leituras, releituras e desleituras: reflexão e ação. Sem essa atitude reflexiva, que movimenta, em um contínuo ir e vir, a nossa leitura da história contida em *Under the Feet of Jesus* (bem como da nossa própria história e a da nossa sociedade), não podemos apreender, em seu fluxo descontínuo (não linear), os muitos e diferentes sentidos aí imbricados. Trata-se, pois, da descolonização do tempo e do espaço na história ficcional, sinalizando a necessidade de descolonizarmos a história real para podermos ressignificar seus traumas.

As analepses e *flashbacks* também ressaltam a importância da memória na literatura chicana enquanto fonte de diferentes modos de vivenciar e interpretar a realidade. Segundo o historiador Jacques Le Goff (1996, p. 11), a memória é crucial e tem importância singular para a organização da identidade humana, organização esta que se realiza a partir do cruzamento de memórias individuais e coletivas. Nessa perspectiva, as memórias presentes em *Under the Feet of Jesus* (como a de Estrella lembrando-se do que o abandono do pai provocara, e a de Petra, no final do romance, lembrando-se de acontecimentos associados aos documentos do envelope que ficava embaixo dos pés da imagem de Jesus) sinalizam a necessidade de revisitar continuamente os tempos e os espaços da existência individual e coletiva, descolonizando-os e possibilitando a produção de novos sentidos, assim como um agricultor, ao arar a terra depois de uma safra, a deixa pronta para uma plantação nova.

Outra característica marcante do romance, no plano formal, é a constante justaposição do belo com o grotesco. A majestosa sombra de águia que o garoto vê no estábulo é colocada em paralelo com o sangue da sua ferida (p. 23); o romance feliz de Millie e seu namorado Clicker, na revista em quadrinhos de Maxine, é permeado do cheiro da carne podre de um cachorro que se afogara no canal de irrigação (p. 33); borboletas brancas e vespas douradas se contrastam com os sapatos enlameados de Perfecto (p. 72); a beleza dos pomares e a doçura que o pêssego evoca são justapostas à intoxicação de Alejo (p. 76-77). Em suma, a exuberância do Vale de San Joaquin, com toda a sua rica diversidade de cheiros, sabores e visões, é posicionada em paralelo com a realidade nua e crua daqueles indivíduos que, como Estrella e sua família, ali sacrificam suas vidas para terem o mínimo necessário à sobrevivência. Essa discrepância de imagens que permeia o romance torna impactante a nossa leitura e nos induz a refletir acerca dessas incongruências no mundo real.

Em virtude do letramento completo que alcança, em cuja direção a narrativa também nos impulsiona, Estrella é capaz de empreender tal reflexão, acessando de modo crítico os

discursos constituidores de sua história e agindo concretamente em seu contexto espaço-temporal. Sua reflexão-ação torna-se metáfora da possibilidade de ressignificação do trauma cultural chicano, como veremos no próximo capítulo.

### 3 ALÉM DO SIGNO: A RESSIGNIFICAÇÃO DO TRAUMA CULTURAL CHICANO NO ROMANCE

Partindo das discussões do capítulo anterior, centrado no processo de aquisição de letramento de Estrella por meio das relações interpessoais e da dialética estabelecida entre seu corpo e seu mundo, focalizaremos nossa discussão agora na possibilidade de ressignificação do trauma cultural chicano, a partir dessa capacidade perceptiva crítica e agente.

Primeiramente, abordaremos a elasticidade do conceito de trauma cultural, trazendo para a nossa argumentação as noções de trauma de rotina e trauma perpétuo, que julgamos fundamentalmente pertinentes para a explicitação do trauma cultural chicano, o qual buscaremos deixar evidente a partir de alguns dos constituintes diegéticos de *Under the Feet of Jesus*.

Em seguida, discutiremos segmentos narrativos do romance que consideramos metaforizar a necessidade e a possibilidade não apenas de reelaborar criticamente memórias de sofrimentos passados, mas também de enfrentar as estruturas de poder responsáveis por prolongar, no presente, o peso desses traumas. Serão discutidas a cena da clínica, que retrata o confronto de Estrella com a enfermeira anglo, e a cena final, em que Estrella escala a corrente do estábulo e, segura de si, caminha por sobre o telhado, indicando a perspectiva de reorientação histórica.

#### 3.1 Expandindo conceitos

*“True history or true fiction has always required an extraordinary act of the sympathetic imagination: an identification with experiences or stories not our own.”*  
(HARTMAN apud VICKROY, p. 1)

Em seu ensaio “Cultural Trauma: Slavery and the Formation of African American Identity”, o sociólogo Ron Eyerman aborda o conceito de trauma para além da dimensão físico-psicológica de um indivíduo e postula que o trauma cultural, distintamente do individual, refere-se a uma “[...] perda dramática de identidade e sentido, uma ruptura no tecido social, afetando um grupo de pessoas que tenha atingido algum grau de coesão. Nesse sentido, o trauma não precisa necessariamente ser sentido por todas as pessoas em uma comunidade ou

experienciado diretamente por nenhuma delas”<sup>200</sup> (EYERMAN, 2004, p. 61). O trauma cultural específico a que Eyerman se refere é o resultante da escravização de africanas e africanos nos Estados Unidos, cujos efeitos foram, segundo o autor, responsáveis por forjar uma identidade coletiva africano-americana, embora muitas das pessoas integrantes desse coletivo não tenham sido diretamente escravizadas. Assim, argumenta Eyerman, os efeitos traumáticos da escravidão são sentidos *retrospectivamente*, constituindo uma espécie de “cena primitiva”<sup>201</sup> (p. 60) capaz de unir, nos Estados Unidos, todos os indivíduos africano-americanos que, mesmo sem ter sido escravizados, tenham algum conhecimento ou sentimento em relação à África.

Nessa perspectiva, alguns fatores concorrem para que essa identidade coletiva seja elaborada: a) a existência de um acontecimento trágico e b) tempo, mediação e representação, para que esse acontecimento seja estabelecido e aceito como traumático. Embasado na sociologia da religião de Max Weber, o sociólogo Jeffrey Alexander afirma que a mediação entre o acontecimento trágico e sua percepção como traumático é realizada por grupos mensageiros (*carrier groups*), que podem ser tanto elites quanto classes excluídas ou marginalizadas e representar perspectivas e interesses transgeracionais, nacionais ou institucionais. (ALEXANDER, 2004, p. 11). Conforme Alexander, o processo do trauma é a lacuna existente entre o acontecimento e a sua representação.

*The persons who compose collectivities broadcast symbolic representations – characterizations – of ongoing social events, past, present, and future. They broadcast these representations as members of a social group. These group representations can be seen as ‘claims’ about the shape of social reality, its causes, and the responsibilities for action such causes imply. The cultural construction of trauma begins with such a claim [...] It is a claim to **some fundamental injury**, an exclamation of the terrifying profanation of some sacred value, a narrative about a horribly destructive social process, and a demand for emotional, institutional, and symbolic reparation and reconstruction.*<sup>202</sup> (ALEXANDER, 2004, p. 11, grifo nosso)

Se, como afirma Alexander, a construção cultural do trauma tem início a partir de representações simbólicas empreendidas por uma coletividade, que se vale de grupos

---

<sup>200</sup> “[...] a dramatic loss of identity and meaning, a tear in the social fabric, affecting a group of people that has achieved some degree of cohesion. In this sense, the trauma need not necessarily be felt by everyone in a community or experienced directly by any or all.”

<sup>201</sup> “*primal scene*”

<sup>202</sup> “As pessoas que compõem coletividades transmitem representações simbólicas – caracterizações – de acontecimentos sociais contínuos, passados, presentes e futuros. Elas transmitem essas representações enquanto membros de um grupo social. Essas representações de grupo podem ser vistas como ‘reivindicações’ acerca da forma da realidade social, das suas causas, e das responsabilidades de ação implicadas por tais causas. A construção cultural do trauma começa com tal reivindicação [...] É uma afirmação de alguma ferida fundamental, uma exclamação da profanação terrível de algum valor sagrado, uma narrativa acerca de um processo social horripilantemente destruidor, e uma demanda de reparação e reconstituição emocionais, institucionais e simbólicas”.

mensageiros mediadores, cuja atividade preenche a lacuna entre evento e representação, é possível entendermos que o trauma que permeia a história chicana<sup>203</sup>, a *herida abierta*<sup>204</sup> a que se refere Anzaldúa, conforme vimos na Introdução, torna-se cultural a partir do *Movimiento* e do consequente renascimento chicano nas artes: no teatro, na pintura (especialmente, de murais), na música, nas artes plásticas e, principalmente, na literatura (nos gêneros dramático, épico e lírico). No cerne desse renascimento, está o comprometimento estético com a ética, uma vez que, pela arte, denuncia-se a injustiça e reivindica-se uma identidade coletiva. Como nos lembram Meier e Ribera, “[d]e muitas formas, o movimento foi a linha divisória na longa história da busca por identidade dos mexicano-americanos. O movimento e o renascimento cultural [que começou no] fim da década de 1960 [...] foram claramente reforçadores mútuos”<sup>205</sup> (MEIER; RIBERA, 1993, p. 234).

Assim como, segundo a ótica de Eyerman, a população africano-americana constitui sua identidade vivenciando, retrospectivamente, o trauma da escravidão, a população chicana constrói a sua a partir de experiências retrospectivas da perda de território e das atrocidades em série que esta desencadeou. No entanto, em que pese a relevância do conceito de retrospectão de Eyerman e tendo em vista a abrangência teórica dos estudos do trauma, podemos nos referir ao trauma chicano (assim como ao africano-americano) pelo prisma do trauma perpétuo.

Em artigo recente, sobre o movimento *Mothers Against Drunk Driving* (Mães Contra Embriaguez Ao Volante), que surgiu na década de 1980, nos Estados Unidos, a socióloga Inge B. Schmidt revisita a teoria do trauma cultural e, valendo-se do postulado de Alexander de que um acontecimento (ou uma série de acontecimentos) pode ser considerado traumático no momento em que ocorre, antes que ocorra ou depois de ocorrido (SCHMIDT, 2014, p. 241), afirma que, embora a teoria do trauma se ocupe apenas de acontecimentos traumáticos já ocorridos, é possível caracterizar como trauma um acontecimento que se encontra em curso.

Dessa forma, não encerramos a ferida no passado para nos referirmos apenas à cicatriz, uma vez que esta ainda continua aberta, ou seja, a população chicana vivenciou e **vivencia** acontecimentos traumáticos que persistem em sua história contemporânea. Se a guerra chegou ao fim, o racismo e as práticas discriminatórias diversas contra essa população ainda estão,

---

<sup>203</sup> Constituem exemplos de eventos traumáticos dessa história a violência da Guerra Mexicano-Americana, os linchamentos, os estupros, a desapropriação de terras, a violação de direitos civis e humanos, a exploração desmedida da força de trabalho, a desapropriação cultural, o racismo e outras práticas discriminatórias não menos graves, bem como as crescentes imigrações para os Estados Unidos e as deportações para o México.

<sup>204</sup> Vale lembrar que, em grego, de onde nos advém o termo, **trauma** (*traûma, atos*) significa **ferida**.

<sup>205</sup> “*In many ways the movimiento was the dividing line in the long history of the Mexican American search for cultural identity. The movimiento and the cultural renaissance of the late 1960s and 1970s clearly were mutually reinforcing.*”

lamentavelmente, presentes. Segundo Schmidt, “[d]iferentemente de traumas retrospectivos, traumas perpétuos são eventos contínuos e trágicos que assolam a vida cotidiana”<sup>206</sup> (SCHMIDT, 2014, p. 243) e, apesar de a autora citar como exemplos doenças incuráveis e terrorismo em escala global, a discriminação exacerbada que a população chicana sofre nos Estados Unidos, o desprezo e a rejeição com que são tratados esses indivíduos por parte do grupo dominante anglo-americano também constituem exemplos contundentes.

Angela Onwuachi-Willig, pesquisadora e ativista africano-americana, ao abordar o veredicto do caso de Emmett Till<sup>207</sup>, estende o conceito de trauma cultural e argumenta que traumas culturais podem surgir não somente quando ocorre ruptura em rotinas, mas também quando estas são mantidas e reafirmadas pelo discurso público oficial. Após discutir os estudos de importantes teóricos do trauma, como Kai Erikson, Cathy Caruth, Jeffrey Alexander, Ron Eyerman, Bernhard Giesen, Neil Smelser, Piotr Sztompka e Inge Schmidt, a autora defende que são necessários três elementos para a construção de um trauma cultural a partir de acontecimentos de rotina (diferentemente daqueles que sobrevêm abruptamente): a) uma afirmação pública oficial do status marginal de um grupo subordinado, b) ampla repercussão desse discurso pela mídia e c) um discurso público a respeito do sentido do dano de rotina (*routine harm*), a partir do qual se sancionam oficialmente a discriminação e a exclusão de grupos minoritários subordinados, que passam a considerar natural que seus direitos sejam desrespeitados e desprotegidos. Onwuachi-Willig argumenta que o fato de os assassinos de Emmett Till terem sido indiciados e absolvidos, “[...] não foi uma surpresa para a comunidade africano-americana [...]. Ao contrário, o evento foi parte de uma prática antiga de se desconsiderar a vida e os direitos africano-americanos, demonstrando o não cumprimento da lei com relação [a esses indivíduos], negando[-lhes] todas as proteções do sistema judiciário e destituindo[-os] da plena cidadania americana”<sup>208</sup> (ONWUACHI-WILLIG, 2016, p. 352-353).

O trauma, apesar de ainda ser um assunto não explorado academicamente em relação à história chicana, perpassa essa história desde sua gênese, adquirindo uma dimensão cultural a

---

<sup>206</sup> “Unlike retrospective traumas, perpetual traumas are ongoing [...], tragic events that plague everyday life [...]”

<sup>207</sup> Garoto africano-americano violentamente assassinado, em 1955, aos 14 anos de idade, por supostamente ter assobiado para uma mulher branca. Seu assassinato abalou sobremaneira a população africano-americana e teve uma enorme repercussão nos Estados Unidos e internacionalmente. Em 2007, quase sessenta anos após a morte do garoto, sua acusadora, Carolyn Bryant, confessou que ele era inocente. A esse respeito, ver o recente livro de Timothy B. Tyson *The Blood of Emmett Till* (Editora Simon & Schuster, 2017).

<sup>208</sup> “[...] was not a surprise to the African American community [...]. Rather, the event was part of a longstanding practice of disregarding African American life and rights, exhibiting lawlessness toward African Americans, denying African Americans all protections from the justice system, and depriving African Americans of full standing as American citizens.”



partir da década de 1960. A expansão conceitual empreendida por Schmidt e por Onwuachi-Willig é perfeitamente cabível em nosso contexto de análise. No âmbito da educação, por exemplo, a perpetuidade do trauma chicano é evidente. Segundo o jornal *The New York Times*, em artigo de agosto de 2017, a população hispânica<sup>209</sup>, juntamente com a negra, é ainda a mais excluída das melhores universidades estadunidenses, mais do que era há trinta e cinco anos, apesar das chamadas ações afirmativas.<sup>210</sup>

Pode-se também perceber o trauma perpétuo e de rotina nos constantes perfilamentos, sobretudo raciais (*racial profiling*), por que frequentemente passam os indivíduos de origem latina nos Estados Unidos. Na apresentação de sua obra *The Social Imperative: Race, Close Reading, and Contemporary Literary Criticism* (2016), Paula Moya cita o exemplo de Alex Nieto, um jovem de 28 anos, assassinado pela polícia de San Francisco, em 2014, por tê-lo considerado uma ameaça. Por trabalhar como segurança, ele portava uma arma de eletrochoque, mas, conforme argumenta Moya, o que realmente determinou sua execução, com vinte e dois disparos feitos pelos policiais, foi a cor da sua pele.<sup>211</sup> Moya cita outros episódios como esse, concluindo que são casos de rotina, e que a vulnerabilidade desses indivíduos recebe insuficiente atenção pela mídia, uma vez que se encontra generalizada e naturalizada a suspeição da confiabilidade dessas pessoas. Para Vigil (2012),

*[d]aily practices reflect behavior that shows prejudices, and legal rulings emerge to reshape how people are to behave toward each other. Racial profiling, like DWB (Driving While Black, or Brown) is a recent innovation of racial inequality that legal experts have addressed because it **has become so commonplace in our society** (police stopping motorists on the basis of color, appearance or type of automobile; or teachers holding frequent unequal attitudes and expectations of students and treatment of same). Further, “illegal alien”, used as a descriptor denoting someone in the U.S. without legal documents, has become code for a not-so-feigned racial stereotyping label.* <sup>212</sup> (VIGIL, 2012, p. 292, grifo nosso)

<sup>209</sup> *Hispanic* (hispânico, hispânica) é o conceito guarda-chuva mais utilizado nos Estados Unidos para se referir a **todos os indivíduos de origem latina**. O termo é considerado inadequado e até mesmo ofensivo por muitas pessoas dessa origem, uma vez que se refere, etimologicamente, apenas à língua espanhola, não somente ignorando a cultura de indivíduos de língua portuguesa, mas também apagando as raízes indígenas e africanas da população a que se pretende referir.

<sup>210</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2017/08/24/us/affirmative-action.html>. Acesso em: 13 dez. 2019.

<sup>211</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GfCGoOT12Mw>. Acesso em: 13 dez. 2019.

<sup>212</sup> “[p]ráticas diárias refletem um comportamento que demonstra preconceitos, e emergem deliberações legais para reformular como as pessoas devem se comportar umas com as outras. O perfilamento racial, como o DWB (Negro, ou Mestiço, ao Volante) é uma inovação recente da desigualdade racial que juristas têm abordado porque se tornou tão corriqueiro em nossa sociedade (a polícia deter motoristas com base na cor, na aparência ou no tipo de automóvel; ou professores manter atitudes e expectativas diferentes e desiguais para com os alunos, e tratá-los assim). Além disso, ‘estrangeiro ilegal’, usado como descritor indicando alguém nos EUA sem documentos legais, tem-se tornado código de um rótulo de estereotipação racial não tão velada”.

*Under the Feet of Jesus* retrata a suspeição que a sociedade anglo-americana alimenta contra as pessoas chicanas (e latinas, em geral), bem como a constante vigilância e perseguição que estas sofrem. Logo no início do segundo capítulo, após um dia intenso de trabalho na lavoura, Estrella vai a pé para casa, caminhando ao longo dos trilhos até chegar a um campo de beisebol, onde jogam dois times juvenis. A cena é permeada de imagens que evidenciam a situação marginal em que vivem Estrella, sua família e os demais membros de sua etnia e classe. É notável, primeiramente, o fato de ela caminhar à margem dos trilhos da linha férrea. Como nos lembra Vigil (2012), após a conquista do território mexicano pelos Estados Unidos, a população mexicana ali presente teve sua força de trabalho explorada, sobretudo, nas lavouras e, posteriormente, nas minas e na construção das ferrovias (VIGIL, 2012, p. 172-173). A imagem de Estrella caminhando ao longo dos trilhos para chegar até o campo remete-nos ao trauma de ser colocado às margens de um país que se ajudou, duplamente, a construir: com território e com mão de obra.

*Estrella walked because of the playing field, her basket, jug, and knife bundled under the crook of her arm. She waved to the piscadores and the children waved to her from between the side panels of the trucks, then continued her walk along the tracks, almost regretful she had not taken the ride.* <sup>213</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 58)

Seduzida pelo mundo de aparências em que vive, aqui representado pela promessa de diversão evocada pelo campo de jogo, tal qual a promessa de felicidade do sonho americano, Estrella ainda teima em fazer parte desse mundo, apesar de caminhar às suas margens. Seu quase arrependimento de não ter pego a carona, de não estar confinada entre as grades do caminhão, como as demais crianças, sugere a ambiguidade do seu sentimento com relação àquela realidade: ao mesmo tempo que insiste em fazer parte dela de modo pleno, quase sucumbe à crença de que sua situação liminar é algo natural.

*She reached the baseball diamond before dusk, the skies like whipped clouds with linings of ripe nectarine red. Estrella sat on the rail track, still hot from the day's sun, and hugged her knees to her chin. Two Little League teams played on the green of the lawn, behind the tall wire mesh fence. The players had just run out on the chalked boundaries. Parents and other spectators sat on lawn chairs behind the batter's bench or scattered about on the bleachers, ice chests at arm's reach. Estrella wished she*

---

<sup>213</sup> “Estrella foi andando por causa do campo de jogo, sua cesta, garrafão e faca empacotados embaixo da dobra do seu braço. Ela acenou para os piscadores e as crianças acenaram para ela entre as grades laterais dos caminhões, depois continuou sua caminhada ao longo dos trilhos, quase arrependida de não ter pego a carona.”

*had not surrendered her peach and thought how perfect the evening would be if she had the fruit to eat.*<sup>214</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 58)

Ficam claros, nesses trechos, os limites que separam o mundo de Estrella e dos indivíduos que ela representa do mundo dos jogadores da *Little League* e das pessoas a quem servem de metonímia. De um lado, crianças entre as grades de um caminhão<sup>215</sup> e uma garota fatigada pelo sol de um dia inteiro de trabalho, que perfaz um itinerário periférico e assiste ao jogo de beisebol do lado de fora, separada por uma alta cerca de arame; do outro, crianças que se divertem em um campo cujo verde do gramado metaforiza a prosperidade de vida com que poucos são agraciados em um jogo social injusto com vencedores pré-determinados. De um lado, uma garota que se queima nas lavouras e nos trilhos para apenas assistir ao jogo, fora dos limites em que este acontece; do outro, espectadores felizes em suas cadeiras de jardim, devidamente acomodados no espaço da diversão. De um lado, Estrella, que, extenuada pelo trabalho, seduzida pelo jogo e faminta, julgava que apenas um pêsego seria o suficiente para que aquele momento fosse perfeito; do outro, crianças que se divertem sob o olhar protetor dos pais, que assistem confortavelmente ao jogo, com caixas de gelo ao alcance do braço.

Essa exclusão é acentuada pela perseguição constante que Estrella sofre pela polícia da fronteira, *La Migra*, que, com base em critérios pigmentocráticos (perfilamento racial), detém, indistintamente, indivíduos que julga estarem sem documentação legal no país. Ao final do jogo de beisebol, Estrella se percebe ambigualmente posicionada entre as ligações dos trilhos, que ela associa à cicatriz da cesariana de sua mãe: “Para o norte estavam as ligações e para o seu sul, o mesmo, e ela ficou no meio, sem saber onde elas terminavam ou começavam”<sup>216</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 59). Sua perda de orientação geográfica se deve ao espaço liminar

---

<sup>214</sup> “Ela alcançou o diamante de beisebol antes do anoitecer, o céu como nuvens batidas contornadas de vermelho de nectarina madura. Estrella sentou-se no trilho, ainda quente do sol do dia, e abraçou os joelhos até o queixo. Dois times da Pequena Liga jogavam no verde do gramado, atrás da alta cerca de arame. Os jogadores tinham acabado de sair correndo nos limites traçados por giz. Pais e outros espectadores estavam sentados em cadeiras de jardim atrás do banco do bateador ou espalhados pelas arquibancadas, caixas de gelo ao alcance do braço. Estrella desejou não ter cedido seu pêsego e pensou como a noite seria perfeita se tivesse a fruta para comer”.

<sup>215</sup> É recorrente, na narrativa, a expressão *labor camp* (campo de trabalho), para se referir ao alojamento das trabalhadoras e trabalhadores rurais. *Labor camp* também pode significar campo de trabalhos forçados, o que nos remete aos campos de trabalho nazistas e aos *gulags*. A imagem das crianças entre as grades do caminhão torna-se, assim, alusiva às pessoas prisioneiras do regime nazista que eram transportadas em caminhões para os campos de concentração, onde seriam sufocadas com gás tóxico. Como a intoxicação é também parte central do enredo de *Under the Feet of Jesus*, acreditamos não ser descabido, *ressalvadas as devidas proporções*, vislumbrar algum nexos entre as experiências desumanas das personagens subalternas do romance e as das minorias históricas vítimas do Nazismo.

<sup>216</sup> “To the north lay the ties and to the south of her, the same, and in between she stood, not knowing where they ended or began.”

(entrelugar) que ocupa, onde a segregação faz tanto parte da rotina quanto a constante apreensão de ser capturada pela *Migra*.

*She startled when the sheets of high-powered lights beamed on the playing field like headlights of cars, blinding her. The round, sharp white lights burned her eyes and she made a feeble attempt to shield them with an arm. The border patrol, she thought, and she tried to remember which side she was on and which side of the wire mesh she was safe in. The floodlights aimed at the phantoms in the field. Or were the lights directed at her? Could the spectators see her from where she stood? Where was home? [...] The lushest peach. The element of surprise. A stunned deer waiting for the bullet. A few of the spectators applauded. Estrella fisted her knife and ran, her shadow fading into the approaching night.*<sup>217</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 59-60)

A imagem do animal acuado, à mercê do caçador, simboliza o isolamento de Estrella naquele espaço geopolítico hostil, onde não lhe falta apenas a dignidade de uma moradia fixa, mas também a segurança de um lar. Nesse cenário alucinatório, a apreensão que Estrella sente, somada à sua desorientação espaço-temporal e à sua fome, se mistura à emoção do fim do jogo, fazendo-a enxergar na bola de beisebol a própria imagem do pêssego que desejaria comer, e vislumbrar, no campo, jogadores transformados em fantasmas pelo brilho da luz. Sua necessidade fisiológica de alimento se confunde com o seu desejo de também ela poder brincar como aqueles garotos e ter respeitado seu direito aos bens sociais do país, que a narrativa metaforiza com a imagem de um dos seus esportes mais populares. A dúvida de Estrella quanto a poder ou não ser vista pelos espectadores do lugar onde se encontra ressalta sua condição de pessoa hifenizada, sem norte e sem sul definidos, deixada à margem do jogo e, como um cervo perseguido, obrigada a correr e se defender por conta própria para não ser abatida.

Ao chegar em casa correndo, Petra lhe pergunta o que está acontecendo. Estrella abre a caixa de ferramentas do padraço e pega o pé de cabra, dizendo para a mãe que alguém está tentando capturá-la. Petra, no entanto, ordena a filha a guardar a alavanca e explica: “—É La Migra. Todo mundo tá sentindo isso [...]”<sup>218</sup> (p. 61). Podemos inferir, pela explicação de Petra, que a condição social em que sua família e “todo mundo” se encontram é percebida como algo natural, ilustrando o caráter de rotina do trauma que vivem. O entendimento dessa naturalização

<sup>217</sup> “Ela se assustou quando os feixes de luzes de alta potência brilharam no campo de jogo como faróis de carros, cegando-a. As luzes brancas redondas, afiadas queimaram seus olhos e ela fez um esforço frágil para protegê-los com um braço. A polícia de fronteira, pensou ela, e tentou se lembrar de que lado estava e em que lado da cerca de arame ela estava segura. Os holofotes apontavam para os fantasmas no campo. Ou as luzes estavam direcionadas para ela? Será que os espectadores podiam vê-la de onde estava? Onde estava o lar? [...] O pêssego mais viçoso. O elemento surpresa. Um cervo atordoado esperando a bala. Alguns dos espectadores aplaudiram. Estrella segurou firme sua faca e correu, sua sombra dissipando-se na noite que se aproximava.”

<sup>218</sup> “—It’s La Migra. Everybody’s feeling it [...]”

fica evidente quando a mãe diz a Estrella que de nada adianta informar à polícia que eles moram naquele país por toda sua vida, já que não carregam prova disso como a marca umbilical que trazem no corpo: “—Não faz sentido dizer à La Migra que você mora aqui a vida toda [...]. — Nós carregamos prova por aí como umbigo?”<sup>219</sup> (p. 62).

Implicados na afirmação de Petra de que eles moram no país a vida inteira, apesar de serem perseguidos pela polícia como se fossem forasteiros, estão o trauma da guerra e da perda de território no século XIX, bem como da constante violação de direitos que sofrem desde então, o que a narrativa destaca com o paralelo estabelecido entre o corpo social, metonimizado pela necessidade de documentos legais para comprovar nacionalidade, e o corpo físico, representado pela cicatriz da ferida de origem.

Apesar da sua falta de agência, Petra tem consciência de que ela e sua família são vítimas de injustiça, uma vez que são trabalhadores honestos e pertencem integralmente àquela terra. Por isso, ela aconselha a filha a não fugir e a enfrentar a polícia, pois, embora sua aparência física não seja condizente com o padrão estadunidense, Estrella tem documentos que comprovam sua origem:

*—Don't run scared. You stay there and look them in the eye. Don't let them make you feel you did a crime for picking the vegetables they'll be eating for dinner. If they stop you, if they try to pull you into the green vans, you tell them the birth certificates are under the feet of Jesus, just tell them.*<sup>220</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 63)

O fato de os documentos comprobatórios de nacionalidade estarem embaixo dos pés de Jesus é de grande relevância para a narrativa, cujo título, *Embaixo dos Pés de Jesus (Under the Feet of Jesus)*, sinaliza o costume tipicamente católico de se colocar preces e documentos embaixo de imagens de santos como sinal de fé na proteção divina. Sendo o México um país fortemente católico, a alusão a essa prática torna-se um questionamento da sua real eficácia quando se vive em um país que não apenas confessa outra fé, mas que acredita ter sido escolhido por Deus para civilizar o restante do mundo. Nessa ótica, o título do romance nos chama a atenção para a centralidade que a fé no sagrado ocupa na vida de Petra, assim como na da

---

<sup>219</sup> “—No sense telling La Migra you've lived here all your life [...]. —Do we carry proof around like belly buttons?”

<sup>220</sup> “—Não saia correndo assustada. Você fica lá e olha eles no olho. Não deixa eles fazer você sentir que fez um crime por colher as verduras que vão tá comendo no jantar. Se eles parar você, se eles tentar puxar você pra dentro das vans verdes, você fala pra eles que as certidões de nascimento estão embaixo dos pés de Jesus, só fala pra eles”.

maioria das pessoas de origem mexicana, e ao mesmo tempo questiona se apenas essa fé, sem ação, é o suficiente para garantir uma vida realmente digna nos Estados Unidos.

### 3.2 Resignação como obstáculo à ressignificação: entre nomes e crenças

A fé evocada pelo título do romance e pela estátua de veneração de Petra é uma fé no sagrado cristão, ou seja, uma fé trazida e imposta pelos colonizadores europeus aos indígenas que habitavam o lugar que viria a se tornar a República do México, e, nesse sentido, estar embaixo dos pés de Jesus também sugere o primeiro grande trauma, resultante da colonização da terra e da cultura e visão de mundo indígenas.

A ligação íntima que os indígenas têm com a terra é colocada em evidência quando Petra se volta para Estrella e adverte: “—Diga a eles que tienes una madre aquí. Você não é uma órfã, e ela apontou um dedo vermelho para a terra, Aquí”<sup>221</sup> (p. 63). O dedo vermelho simboliza, metonimicamente, os aborígenes, assim como o uso do espanhol e a utilização de letra maiúscula na palavra “aquí” (como se fosse um nome próprio) denotam que aquele lugar, antes de ser dos europeus e, em seguida, dos anglo-americanos, pertencia a um outro povo, os antepassados de Petra, e que, portanto, ela e sua família têm pleno direito de viver dignamente ali.

Apesar de seu nome significar, literalmente, “pedra” e apesar da consciência que tem a respeito da condição subordinada em que vive, Petra é uma mulher frágil, sem iniciativa concreta de resistência contra as injustiças que sofre. Vemos sinais de sua resistência apenas em suas palavras, quando aconselha a filha a não ter medo. Apesar de ainda jovem, é uma mulher petrificada pelo trauma. Sua fé é sincrética e insuficiente para transformar sua consciência em conscientização; é incapaz de estimulá-la a uma ação realmente eficaz em prol da integridade da família e da sua própria. Assim como guarda certidões de nascimento embaixo de uma imagem de gesso, confiando que isso seria o bastante para proteger, politicamente, a si e aos filhos, traça riscos com um graveto ao redor da casa, acreditando que, com esse ritual, estariam todos protegidos de escorpiões. Quando a estátua de Cristo se quebra, no último capítulo do romance, ela segura a cabeça da imagem nas mãos e constata:

*Was it too late to protect the children from the scorpions? Had they already entered the bungalow? Once a weapon, the stick now looked slight and feeble. How could she possibly think to protect her children if such a little clawing insect could inspire a*

---

<sup>221</sup> “—Tell them que tienes una madre aquí. You are not an orphan, and she pointed a red finger to the earth, Aquí.”

*whole midnight of fear? What made her believe that a circle drawn in the earth would keep the predators away? That was all she had: papers and ticks and broken faith and Perfecto, and at this moment all this seemed as weightless against the massive darkness, as the head she held.*<sup>222</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 168)

A constatação da insuficiência daquele tipo de fé que possuía, incapaz de sequer manter longe da casa os escorpiões, não faz com que Petra se reposicione e redefina seu papel na família e na sociedade. Ela mantém-se apegada à sua fé mítica, simbolizada pela imagem quebrada que tem nas mãos, e, desacreditando da sua capacidade feminina, conclui que apenas Perfecto poderia consertar a estátua: “O aperto de Petra ficou mais forte em volta da cabeça de Jesucristo. Perfecto permanecia sossegado como as nuvens flutuando e ela queria ir ver seus olhos. Se tinha alguém que pudesse consertá-la, era Perfecto”<sup>223</sup> (p. 169).

É notável que, assim como a fragilidade do gesso da estátua é evidenciada pela sua ruptura, também o corpo de Petra é descrito, a partir do ponto de vista de Estrella, como débil e na iminência de colapso, devido à gravidade das varizes: “[...] Estrella percebeu o quanto suas veias estavam ficando roxas e grossas. Como vinhas sufocando o movimento das suas pernas”<sup>224</sup> (p. 61). Tal equiparação entre o corpo enfraquecido da mãe e o corpo partido da estátua permite-nos não apenas perceber a contradição semântica e a ironia que a narrativa apresenta em relação ao nome Petra, mas também inferir a censura que o romance faz de atitudes resignadas e de uma religiosidade estéril, emblemáticas na figura dessa mulher, atitudes estas que, ao invés de ressignificar as experiências traumáticas, as naturalizam; ao invés de reorientar o caminho e promover agência, interdita o indivíduo e o petrifica na inércia.

Cabe ressaltar que a narrativa se refere à imagem de gesso tão somente pelo ponto de vista de Petra. Longe de sugerir a importância da sua fé para a proteção da família, o romance nos permite entender exatamente o contrário: uma fé fantasiosa como a de Petra, que a mantém inativa e submissa, pode ser a causa da perpetuidade do trauma das chicanas e chicanos que, assim como ela, alimentam esse tipo de fé e permanecem resignados à opressão política que

---

<sup>222</sup> “Era tarde demais para proteger os filhos dos escorpiões? Eles já tinham entrado no barraco? Uma vez uma arma, o graveto agora parecia leve e fraco. Como ela pôde pensar em proteger seus filhos se um inseto tão pequeno de garras podia inspirar uma meia-noite inteira de medo? O que a fez acreditar que um círculo traçado na terra fosse manter longe os predadores? Isso era tudo que tinha: papéis e gravetos e fé quebrada e Perfecto, e nesse momento tudo isso parecia não pesar nada diante da imensa escuridão, assim como a cabeça que segurava”.

<sup>223</sup> “*Petra’s grasp tightened around the head of Jesucristo. Perfecto stood as quiet as the clouds drifting and she wanted to go see his eyes. If anyone could fix it, Perfecto could.*”

<sup>224</sup> “[...] *Estrella noticed how purple and thick her veins were getting. Like vines choking the movement of her legs.*”

sofrem, considerando tratar-se de um desígnio de Deus. Nesse sentido, o título do romance parece alertar-nos para o fato de que os efeitos nocivos do trauma persistirão e as injustiças sociais permanecerão as mesmas enquanto a fé no sagrado<sup>225</sup> não mobilizar o indivíduo e a comunidade a lutar pela sua libertação, ou enquanto for uma fé que alivia o sofrimento apenas momentaneamente (*das Opium des Volkes* – o ópio do povo<sup>226</sup>), impedindo que se enxerguem e se combatam as causas estruturais que perpetuam a exclusão. Sem esse enfrentamento, os “fracos” permanecerão embaixo dos pés (*under the feet*) dos “fortes”, na iminência de serem esmagados pelas estruturas injustas de poder. Assim, conforme o título do romance nos permite inferir, a vivência de uma fé alienadora e que não gera agência é também ela uma causa de opressão, uma vez que contribui para que esta se mantenha, paralisando os indivíduos diante da violência impetrada pelas forças sistêmicas sociopolíticas, culturais e econômicas.

Nesse contexto, a palavra libertação adquire grande pertinência, haja vista que, no cerne da luta pelos direitos das trabalhadoras e trabalhadores rurais chicanos, representada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais e pelas figuras de Dolores Huerta e César Chávez,<sup>227</sup> está o movimento de esquerda da Igreja Católica conhecido como Teologia da Libertação<sup>228</sup>, que teve acentuada influência na formação de Chávez com relação ao seu entendimento da dignidade humana e da necessidade de resistência às injustiças a partir de iniciativas comunocêntricas. Cabe ressaltar que também a prática pedagógica emancipatória de Paulo Freire foi muito

---

<sup>225</sup> Referimo-nos ao sagrado, de um modo geral, porque entendemos que o romance, apesar de focalizar uma imagem cristã, interpela à ação todas as pessoas (de modo mais direto, as chicanas) vítimas de um sistema social injusto, independentemente da fé que professam. Entre chicanas e chicanos, porém, assim como entre a população mexicana em geral, predomina a fé católica, perpassada de elementos mí(s)ticos de outras tradições, sobretudo a indígena, o que se pode constatar, na narrativa, pelo sincretismo da fé de Petra, que, apesar da crença cristã, adota a prática supersticiosa de fazer riscos em volta da casa para proteger a família.

<sup>226</sup> Referimo-nos à famosa frase de autoria geralmente atribuída a Karl Marx “[a] religião é o ópio do povo (*[d]ie Religion...ist das Opium des Volkes*)”, constante em sua obra *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (1843). Com essa frase, o filósofo alemão critica duramente a religião enquanto prática fantasiosa que impede as pessoas de racionalizar a realidade, de enxergar e lutar contra as causas estruturais da injustiça social. Cabe enfatizar que, em nosso entendimento, o que está sendo rechaçado em *Under the Feet of Jesus* não é a mística cristã ou a necessidade e importância da conexão humana com o sagrado, mas a maneira como essa conexão se dá, isto é, a prática de uma fé supersticiosa e inoperante, que paralisa o indivíduo e a comunidade, que os cega e os coloca em uma atitude conformista perante as arbitrariedades sociopolíticas e econômicas que os afligem, levando-os a considerar que estas se tratam da vontade de Deus para suas vidas. Uma fé assim, propõe a narrativa, é tão incapaz de libertar o ser humano quanto os tracejados na terra feitos por Petra são incapazes de manter sua casa protegida de escorpiões.

<sup>227</sup> Veja-se a seção “*¡Sí, se puede!* - Helena María Viramontes e sua literatura de resistência”, na Introdução deste trabalho.

<sup>228</sup> Corrente teológica cristã que surgiu na América Latina, na década de 1960. Sua premissa fundamental é de que o Evangelho pressupõe uma opção preferencial pelos pobres e que, para tanto, a teologia deve se articular em conjunto com as ciências humanas e sociais, a fim de libertar as pessoas oprimidas das injustiças econômicas, políticas e sociais. No Brasil, um dos grandes expoentes do movimento é o filósofo e teólogo Leonardo Boff (1938).



influenciada por esse movimento, que igualmente inspirou, no Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

A fragilidade de Petra é colocada em evidência pela maneira como Estrella a vê (acometida de varizes, amedrontada e envelhecida), e também como se refere a ela. Sempre que a voz narrativa a focaliza, a partir do ponto de vista da filha, ela não é chamada pelo nome, mas simplesmente como mãe, sugerindo que, para Estrella, o significado do nome dela não condiz com a personalidade que tem: “Estrella não tinha mais de quatro anos quando acompanhou a mãe às lavouras pela primeira vez. [...] Já naquela época, a mãe parecia velha para Estrella”<sup>229</sup> (p. 51); “A mãe se esforçou para se levantar, endireitando um joelho depois o outro [...]. Até a saia reta preta que usava parecia mais apertada e sua barriga se derramava por sobre o cinto na cintura, músculos enfraquecidos por intervalos de gestações [...]”<sup>230</sup> (p. 61); “As crianças dormiam enquanto a mãe ia vagarosamente até o barraco”<sup>231</sup> (p. 159); “[...] a mãe abraçou Estrella tão firmemente que Estrella sentiu como se a mãe estivesse tentando escondê-la de volta em seu corpo”<sup>232</sup> (p. 171).

De acordo com a pesquisadora Laurie Vickroy (2002), o espaço doméstico e as relações entre mãe e filhos aí contidas são de grande relevância para se perceber as consequências traumáticas de situações sociais em que predominam o domínio e a subordinação. (VICKROY, 2002, p. 37). O relacionamento entre Petra e Estrella ilustra, igualmente, o argumento de Homi Bhabha (2004) de que o espaço doméstico, em um contexto pós-colonial – ao que acrescentamos, por extensão, o neocolonial – pode ser visto como um lugar de invasão histórica, onde o lar se encontra com o mundo e se confunde com ele, numa relação conflituosa, de modo que as relações entre mãe e filhos se tornem emblemas de fraturas entre o público e o privado (BHABHA, 2004, p. 9). Nesse sentido, o distanciamento de Estrella com relação a Petra pode ser entendido como um desabono da filha das atitudes resignadas da mãe. Diferentemente dela, Estrella não considera que a subalternização de suas vidas seja algo natural, ficando claro, em seu comportamento (na visão que tem da mãe e na negação em ajudar Perfecto a demolir o estábulo, conforme veremos a seguir), o constante conflito entre o público e o privado.

---

<sup>229</sup> “Estrella was not more than four when she first accompanied the mother to the fields. [...] Even then, the mother seemed old to Estrella.”

<sup>230</sup> “The mother struggled upward, straightening one knee then the other [...]. Even the black straight skirt she wore seemed tighter and her belly spilled over the belt of waist, lax muscles of open births [...]”

<sup>231</sup> “The children slept while the mother moved sluggishly to the bungalow.”

<sup>232</sup> “[...] the mother embraced Estrella so firmly, Estrella felt as if the mother was trying to hide her back in her body.”

A resignação e a falta de agência não se restringem apenas a Petra. Na cena em que Alejo e seu primo Gumecindo estão roubando pêssegos e ouvem um barulho estranho, percebemos o quanto este é também incapaz de enxergar e enfrentar as causas da vida ultrajante que levam, sentindo-se mais ameaçado pela fantasia do que pela realidade.

*Alejo knew Gumecindo found the dark and the screaming hours before frightening. His cousin had not stopped talking of La Llorona and the ghosts of her drowned children, and Alejo was forced to hear the stories with every tree he climbed. No, Gumecindo wanted him to hurry not because of the Foreman or loss of employment. La Llorona was more threatening.*<sup>233</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 39, grifo nosso)

Perfecto, a personagem masculina mais importante da narrativa, é um homem já velho, com mais de setenta anos. Assim como o de Petra, seu nome também é uma incongruência no romance, já que não denota o verdadeiro teor da sua personalidade. A ironia que a narrativa faz dos nomes das personagens pode ser entendida como recurso discursivo que Viramontes utiliza para chamar-nos a atenção para as contradições inerentes às relações entre significantes e significados, interpelando-nos a questionar sentidos pré-estabelecidos e a fazer uma leitura que vá além dos signos. Apesar da competência de Perfecto em consertos manuais, o que fica mais evidente é a sua fraqueza, que, de modo análogo à da mãe de Estrella, é ressaltada tanto na personalidade quanto no aspecto físico.

*[Petra] urged her hips against Perfecto's buttocks, then ran her arm under his and let it rest over the breadth of his belly. She felt as if she held nothing, his body like a phantom of a man once made of hearty flesh. She was amazed at the thickness of his ribs, though his skin was tissue loose and soft.*<sup>234</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 117)

Por considerar-se incapaz de continuar levando a vida que tem nos Estados Unidos, onde sua história é apagada, sua força de trabalho explorada e suas habilidades não reconhecidas, Perfecto deseja voltar para o México, apesar das lembranças dolorosas da perda de um filho e da esposa, quando morava naquele país. Não está acostumado à (o)pressão do sistema

<sup>233</sup> “Alejo sabia que Gumecindo achava assustadoras a escuridão e as horas gritantes antes dela. Seu primo não tinha parado de falar de La Llorona e dos fantasmas dos seus filhos afogados, e Alejo foi obrigado a ouvir as histórias a cada árvore que subia. Não, Gumecindo queria que ele se apressasse não por causa do Capataz ou da perda de emprego. La Llorona era mais ameaçadora”.

<sup>234</sup> “[Petra] pressionou seu quadril contra as nádegas de Perfecto, depois passou seu braço por baixo do dele e deixou-o repousar por sobre a extensão da sua barriga. Ela sentiu como não estivesse segurando nada, o corpo dele como um fantasma de um homem antes feito de carne saudável. Ela estava espantada com a grossura das suas costelas, embora sua pele fosse um tecido frouxo e mole”.

capitalista, pois se orienta pela lógica da economia à base de troca, conseguindo bens e serviços a partir dos seus consertos manuais.

*But Perfecto Flores was a man who came with his tool chest and stayed, a man who had no record of his own birth except for the year 1917 which appeared to him in a dream. He had a history that was unspoken, memories that only surfaced in nightmares. No one remembered knowing him before his arrival, but everyone used his name to describe a job well done.*<sup>235</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 25, grifo nosso)

Percebemos, a partir desse trecho, a relação de causa e efeito do trauma, definido pelo teórico literário Márcio Seligmann-Silva, como “uma *ferida* na memória” (SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 84, grifo no original). O apagamento de sua história que Perfecto constata não apenas sugere os sofrimentos traumáticos provocados pela conquista de território mexicano e as arbitrariedades dos Estados Unidos em sua operação “civilizatória”, mas também denuncia a conveniente amnésia cultural da população anglo-americana com relação a esses traumas. A consciência fragmentada, que, no caso de Perfecto, o atormenta com pesadelos e o impede de lembrar-se até mesmo do ano de seu nascimento, é um dos típicos sintomas de uma pessoa que passa por experiências traumáticas, comumente definidas como “[...] avassaladoras, estranhas, amnésicas e frequentemente incompreensíveis [...]”<sup>236</sup>(VICKROY, 2002, p. 1).

O ano de 1917 tem uma carga simbólica marcante, pois nos remete ao ano de promulgação da atual Constituição Mexicana, a primeira constituição da História em que os direitos sociais são reconhecidos, dentre os quais a jornada de trabalho de oito horas e a limitação do trabalho feminino e infantil. O crescente desejo de Perfecto de retornar para o México, que ele considera seu verdadeiro lar, nos permite inferir que o fato de o ano de 1917 aparecer recorrentemente em seus sonhos não significa que esse tenha sido o ano de seu nascimento, mas o quanto os direitos promulgados na Constituição Mexicana, e vilipendiados nos Estados Unidos, lhe davam esperança de um renascimento naquele país.<sup>237</sup> No lugar onde

---

<sup>235</sup> “Mas Perfecto Flores era um homem que veio com sua caixa de ferramentas e ficou, um homem que não tinha registro do seu próprio nascimento exceto pelo ano de 1917 que aparecia a ele em um sonho. Ele tinha uma história não falada, memórias que apenas emergiam em pesadelos. Ninguém se lembrava de conhecê-lo antes da sua chegada, mas todos usavam seu nome para descrever um trabalho bem feito”.

<sup>236</sup> “[...] *overwhelming, alien, amnesic, and often incomprehensible* [...]”

<sup>237</sup> Como afirmamos, na seção 1.2 (“MEXendo na ferida”), *Under the Feet of Jesus* não é uma narrativa com acontecimentos cronologicamente lineares e mapeáveis, sendo essa confluência de temporalidades um aspecto discursivo fundamental para a leitura que fazemos do trauma cultural (perpétuo e de rotina) da comunidade chicana.

se encontra, até mesmo a família que tem tornou-se um peso para ele, insuficiente para fazê-lo sentir-se em casa.

*Perfecto desired to return home. To his real home, not the bungalow. This desire became as urgent as the money he brought in for Petra's family. He kept forgetting his hat, stumbling over his memories like a child learning to walk; as if in seventy-three years he had traveled too long a distance to keep himself steady and able and willing. What would happen if he forgot his way home?*<sup>238</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 25)

Perfecto não contempla outra saída. A vida no México, a despeito do trauma pessoal que tivera, evoca liberdade, ao passo que sua longa história nos Estados Unidos não apenas o fragilizara corporalmente, com a extenuante rotina de trabalho e a exploração econômica, mas também mitigara sua coragem para resistir e sua esperança de um futuro melhor ali. Frustrado por não realizar o sonho americano, opta pelo retorno, sem revelar à família sua decisão. Pretende conseguir o dinheiro para voltar ao México derrubando o velho estábulo perto do barraco onde morava com Petra e as crianças, mas, como não consegue fazê-lo sozinho, pede ajuda a Estrella, alegando que, com a demolição, conseguiria mais dinheiro para a mãe dela. Diante da pressão do padrasto para que o ajude a demolir aquela construção que, embora antiga e ameaçada de colapso, significava abrigo e proteção para ela, Estrella percebe mais uma vez a importância que as ferramentas de Perfecto têm para construir e destruir, assim como, por meio das mesmas, havia descoberto a importância da leitura.

*—It's not fair, Estrella said. [...] She looked up at the barn as she had done when they first arrived, and tried to imagine herself with the ball of a hammer, pulling the resistant long rusted nails out of the woodsheet walls. The nails would screech and the wood would moan and she would pull the veins out and the woodsheet wall would collapse like a toothless mouth. Nothing would be left except a hole in the baked dirt so wide it would make one wonder how anything could be so empty.*<sup>239</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 74-75)

A demolição do estábulo significava, para Perfecto, livrar-se da condição subalterna de vida nos Estados Unidos. Suas memórias fragmentadas o fazem acalantar uma crença ingênua de que não há injustiça social no México e de que a simples mudança de país seja capaz de

<sup>238</sup> “Perfecto desejava retornar para casa. Para sua verdadeira casa, não para o barraco. Esse desejo tornou-se tão urgente quanto o dinheiro que ele trazia para a família de Petra. Ele vivia esquecendo seu chapéu, tropeçando em suas memórias como uma criança aprendendo a andar; como se em setenta e três anos ele tivesse viajado uma distância tão longa para manter-se firme, capaz e disposto. O que aconteceria se ele se esquecesse do seu caminho para casa?”.

<sup>239</sup> “—Não é justo, Estrella disse. [...] Ela olhou para o estábulo como tinha feito quando chegaram, e tentou se imaginar com a bola de um martelo, puxando os longos pregos enferrujados e resistentes das paredes de madeira. Os pregos chiariam e a madeira gemeria e ela arrancaria as veias e a parede de madeira cairia como uma boca sem dente. Nada sobraria exceto um buraco tão largo na terra cozida que faria alguém se perguntar como uma coisa pudesse ser tão vazia”.

amenizar ou apagar os efeitos do trauma vivido nos Estados Unidos. Como Petra e Gumecindo, ele também é retratado como uma pessoa sem agência e apegado a ilusões, um homem que, apesar das habilidades manuais que tem e da sua disponibilidade em ensinar à enteada a utilidade das suas ferramentas, não tem a visão necessária para (des)lê-las e compreender, a partir da função prática que têm em sua vida, a possibilidade e a urgência de destruir, construir e reconstruir politicamente. Para ele, as ferramentas nunca se tornam metáforas de resistência política, mas continuam sendo o que eram para Estrella, antes da sua epifania: um amontoado de aço dentro de um caixote (p. 24), simples objetos convenientemente manipulados por ele, assim como ele mesmo é objetificado e seu trabalho convenientemente utilizado na geração de lucro para uma sociedade que finge desconhecer sua história.

No final do romance, a imobilidade de Perfecto é colocada em evidência. Na última cena em que aparece, ele se encontra estático, reclinado sobre o capô da sua velha perua Chevy Capri (p. 164), ainda conjecturando sobre sua volta para o México, mesmo sem ter conseguido a ajuda de Estrella e demolido o estábulo. Como a imagem sagrada de Petra que se quebra, representando a impossibilidade de mudança social a partir de uma fé que não conduz à ação, a insegurança e imobilidade de Perfecto, no final da narrativa, sugerem que a ressignificação do trauma e a superação das mazelas sociais somente podem acontecer pela resistência, que a alienação e a fuga não são alternativas válidas, e que, para resistir, é preciso ser racional: pensar, ler, conscientizar-se e não se deixar abater por ilusões, emoções e medo: “Perfecto queria ajuntar suas ferramentas, um pouco de cobertores, alguns pêssegos. Ele não conseguia dizer se era amor ou simplesmente medo que o segurava. [...] *Pense. Pense. Pense*, Perfecto, seu cabeça de burro chingado”<sup>240</sup> (p. 162-163, grifo nosso).

É notável, nesse trecho, que Perfecto não tenta se convencer da necessidade de partir, mas sim de **pensar**. Pela repetição desse verbo, a narrativa nos dá a entender que recuar não é a solução, e que, para ressignificar a história, é preciso um destemor racional que permita enxergar além dos significados comumente atribuídos aos signos: enxergar a afronta capitalista na linguagem sedutora de propagandas e rótulos de bens de consumo, e ver um J de justiça em um pé de cabra, um I de igualdade em um prego, um V de vitória na garra de um martelo. Mais que simplesmente desconstruir o texto, no sentido derridiano, faz-se necessário enxergar, desmontar e remontar os múltiplos textos que nos constituem e destituem sociopoliticamente.

---

<sup>240</sup> “Perfecto wanted to load up his tools, a few blankets, some peaches. He couldn’t tell whether it was love or simply fear that held him back. [...] *Thin. Think. Think*, Perfecto, you cabeza de burro chingado.”

Não se trata, portanto, de demolir o estábulo (apagar a história), como deseja Perfecto, mas de desconstruir, de(s)mitificar e reconstruir a tecitura social, de ler além do signo, utilizando tais procedimentos como ferramentas de transformação política. É esse o grau de letramento que *Under the Feet of Jesus* retrata e apresenta como força ressignificadora do trauma cultural chicano.

É importante atentarmos na abrangente carga simbólica do estábulo. Levando em consideração o intertexto da narrativa bíblica do nascimento de Jesus, que, segundo a tradição cristã, nasceu em um estábulo, esse lugar também denota, no romance, uma possibilidade concreta de (re)nascimento de uma consciência libertadora para uma população oprimida pelo trauma do neoimperialismo. O fato de esse estábulo estar em ruínas sugere a fragilização do povo chicano e um possível esmorecimento do ativismo político após o *Movimiento*, criticando atitudes conformistas e uma consciência entorpecida por crenças alienantes, simbolizadas nas figuras de Petra, Perfecto, Gumecindo e Alejo (de quem trataremos na próxima seção), crenças estas que naturalizam e perpetuam as causas do trauma cultural.

Nesse sentido, respondendo a uma das perguntas que nossa pesquisa propõe, entendemos que *Under the Feet of Jesus* sinaliza que, apesar dos esforços políticos de muitos ativistas chicanos, na época do *Movimiento*, tais como Dolores Huerta e César Chávez, o revigoramento desse ativismo na década de 1990 (quando o romance foi escrito e publicado), assim como nos dias atuais, se torna essencial para a população chicana resistir às injustiças e conquistar equidade nos Estados Unidos. Em face do comprometimento político de Viramontes, é plausível afirmar que, no âmbito da literatura ficcional, *Under the Feet of Jesus* seja, mais que uma importante produção cultural, um marco histórico de tal ativismo.

Estar em ruínas não significa estar vencido. Diferentemente de Perfecto, que não consegue ler, por um prisma político, a função das suas ferramentas e a simbologia do estábulo que ameaça cair, é exatamente a partir destes que Estrella chega à consciência da sua necessidade de agir para evitar que ela e o seu povo continuem assujeitados e à mercê de caprichos hegemônicos. Diante do pedido de Perfecto, ela racionaliza: “É isso que acontece? Estrella *pensou*, as pessoas simplesmente te usam até você ficar totalmente esgotado, depois te rasgam em pedaços quando acabarem de te usar?”<sup>241</sup> (p. 75, grifo nosso).

Lendo além do signo, o estábulo em ruínas torna-se, para Estrella, um lugar de esperança, simbolizando a possibilidade de ressignificação do trauma e de reescrita da história. Ao invés de derrubá-lo, ela lhe dá novo sentido, adentrando-o sem medo, resistindo à força da

---

<sup>241</sup> “Is that what happens? Estrella thought, people just use you until you’re all used up, then rip you into pieces when they’re finished using you?”

corrente que pende do teto e elevando-se por sobre o telhado, onde seu caminhar seguro simboliza a libertação alcançada. Porém, antes de elevar-se, é preciso enfrentar a conjuntura de forças contrárias.

### 3.3 A ira das vinhas: a consciência e resistência de Estrella

Em seu ensaio sobre a ressignificação do trauma das sociedades europeias pós-comunistas, o sociólogo Piotr Sztompka (2004) afirma que, culturalmente, a educação é o fator-chave para se lidar com o trauma, uma vez que, embora as pessoas se tornem mais sensíveis e perceptivas quanto mais evoluídas estiverem educacionalmente, mais equipadas estarão para resistir (SZTOMPKA, 2004, p. 166). Embora Estrella tenha sido impedida de alcançar essa evolução educacional escolar de que trata o autor polonês, o processo evolutivo de seu letramento, que espelha o conceito freiriano de conscientização, evidencia o papel decisivo que a educação formal pode ter para despertar a consciência do indivíduo e impulsioná-lo ao engajamento político em prol de mudança.

Utilizando-se dos estudos do sociólogo estadunidense Robert Merton, no que concerne às maneiras como um indivíduo é capaz de se adaptar a um contexto de anomia<sup>242</sup>, Sztompka relaciona quatro possíveis maneiras de lidar com o trauma cultural: a inovação e a rebelião (adaptações ativas e construtivas) e o ritualismo e o afastamento (adaptações passivas). A inovação assume diferentes formas, dentre as quais ressaltamos a redefinição de uma dissonância cultural por meio da socialização e de medidas educacionais, bem como a articulação dessa dissonância como algo incompatível, idealizando-se novas vias culturais e denunciando-se, completamente, as antigas. A rebelião caracteriza-se por um esforço mais violento a fim de transformar a realidade cultural e substituir a condição traumática por uma nova configuração. O ritualismo significa voltar a tradições e rotinas já estabelecidas, enquanto o afastamento é o mesmo que ignorar o trauma, reprimi-lo como se não existisse. (SZTOMPKA, 2004, p. 167-168).

O último capítulo do romance evidencia as atitudes de Petra, Perfecto, Alejo e Estrella, com relação ao trauma. Somente Estrella se movimenta nas cenas finais. Petra continua presa às suas crenças tradicionais. Sabemos que ela deseja apenas consertar a estátua quebrada, mas

---

<sup>242</sup> Cabe ressaltar que o conceito de anomia não é de Merton, mas do filósofo francês Émile Durkheim (1858-1917), considerado o pai da sociologia. Anomia, segundo Durkheim, refere-se a um estado de falta de objetivos e regras e de perda de identidade do indivíduo, devido às transformações crescentes do mundo social moderno, uma vez que, com o surgimento do capitalismo, foi-se dando cada vez mais importância à razão para se explicar o mundo, rompendo-se bruscamente com valores tradicionais, relacionados, sobretudo, à religião.

não tem agência nem mesmo para fazê-lo, acreditando que somente Perfecto seria capaz de realizar o trabalho. Sua crença no poder fantasioso da imagem e na capacidade técnica do marido, para quem ela transfere a responsabilidade de resgatar o que havia se quebrado, demonstra sua adaptação passiva ao trauma, seu ritualismo, que a mantém estática diante da urgência de restauração da história que a quebra da imagem de Jesus metaforiza. Quanto a Perfecto, podemos concluir que a sua atitude é de afastamento, uma vez que, ao idealizar um retorno feliz ao México e uma vida tranquila naquele país, ele parece negar o fato de que existe um trauma a ser ressignificado. Seu desejo de retorno significa, nessa perspectiva, uma atitude mais de repressão do que de reconhecimento da realidade. A exemplo de Perfecto, Alejo também adota uma atitude passiva, que evidencia o caráter perpétuo (SCHMIDT, 2014) e de rotina (ONWUACHI-WILLIG, 2016) do trauma cultural, conforme veremos mais adiante nesta seção.

A cena da clínica, retratada no penúltimo capítulo, é o clímax da trama. É onde a narrativa mais enfatiza a importância do letramento para a aquisição de agência e a necessidade de agência para o enfrentamento à conjuntura sociopolítica e para a ressignificação do trauma chicano. Como o estábulo, a clínica é também descrita como um lugar precário, e o serviço que ali se presta à população chicana rural denuncia a subalternização desses indivíduos. Diferentemente do estábulo, que se encontra no mesmo terreno onde está o barraco de Estrella, a clínica localiza-se em um lugar afastado, e o caminho até ela é marcado por obstáculos quase intransponíveis, o que a narrativa ressalta com a imagem do veículo da família atolado em um lamaçal.

*—Putra madre. The tire spun endlessly in the mud. Perfecto stood near the rear of the station wagon to watch. They were headed to the medical clinic, the muffler loud and vibrating on the unpaved road. A broken water pipe bubbled up and muddied a section of the road that Perfecto didn't notice until the wagon's back tire dipped and sunk into the deep chocolate mud. He raised his finger for Petra to gas it. Perfecto on his haunches now, studied the tire spinning. ¡Putra madre!*<sup>243</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 127-128)

Apesar de todos os esforços de Perfecto, Petra e Estrella para desatolar o veículo, eles não conseguem fazer com que a perua saia da lama, nem mesmo com o uso tático das

---

<sup>243</sup> “—Putra madre. O pneu ficou rodopiando na lama. Perfecto foi pra perto da traseira da perua para observar. Eles estavam indo para a clínica médica, o escapamento alto e vibrante na estrada sem asfalto. Um cano de água se quebrou e enlameou uma parte da estrada que Perfecto não notou até que o pneu traseiro da perua mergulhou e afundou-se na lama profunda de chocolate. Ele levantou seu dedo para Petra acelerar. Perfecto agora agachado, estudava o pneu rodopiando. ¡Putra madre!”.



ferramentas de Perfecto. Somente horas mais tarde, com a ajuda de um grupo de *piscadores* que retornavam do trabalho, é que finalmente saem do atoleiro, ficando claro, no episódio, a sinalização do romance para o papel imprescindível da articulação conjunta (movimento *bottom-up*, comunocêntrico) dos indivíduos minorizados para ressignificar seu trauma, transpondo as barreiras de um *ethos* social marcado pela amnésia cultural e pelo desmerecimento da história e da dignidade do Outro, que considera ex-ótico/ex-cêntrico (HUTCHEON, 1998). Como defende a autora e ativista feminista chicana Cherríe Moraga (1983), em seu ensaio “La Güera”, constante da obra *This Bridge Called My Back*, editada com Gloria Anzaldúa e pioneira do movimento de resistência das feministas de cor, “[o] verdadeiro poder[...] é coletivo”<sup>244</sup> (MORAGA, 2015, p. 29).

A clínica, situada em terreno distante, não é um local planejado em uma construção decente, o que implicaria a atenção e o respeito devidos à saúde daquelas pessoas, mas um reboque automotivo improvisado. É para onde Estrella, após convencer Perfecto a ajudá-la, finalmente consegue levar o jovem Alejo, intoxicado com pesticida, na esperança de que receba o tratamento médico adequado.

*The white trailer stuck out like **partially buried bone** in the middle of the vacant plot. The compact square windows facing the highway had foil taped to the framed sliding glass which deflected the sun. A small porch awning was held up by two hollow poles planted solidly in Folgers coffee cans filled with dried cement. [...] The clinic smelled of strong disinfectant and bad plumbing.*<sup>245</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 133; 135 grifo nosso)

Se o estado de pobreza e abandono do barraco de Estrella e sua família denota a falta de moradia digna, assim como a negligência das professoras ressalta o descompromisso político com a educação, a precariedade da clínica revela uma outra dimensão do trauma vivido pela população chicana, especialmente as trabalhadoras e trabalhadores rurais, qual seja, a de serem negados o mínimo de assistência médica para o cuidado à saúde desgastada nas lavouras, em uma topografia social que ilustra a teoria de Alejo sobre a formação dos poços de piche e a decomposição dos ossos de quem ali ficava preso:

*[Estrella] thought of the young girl that Alejo had told her about, the one girl they found in the La Brea Tar Pits. They found her in a few bones. No details of her life*

<sup>244</sup> “The real power [...] is collective.”

<sup>245</sup> “O trailer branco sobressaía como osso parcialmente enterrado no meio do terreno deserto. As janelas compactas e quadradas de frente para a rodovia tinham papel-alumínio pregado no vidro deslizante emoldurado para desviar o sol. Um pequeno toldo de varanda era sustentado por dois postes ociosos firmemente fincados em latas de café Folgers cheias de cimento seco. [...] A clínica tinha cheiro forte de desinfetante e mau encaimento”.

*were left behind, no piece of cloth, no ring, no doll. A few bits of bone displayed somewhere under a glass casa and nothing else.*<sup>246</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 129)

Em *Mexican Americans/American Mexicans*, obra revisada no início da década em que *Under the Feet of Jesus* foi publicado, Meier e Ribera (1993) enfatizam:

*In health care also, Mexican Americans remain near the bottom of the ladder. Consigned all their lives to jobs that offer low pay and no pension plans or health benefits, many live in poverty with limited and inferior health care. About a third lack health insurance because their employment does not provide it and they cannot afford it on their incomes.*<sup>247</sup> (MEIER; RIBERA, 1993, p. 272)

A indiferença dos Estados Unidos para com a saúde dessas pessoas é pormenorizada no recente livro *Fresh Fruits, Broken Bodies*, fruto de pesquisa etnográfica do médico e antropólogo Seth M. Holmes (2014), no qual o autor discute criticamente a exploração, concernente ao trabalho rural, da mão de obra da população chicana e de imigrantes latinos (especialmente do México), as condições degradantes de vida a que são submetidos, bem como o uso indiscriminado de agrotóxicos nas plantações, o que, segundo Holmes, passa a ser considerado “normal, natural e justificado”<sup>248</sup> (HOLMES, 2014. P. 182), reforçando o conceito de violência simbólica (BORDIEU, 1997 apud HOMES, 2014) e de trauma perpétuo (SCHMIDT, 2014) e de rotina (ONWUACHI-WILLIG, 2016).

A resistência, conforme sugerido por Sztompka, é uma forma ativa de lidar com a realidade traumática. Distintamente da mãe, do padrasto e de Alejo, que permanecem sem agência ao longo do romance, Estrella é a única que protagoniza a ressignificação do trauma, indicando ao povo chicano a possibilidade de um novo caminho, tal qual, no relato bíblico, a estrela de Davi sinalizou o nascimento de Jesus e o começo de um novo tempo. Seu protagonismo é suscitado pela consciência-ação que vai adquirindo à medida que seu letramento, mais do que um processo mecânico de decodificação, assume uma dimensão crítica

---

<sup>246</sup> “Ela pensou na menina de quem Alejo lhe havia falado, a menina O trailer branco sobressaía como osso parcialmente enterrado no meio do terreno deserto. As janelas compactas e quadradas de frente para a rodovia tinham papel-alumínio pregado no vidro deslizante emoldurado para desviar o sol. Um pequeno toldo de varanda era sustentado por dois postes ocios firmemente fincados em latas de café Folgers cheias de cimento seco. [...] A clínica tinha cheiro forte de desinfetante e mau encanamento”.

<sup>247</sup> “Também em assistência médica, os mexicano-americanos permanecem quase na base da escada. Relegados toda sua vida a empregos que oferecem baixa remuneração e nenhum plano previdenciário ou benefícios de saúde, muitos vivem na pobreza, com assistência médica limitada e inferior. Aproximadamente um terço não possui seguro de saúde e não pode adquiri-lo com a renda que tem”.

<sup>248</sup> “normal, natural, and justified”

de leitura, que lhe permite decodificar as injustiças sociais embutidas na escrita que lê e no sistema social que a outremiza<sup>249</sup>. O que acontece na clínica e, logo em seguida, no estábulo sanciona esse argumento.

A enfermeira anglo que atende na clínica representa o quanto Estrella, sua família e o jovem Alejo estão posicionados economicamente distantes dos padrões hegemônicos que vigoram no contexto social em que se encontram, evidenciando também o caráter sedutor dos bens de consumo estadunidenses, simbolizados, no excerto abaixo, pelas imagens da bolsa, do carro, do batom, do perfume e do relógio. A figura da enfermeira é até mesmo discrepante com relação à precariedade do lugar em que trabalha, o que acentua mais a diferença entre a realidade dela e a daqueles indivíduos, explicitando o conceito de Rancière concernente à “parte sem parte” (2010). É pelo ponto de vista de Estrella que a enfermeira é descrita:

*A young woman emerged holding her purse and car keys. She looked both surprised and distraught. She had on a fresh coat of red lipstick, and the thick scent of carnation perfume made Estrella think she was there in the trailer all along, in the bathroom. The woman looked at her Timex wristwatch.*<sup>250</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 137)

Se a moça saudável nas embalagens de passas e o homem bochechudo no pacote vazio de aveia Quaker eram apenas figuras coloridas, nas quais Estrella já era capaz de perceber as dicotomias existentes entre seu padrão socioeconômico e o estadunidense, a enfermeira é a materialização humana dessas diferenças. É a partir dela que a consciência crítica de Estrella atinge seu grau máximo, trazendo para seu horizonte de letramento a percepção de que fatores relacionados a gênero, faixa etária, etnia, raça e classe operam conjuntamente para sua subalternização.

*[Estrella] became aware of her own appearance. Dirty face, fingernails lined with mud, her tennis shoes soiled, brown smears like coffee stains on her dress where she had cleaned her hands. The nurse's white uniform and red lipstick and flood of carnations made her even more self-conscious. It amazed Estrella that some people*

<sup>249</sup> **Outremizar**, tradução do inglês *to other*, é um termo cunhado pela crítica e teórica indiana Gayatri Spivak (1985). Recorrente no discurso pós-colonial, refere-se à prática colonial de transformar, verbal e comportamentalmente, o nativo da terra colonizada em um ser inferior, um outro, partindo-se da presunção de superioridade do sujeito metropolitano. Podemos usar o termo para referirmo-nos a essa mesma prática na contextura neocolonial, neoimperialista.

<sup>250</sup> “Uma mulher jovem saiu segurando sua bolsa e chaves do carro. Ela parecia surpresa e distraída. Ela usava uma camada recém-aplicada de batom vermelho, e o cheiro forte de cravo fez Estrella pensar que ela estava ali no trailer o tempo todo, no banheiro. A mulher olhou para seu relógio de pulso Timex”.

*never seemed to perspire while others like herself sweated gallons.*<sup>251</sup>  
(VIRAMONTES, 1995, p. 137)

Ao mesmo tempo que Estrella se dá conta da atuação sistêmica dessas forças, estas se tornam, para ela, significantes passíveis de resignificação. Em seu ensaio “A História como Trauma”, Seligmann-Silva (2000), ao escrever sobre as experiências de sonho dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas, discute a recorrência do despertar nos testemunhos dessas pessoas e enfatiza que “[o] momento do despertar constitui um momento de transição, uma passagem entre dois modelos de experienciar, uma soleira entre a vida e a morte: um limite que atravessamos todos os dias, e que nos treina na arte do delineamento e apagamento dos limites” (SELIGMANN-SILVA, 2000, p, 93). O despertar de Estrella, causado pelo choque de realidade culminado na clínica, sugere a perlaboração do trauma, a partir da transposição de pontos limítrofes, da transição realizada de um modo de vida a outro, o que a narrativa acentua em sua cena final, em que Estrella escala a corrente no estábulo e se transpõe para o telhado.

Recusando-se a aceitar os trabalhos manuais de Perfecto em troca do seu atendimento a Alejo, a enfermeira anglo exige dez dólares para prestar o serviço, mas acaba aceitando os últimos nove dólares e sete centavos da família. Ao revirar sua carteira em busca do dinheiro, Perfecto se depara com recibos de reembolso e lembretes de dívidas, que, embora se refiram à sua economia pessoal e familiar, sugerem o trauma das promessas não cumpridas do Tratado de Guadalupe Hidalgo no que tange à proteção dos direitos da população que habitava o território mexicano antes da conquista estadunidense, bem como à Lei Federal de Concessão de Terras (*Federal Land Grant Act*) de 1851, a partir da qual a população mexicano-americana ficou oficialmente destituída das terras e fazendas em que habitavam há muitos anos, saindo dos tribunais anglos somente com papéis.

A enfermeira tirara da família todo o seu dinheiro apenas para informar que Alejo precisava de um médico. Sem gasolina no carro para ir até o hospital da cidade mais próxima, Corazón, Estrella realiza a leitura que perpassa e resignifica os signos que delimitam as condições existenciais de sua comunidade étnica nos Estados Unidos, especialmente, mas não apenas, a rural.

---

<sup>251</sup> “[Estrella] tornou-se consciente da sua própria aparência. Rosto sujo, unhas riscadas de lama, seus tênis manchados, manchas marrons como nódos de café em seu vestido onde ela havia limpado as mãos. O uniforme branco da enfermeira e o batom vermelho e a enxurrada de cravos a deixaram ainda mais constrangida. Estrella ficou admirada de que algumas pessoas pareciam não suar nunca enquanto outras como ela suavam litros”.

*She remembered the tar pits. Energy money, the fossilized bones of energy matter. How bones made oil and oil made gasoline. The oil was made from their bones, and it was their bones that kept the nurse's car from not halting on some highway, kept her on her way to Daisyfield to pick up her boys at six. It was their bones that kept the air conditioning in the cars humming, that kept them moving on the long dotted line on the map. Their bones. Why couldn't the nurse see that? Estrella had figured it out: the nurse owed them as much as they owed her.*<sup>252</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 148, grifo no original)

Esse trecho nos permite entender o papel instrumental do letramento para a ressignificação do trauma cultural da população chicana. Estrella questiona não apenas a dicotomia existente entre sua condição de vida, a de sua família e comunidade e a da enfermeira, como também entre a sua e a dos filhos da enfermeira que podiam frequentar a escola. Contudo, ao fazer a correlação entre os poços de piche e os ossos do seu povo, Estrella sinaliza que a educação escolar somente se torna alavanca social a partir do momento que proporciona uma concreta conexão entre teoria e vida. Esse estágio de letramento, a que Estrella ascende apesar das privações econômicas e da ideologia hegemônica que a mantêm à margem da educação formal, é crucial para entender, resistir e ressignificar. Entretanto, não é o bastante, pois o sistema é forte demais e convenientemente omissivo para com a realidade de pessoas como ela: “Por que a enfermeira não conseguia ver isso?” A imagem dos ossos em que a narrativa insiste também metaforiza toda uma coletividade se decompondo sob a ação dessas forças dominantes. Em nossa leitura, é uma nítida alusão ao trauma cultural chicano.

Em *The Wretched of the Earth* (1963), sua obra pioneira dos estudos pós-coloniais, Fanon (2004), usando como pano de fundo o seu envolvimento na luta pela emancipação política da Argélia, na década de 1950, discute o potencial da violência nos esforços decoloniais.<sup>253</sup> Para ele:

*[d]ecolonization is the meeting of two forces, opposed to each other by their very nature...[t]heir first encounter was marked by violence and their existence together –*

<sup>252</sup> “Ela se lembrou dos poços de piche. Dinheiro de energia, os ossos fossilizados de matéria de energia. Como ossos faziam óleo e óleo faziam gasolina. O óleo era feito dos seus ossos, e era seus ossos que impediam o carro da enfermeira de parar em alguma rodovia, mantinham-na a caminho de Daisyfield para pegar seus garotos às seis. Era seus ossos que mantinham o ar condicionado nos carros zumbindo, que os mantinham em movimento na longa linha pontilhada no mapa. Os seus ossos. Por que a enfermeira não conseguia ver isso? Estrella tinha entendido: a enfermeira devia a *eles* tanto quanto eles deviam a ela”.

<sup>253</sup> O termo pode ser grafado de duas maneiras: **decolonial** ou **descolonial**. Advindo do inglês *decolonial*, refere-se à transposição da mentalidade forjada pela colonialidade e imperialismo e que permanece operante ainda hoje. A grafia sem “s” acentua a distinção que se pretende fazer do significado clássico de descolonizar, isto é, de superar/reverter/ desfazer o colonial, como se fosse possível tal façanha. Decolonizar implica **superar uma mentalidade** (a colonial) por outra (pós-colonial), sendo pressuposto básico dessa ação um(re)posicionamento contínuo que requer transgressão e insurreição. Sobre essas implicações, veja-se o estudo de WALSH (2009).

*that is to say the exploitation of the native by the settler – was carried on by dint of a great array of bayonets and cannons.*<sup>254</sup> (FANON, 2004, p. 36)

Nessa perspectiva, Fanon concebe a violência como “força purificadora”,<sup>255</sup> capaz de curar a mentalidade do sujeito colonial (2004, p. 94). Contudo, reconhecendo os efeitos negativos e perigosos da violência, como no que tange às ofensas físicas que ela pode infligir às pessoas, o autor não postula seu uso como um fim em si mesmo, mas de modo moderado e racional, enfatizando seu efeito catártico.

A atitude violenta que Estrella toma para com aquela moça perfumada de uniforme branco sintetiza a ira que seu trabalho insuportável nas vinhas lhe provocara ao tomar consciência de si própria, da sua aparência e das injustiças sofridas por ela e sua comunidade, pessoas que, diferentemente da enfermeira, derramam litros de suor e têm os ossos dilacerados para manter o sistema socioeconômico injusto funcionando. São imagens que, no contexto do romance, sugerem fortemente uma atitude de libação, na medida em que evocam uma entrega resignada de si pela vida dos outros. A violência de Estrella é moderada e racional, conforme o arazoado de Fanon, e também ecoa a narrativa evangélica da ira de Jesus ao constatar a exploração econômica no templo de Jerusalém, a qual o fez pegar o chicote e expulsar os vendilhões que corrompiam o povo e o lugar sagrado.<sup>256</sup>

Para recuperar o dinheiro e seguir com Alejo até Corazón, Estrella vai até o veículo de Perfecto e pega o pé de cabra. Explorada até o último centavo, a família já está saindo da clínica com o jovem, sem saber para onde ir e a quem recorrer agora. É quando veem Estrella com a alavanca e, extremamente assustados, a deixam passar. A garota entra novamente na clínica, estando tudo já pronto para encerrar o expediente, e enfrenta a enfermeira, conscientizando-se, ainda mais, da dicotomia econômica existente entre as duas:

*There was no turning back. But Estrella moved forward to the desk, the crowbar locked in her two fists.*

*—Give us back our money. Her heart dripped sweat. She felt the sweat puddle and dampen the soles of her feet. When the nurse looked up, **it was only then that Estrella noticed how perfect her lipstick was.***

*[...]*

*Estrella slammed the crowbar down on the desk, shattering the school pictures of the nurse’s children, sending the pencils flying to the floor, and breaking the porcelain cat with a nurse’s cap into pieces. The nurse dropped her purse, shielded her face with her hands. Estrella waited. The nurse began to cry but still had not moved.*

<sup>254</sup> “[d]ecolonização é o encontro de duas forças, opostas uma à outra por sua própria natureza...[s]eu primeiro encontro foi marcado pela violência, e sua coexistência – isto é, a exploração do nativo pelo colonizador – foi realizada por meio de uma grande variedade de baionetas e canhões”.

<sup>255</sup> “cleansing force”

<sup>256</sup> Referimo-nos à narrativa do evangelho de João 2, 13-22.

*Estrella knocked the folders which spread like cards on the floor. A lid fell and circled on the floor until it rounded to a complete stop. Estrella held out her hand, palm up.*<sup>257</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 149-150, grifo nosso)

As imagens de significantes que se desestabilizam (fotos escolares destroçadas, lápis que voam para o chão, gato de porcelana estilhaçado, pastas que se espalham e tampa que rodopia no chão), assim como a da alavanca de que Estrella se apropria e cuja utilidade redefine, acentuam a ressignificação engendrada pelo enfrentamento da garota à injustiça sistêmica que a situação na clínica epitomiza. Atônita diante da sua investida, a enfermeira pensa que está sendo assaltada, apesar de tê-la ouvido dizer: “Devolve nosso dinheiro”. Fica claro, na sequência da cena, que o ato violento de Estrella não é um fim em si mesmo e não tem o objetivo de infligir nenhum dano físico, apesar dos riscos inerentes que o uso da violência encerra, como adverte Fanon. Diferentemente da primeira ação violenta de Estrella (contra Maxine), resultante de um impulso emocional egoísta e destituído de consciência racional, a agressão à enfermeira ressalta o caráter comunitário que a consciência-ação da garota apresenta dessa vez. Não se trata de agressão, mas de *transgressão*, que assinala a metamorfose de Estrella, sua passagem de menina a mulher, da condição de um “fantasma” silenciado e assujeitado pelo obscurantismo de crenças e posturas resignadas à de sujeito autor e ressignificador da sua própria história.

*The nurse stepped forward gingerly and removed the tin box from the top drawer of the desk. She tried three different keys before one slipped into the small lock and unlocked the box and spilled the coins and dollars on the desk and backed away. Estrella counted nine dollars and seven cents. She lowered the crowbar, unable to catch a breath and showed the nurse what she had taken. She did not feel like herself holding the money. She felt like two Estrellas. One was a silent phantom who obediently marked a circle with a stick around the bungalow as the mother had requested, while the other held the crowbar and the money. The money felt wet and ugly and sweaty like the swamp between her legs.*<sup>258</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 150, grifos nossos)

<sup>257</sup> “Não havia volta. Mas Estrella seguiu em frente até a mesa, o pé de cabra travado em seus dois punhos. —Devolve nosso dinheiro. Seu coração pingava suor. Ela sentiu o suor fazer uma poça e molhar as solas dos seus pés. Quando a enfermeira olhou, foi somente aí que Estrella percebeu o quanto seu batom era perfeito. [...]

Estrella bateu o pé de cabra na mesa, estilhaçando as fotos escolares dos filhos da enfermeira, fazendo os lápis voar até o chão e quebrando o gato de porcelana com boné de enfermeira em pedaços. A enfermeira soltou sua bolsa, protegeu seu rosto com as mãos. Estrella esperou. A enfermeira começou a chorar, mas ainda não havia se mexido. Estrella derrubou as pastas que se espalharam como cartões no chão. Uma tampa caiu e ficou rodando no chão até dar uma última volta e parar. Estrella estendeu sua mão, a palma para cima”.

<sup>258</sup> “A enfermeira veio cautelosamente para frente e retirou a caixa de metal da gaveta superior da mesa. Ela tentou três chaves diferentes até uma deslizar no pequeno cadeado, e destrancou a caixa, espalhou as moedas e dólares na mesa e se afastou. Estrella contou nove dólares e sete centavos. Abaixou o pé de cabra, sem conseguir tomar fôlego, e mostrou à enfermeira o que havia pego. Não se sentia como ela mesma segurando o dinheiro. Sentia-se como duas Estrellas. Uma era um fantasma silencioso que obedientemente traçava um círculo com um graveto em volta do barraco como a mãe havia pedido, enquanto a outra segurava o pé de cabra e o dinheiro. O dinheiro parecia molhado, feio e suado como o pântano no meio das suas pernas”.

Com o dinheiro recuperado por Estrella, a família segue com Alejo até o hospital. A atitude do jovem para com a garota acentua sua alienação e conformismo e permite-nos inferir o quanto, para ele, sua condição de subalterno, apesar da consciência e da dor que nele provoca, já se encontra naturalizada, conforme o conceito de trauma de rotina. A caminho do hospital, em um estado febril avançado, ele demonstra receio de que Estrella tenha machucado a enfermeira e afirma à garota que ele não tem valor e não merece que ela o defenda, argumentando que a resistência dela seria inútil e somente tornaria mais fácil a perseguição social contra eles.

Alejo admira e teme os padrões socioeconômicos e culturais estadunidenses, que já assimilara. Por isso, é um jovem distanciado do seu povo, o que a narrativa destaca com o próprio nome que lhe dá. Em espanhol, *alejo* é a conjugação do verbo *alejar* (afastar, ficar longe), na primeira pessoa do tempo presente do modo indicativo. Afastado e, portanto, longe da possibilidade de intervir em favor da sua comunidade, Alejo adota uma atitude passiva frente ao trauma, e, seguindo a teorização de Sztompka, o seu modo de lidar com a experiência traumática se dá, também, pelo distanciamento. Deixado no hospital, em Corazón, não sabemos mais o que acontece com ele. Assim como ele, Petra e Perfecto também se encontram estáticos no final da narrativa: ela, com a estátua quebrada nas mãos; ele, com a ideia fixa de voltar para o México. Quanto à Estrella, logo que chega ao barraco, vai às pressas para o estábulo, onde confronta a corrente que pende do teto e, com movimentos que sugerem contorções de uma mulher em trabalho de parto, a escala e consegue passar pela abertura apertada, pondo-se de pé e caminhando com firmeza no telhado.

*She pulled her arms to raise her shoulders up until her feet could brace the chain better. [...] The biceps in her arms strained until she was able to wrap her legs around the chain which gave her added support. Her ears hummed. [...] She wrapped the chain between her thighs now and jerked down to raise herself up as if she were tugging on a cord of a bell. She stopped to release one hand and wipe her sweaty palm against her trousers while she hugged tight the chain against her chest with her other. [...] The intensity of the climb soaked the back of her shirt collar with sweat. [...] She waited for her eyes to become accustomed to the dark. Only after the outlines of walls and floors and ceilings surfaced, did she move toward the trapdoor. Estrella tried pushing, palms up, but the door only moaned [...] She felt around the edge of the square door to make sure there was no bolt to push out of its notch, no hook that had to be slipped out from its eye. She pressed her back like a shovel against the door and pushed up once again. Again and again until whatever resistance there was gave way to her back. She turned and pushed with her hands and the door swung open against the roof [...] Estrella stood bathed in a flood of gray light.<sup>259</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 173-175)*

<sup>259</sup> “Ela puxou os braços para elevar os ombros até seus pés poderem abraçar melhor a corrente. [...] Os bíceps dos seus braços se pressionaram até ela conseguir passar as pernas em volta da corrente, o que lhe deu mais apoio. Seus ouvidos zumbiam. [...] Ela passou a corrente por entre as coxas agora e dava solavancos para baixo para se elevar como se estivesse puxando a corda de um sino. Parava para soltar uma das mãos e enxugar a palma suada nas calças enquanto apertava firme a corrente contra o peito com a outra. [...] A intensidade da escalada encharcou



Os movimentos corporais que a narrativa utiliza para descrever a subida de Estrella dão-nos a entender que ela está sendo gerada e, ao mesmo tempo, dando à luz. Também é notável como seus trajes são descritos, assemelhando-se à indumentária tradicionalmente usada por um garoto: camisa, calças e tênis. O nome dela é também peculiar, uma vez que escapa à dicotomia existente entre masculino e feminino, isto é, não existe, na língua espanhola (nem na portuguesa), um *estrello*. São recursos que a narrativa emprega para sinalizar que ela ultrapassa fronteiras de gênero e que, à medida que (re)nasce, também gera: é o epítome de um novo começo para toda uma comunidade étnica que, a despeito do trauma cultural que marca sua história e da conscientização política despertada pelo *Movimiento*, se encontra ainda inerte, sem resistência suficiente diante das investidas contínuas e crescentes de uma sociedade que insiste em mantê-la subalterna: “Estrella permaneceu imóvel como um anjo parado no limiar da fé. Como as badaladas de sinos das grandes catedrais, ela acreditava que seu coração fosse forte o bastante para intimar para casa todos os que se desgarraram”<sup>260</sup> (VIRAMONTES, 1995, p. 176).

O movimento de escalada da corrente por Estrella sugere a perlaboração do trauma cultural chicano, acentuando o que a socióloga Margaret Archer define como “morfogênese cultural”<sup>261</sup> (ARCHER, 1986), ou seja, o potencial de esperança de uma reconstituição social. Em *Under the Feet of Jesus*, essa reconstituição, ou ressignificação, se dá por meio da capacidade de leitura, (re)apropriação e redefinição de significados histórica e culturalmente pré-estabelecidos, tidos como naturais e absolutos.

---

de suor a parte de trás da gola da sua camisa. [...] Ela esperou até seus olhos se acostumarem com a escuridão. Somente depois que os contornos de paredes, chãos e tetos surgiram é que ela se dirigiu até o alçapão. Estrella tentou empurrar, com as palmas para cima, mas a porta somente gemeu [...] Ela tateou em volta das bordas da porta quadrada para se certificar de que não havia nenhum parafuso para desenroscar, nenhum gancho para deslizar do buraco. Pressionou suas costas como uma pá contra a porta e empurrou pra cima novamente. Mais uma e outra vez até que suas costas fizessem ceder qualquer resistência que houvesse. Ela se virou e empurrou com suas mãos e a porta balançou e se abriu contra o telhado [...] Estrella ficou banhada em uma inundação cinzenta de luz”.

<sup>260</sup> “*Estrella remained as immobile as an angel standing on the verge of faith. Like the chiming bells of the great cathedrals, she believed her heart powerful enough to summon home all those who strayed.*”

<sup>261</sup> “*morphogenesis of culture*”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este trabalho com uma sucinta apresentação da literatura chicana, para melhor orientar nossa leitora e nosso leitor quanto à temática do nosso estudo. Discorremos acerca da autora Helena María Viramontes e sua obra, atentando nas especificidades contextuais em que sua produção literária emergiu e se situa. No primeiro capítulo, fizemos uma concisa exposição da história mexicano-americana e discutimos como essa história é marcada, desde a gênese, por experiências traumáticas diversas, que *Under the Feet of Jesus* retrata e questiona, utilizando, como metonímia, a população chicana rural migrante e os seus traumas relacionados à educação, à saúde e à exploração da sua força de trabalho. O segundo e o terceiro capítulos foram dedicados, respectivamente, à discussão sobre o letramento e o trauma cultural representados no romance, enfatizando como a protagonista Estrella se torna consciente e agente, alcançando um nível de letramento que lhe é negado na escola, mas que se mostra instrumental para o enfrentamento das causas e a ressignificação dos efeitos do trauma que aflige sua comunidade étnica.

Vimos, primeiramente, que o letramento apresentado pelo romance como força motriz de transformação social é uma capacidade muito além do que a simples decifração e codificação da escrita. Assim, apresentamos um contraponto entre o letramento completo (*complete literacy*), que propulsiona a consciência-agência do indivíduo, e o letramento incompleto (*incomplete literacy*), que reduz escrita e leitura a ações puramente mecânicas. Observamos como esse contraponto fica evidente quando Estrella, ainda destituída de qualquer percepção crítica, faz a leitura de uma revista em quadrinhos para Maxine, enquanto esta, mesmo analfabeta, é capaz de ler criticamente o relacionamento afetivo entre a mãe e o padrasto de Estrella, o que contribui para desestabilizar seus sentimentos e provocar sua consciência a respeito de valores familiares tradicionais.

Discutimos as causas do trauma relacionado à educação da comunidade chicana migrante: as atitudes preconceituosas das professoras, a violência física, moral e epistêmica infligida na escola e a omissão em propiciar o letramento completo. Verificamos que a competência leitora de Estrella é equiparada às funções práticas das ferramentas de marcenaria de seu padrasto, sendo essa analogia fundamental para entendermos a noção de letramento que o romance endossa. Ao ser excluída de uma educação escolar verdadeiramente humana e conscientizadora, Estrella representa toda a comunidade étnica chicana que, ao longo do tempo,

teve essa educação negada, ao mesmo tempo que expõe a falácia dos direitos inalienáveis do indivíduo que perpetuam o mito do sonho americano (*American Dream*).

Em nosso terceiro capítulo, expandimos a noção de trauma cultural, incluindo os conceitos de trauma perpétuo e de rotina. Pautando nossa leitura no estudo de Piotr Sztompka, a respeito das diferentes maneiras de se lidar com o trauma cultural, constatamos que apenas Estrella toma uma atitude ativa perante o mesmo. Detivemo-nos na carga simbólica dos nomes das personagens, percebendo o tom irônico e questionador da narrativa ao retratar a discrepância entre a personalidade e as atitudes delas e os significados implícitos em seus nomes.

Abordamos a intertextualidade do romance com a narrativa bíblica do nascimento de Jesus e vimos a relevância da imagem do estábulo para indicar a possibilidade de renascimento de Estrella e seu povo. Estrella é retratada como o epítome desse povo; seu nome, por ser de gênero neutro, rompe com a dicotomia entre masculino e feminino e, assim como a estrela de Belém indica uma divisão de épocas no mundo ocidental cristão, Estrella sinaliza uma ruptura temporal, um antes e um depois, uma esperança de novo nascimento para todos os membros da sua *raza*. Essa esperança, porém, só pode surgir com a resistência, não apenas a partir da leitura crítica da conjuntura de forças sociais que hierarquizam e dicotomizam via linguagem, mas, principalmente, expondo e desmascarando significantes e significados que atuam para a manutenção dessa hierarquia.

Nossa análise da resignificação do trauma cultural chicano em *Under the Feet of Jesus* apoia-se sobre o tripé da história, da religião e do letramento. Valendo-nos, graficamente, da imagem de um triângulo equilátero<sup>262</sup> para representar esses componentes do enredo, percebemos que, no início da narrativa, a capacidade de leitura crítica, propiciada pelo letramento, se encontra no topo do triângulo, ainda bem distante do alcance de Estrella. Na base, estão a história, com seus múltiplos traumas, e a religião, que, tal como vivenciada por Petra, estimula mais a resignação do que a resignificação. Contudo, Estrella vai adquirindo consciência e agência, a partir da percepção crítica engendrada por suas relações interpessoais (com Maxine e Perfecto, por exemplo) e pela constatação das contradições de sentido existentes entre a vida que leva e a que vê estampada nos rótulos de embalagem, chegando ao entendimento do quanto sua história é apagada na sociedade que explora sua força de trabalho e a exclui de qualquer privilégio, o que fica evidente no tratamento desumano que recebe na

---

<sup>262</sup> Agradeço à Profa. Laura Izarra por me sugerir essa analogia.

escola e na clínica. Diferentemente de Petra e Perfecto, que também, a seu modo, constataam o apagamento de sua história, Estrella não se detém resignada.

A aquisição gradual de consciência e agência de Estrella, que lhe possibilitam ressignificar o trauma, faz com que o triângulo vá, progressivamente, assumindo uma nova posição, virando de ponta-cabeça. Nesse processo de ressignificação, a história e a religião são movimentadas para o topo, o que não significa que estejam ignoradas ou longe do alcance, mas que passaram pelo filtro do letramento completo alcançado por Estrella, o qual, agora, ocupa a base do triângulo (Figura 5).

Figura 5 – O processo de ressignificação do trauma cultural de Estrella



Confirmamos, assim, nossa hipótese de que o reposicionamento de Estrella em sua conjuntura social, metaforizado no caminho seguro que ela traça sobre o telhado do estábulo, sinaliza a possibilidade de enfrentar e reconfigurar as estruturas de poder vigentes, o que só pode acontecer por meio da consciência-ação que ela adquire. No romance, o fato de somente Estrella desenvolver agência indica, na verdade, o quanto isso é possível e desejável para todos os membros da comunidade chicana. A passagem de uma fase infantil para um estágio de vida mais amadurecido, representado pela idade de transição biológica de Estrella, sinaliza a urgência de um novo amadurecimento para essa comunidade, que começou a despertar politicamente com o *Movimiento*, mas que ainda se encontra ameaçada por traumas passados e presentes.

## REFERÊNCIAS

- ACHEBE, C. *Arrow of God*. 2nd. ed. London: Penguin Books, 2016.
- ACOSTA, O. Z. *The Revolt of the Cockroach People*. San Francisco: Straight Arrow Press, 1973.
- ACUÑA, R. F. *Occupied America – a History of Chicanos*. New York: Pearson, 2015.
- ALEXANDER, J. Toward a Theory of Cultural Trauma. In: ALEXANDER, J. et al. (eds) *Cultural Trauma and Collective Identities*. Berkeley and London: University of California Press, 2004.
- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença: Martins Fontes, 1980.
- ANDERSON, G. L.; IRVINE, P. Informing Critical Literacy with Ethnography. In: LANKSHEAR, C.; McLAREN (ed.). *Critical Literacy: Politics, Praxis, and the Postmodern*. Albany: SUNY Press, 1993.
- ANZALDÚA, G. *Borderlands – La Frontera*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- ANZALDÚA, G. Como domar uma língua selvagem. Tradução de Joana P. Pinto e Karla C. dos Santos. *Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, n. 39, p. 305-318, 2009.
- APARICIO, F. R. On Sub-versive Signifiers: U.S. Latina/o Writers Tropicalize English. *American Literature*, v. 66, n. 4, p. 795-801, 1994.
- ARCHER, M. *Culture and Agency*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. *The Empire Writes Back*. 2nd. ed. London and New York: Routledge, 2002.
- BEEZLEY, W. H.; MEYER, M. C. (ed.). *The Oxford History of Mexico*. New York: Oxford University Press, 2010.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- BHABHA, H. *The Location of Culture*. 7. ed. London: Routledge, 2004.
- BLEA, I. *La Chicana and the Intersection of Race, Class, and Gender*. New York: Praeger, 1992.
- BOLFARINE, M. *Espaço e metaficção em A House for Mr. Biswas, de V. S. Naipaul*. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BRIGHENTE, M. F.; MESQUIDA, P. Paulo Freire: da denúncia da Educação Bancária ao anúncio de uma Pedagogia Libertadora. *Pro-posições*, v. 27, n. 1, p. 155-177, 2016.

CÂMARA, J. M. Considerações sôbre o Gênero em Português. In: CÂMARA, J. M.; UCHÔA, C. E. F. *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas: Serviço de Publicações, 1972. p. 115-129.

CASTILLO, A. *Massacre of the Dreamers: Essays on Xicanisma.* Nova York: Plume, 1995.

CASTILLO, D. *Talking back: toward a Latin American feminist literary criticism.* Nova York: Cornell University Press, 1992.

CASTILLO, D. A.; CÓRDOBA, M. S. T. *Border women: writing from la frontera.* Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 2002.

CÉSAIRE, A. Discourse on Colonialism. In: *Monthly Review.* New York: Monthly Review Press, 1972.

DAVIDSON, C. N. *Revolution and the Word – the Rise of the Novel in America.* Nova York: Oxford University Press, 1986.

DE LEÓN, A. *They Called Them Greasers: Anglo Attitudes Towards Mexicans in Texas, 1821-1900.* Austin: University of Texas Press, 1983.

DE OLIVEIRA, M. C. B. *Going for the Jugular: Strategies of Resistance in the Fiction of Helena María Viramontes.* 2006, 121 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa) – Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

DEL CASTILLO, R. G. *The Treaty of Guadalupe Hidalgo: a Legacy of Conflict.* Norman: University of Oklahoma Press, 1990.

DOUGLASS, F. *The Life and Times of Frederick Douglass: His Early Life as a Slave, His Escape from Bondage, and His Complete History.* Mineola: Dover Value Editions: Courier Dover Publications, 2003.

DOUGLASS, F.; JACOBS, H. *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave & Incidents in the Life of a Slave Girl.* Nova York: Penguin Random House, 2004.

ENCYCLOPEDIA OF ANTI-REVISIONISM ON-LINE. *The Struggle for Chicano Liberation - History of the Chicano People.* Disponível em: <http://www.marxists.org/history/erol/nem-8/lrs-chicano/part-1.htm>. Acesso em: 23 jun. 2019.

EYERMAN, R. Cultural Trauma: Slavery and the Formation of African American Identity. In: ALEXANDER, J. et al. (eds) *Cultural Trauma and Collective Identities.* Berkeley and London: University of California Press, 2004.

EYSTUROY, A. O.; GURPEGUI, J. A. Chicano Literature: introduction and bibliography. *American Studies International*, Kansas City, v. 28, n. 1, p. 48-82, 1990.

FANON, F. *The Wretched of the Earth.* Tradução de Richard Philcox. New York: Grove Press, 2004.

- FANON, F. *Black Skin, White Masks*. Tradução de Richard Philcox. New York: Grove Press, 2008.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: Nascimento da Prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P.; MACEDO, D. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- GADOTTI, M. *História das ideias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1993.
- GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Galeano de Freitas. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.
- GARCÍA, M. N. Social space, language, and consciousness in Helena Maria Viramontes's *Under the Feet of Jesus*. *Humaniora*, Nova York, v. 16, p. 67-77, 2004.
- GONZALES, R. C. *I am Joaquín*. 1967. Disponível em: <https://www.latinamericanstudies.org/latinos/joaquin.htm>. Acesso em: 2 jan. 2019.
- GUTIÉRREZ Y MUHS, G. (ed.). *Rebozos de Palavras – an Helena María Viramontes critical reader*. Tucson: The University of Arizona Press, 2013.
- HABIB, M. A. R. *A History of Literary Criticism and Theory: from Plato to the Present*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.
- HALL, S. Cultural identity and diaspora. In: RUTHERFORD, J. (ed.). *Identity: community, culture, difference*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.
- HARRIS, L. A. As escritoras chicanas contemporâneas: conscientização, resistência e transformação. In: BERUTTI, E. B. (ed.). *Feminismos, identidades, comparativismos: vertentes nas Literaturas de Língua Inglesa*. v. III. Rio de Janeiro: Caetés, 2005. p. 47-62.
- HARRIS, L. A. The deconstruction of cultural icons in the fiction of Sandra Cisneros and Helena María Viramontes. In: GONÇALVES, G. R. et al. (eds.). *New Challenges in Language and Literature*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p. 275-285.
- HOLMES, S. M. *Fresh Fruit, Broken Bodies: Migrant Farmworkers in the United States*. Los Angeles: University of California Press, 2013.
- HUTCHEON, L. Decentering the Postmodern: the ex-centric. In: *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. New York & London: Routledge, 1998.
- JIMÉNEZ, F. (ed.) *The Identification and Analysis of Chicano Literature*. Nova York: Bilingual Press, 1979.
- LAW OFFICES OF WITER DESIQUEIRA. *Diferenças entre os vistos H1-B, H2-B e H2-A*. 10 de fevereiro de 2019. Disponível em:

<http://www.witeradvogados.com/artigos/diferen-as-entre-os-vistos-h1-b-h2-b-e-h2-a>. Acesso em: 20 jun. 2019.

LE GOFF, J. *Enciclopédia Einaudi*. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1996.

LUCY, N. (ed.) *Postmodern Literary Theory: an Anthology*. Oxford: Blackwell, 2000.

MARKUS, H. R.; MOYA, P. M. L. *Doing Race: 21 essays for the 21<sup>st</sup> Century*. New York: W. W. Norton & Company Inc., 2010.

MARTIN, K. *Comparative Representations of Vermont Migrant Latino Farmworkers*. 2015. 129 f. Honors College Senior Thesis (Monografia de Graduação em Inglês) – University of Vermont English Department, Burlington, 2015. Disponível em: <https://scholarworks.uvm.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1095&context=hcoltheses>. Acesso em: 22 jul. 2019.

MEIER, M. S; RIBERA, F. *Mexican Americans/American Mexicans: from conquistadors to chicanos*. New York: Hill & Wang, 1993.

MEMMI, A. *Retrato do Colonizado Precedido pelo Retrato do Colonizador*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1989.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

MIGNOLO, W. *The Darker Side of the Renaissance: Literacy, Territoriality, and Colonization*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2003.

MOHANTY, S. P. *Literary Theory and the Claims of History: Postmodernism, Objectivity, Multicultural Politics*. London: Cornell University Press, 1997.

MOISÉS, M. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

MORAGA, C. La Güera. In: MORAGA, C; ANZALDÚA, G. *This Bridge Called My Back*. New York: Suny Press, 2015.

MOYA, P. M. L. Reading as a Realist. In: MOYA, P. M. L. *Learning from Experience: Minority Identities, Multicultural Struggles*. Berkeley: The University of California Press, 2002.

MOYA, P. M. L. On your Writings – from a Brazilian Student [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por osvando@iftm.edu.br em 06 dez. 2018.

MOYA, P. M. L. *The Social Imperative*. Stanford: Stanford University Press, 2016.

NAIPAUL, V. S. *A House for Mr. Biswas*. Londres: Picador, 2003.

ONWUACHI-WILLIG, A. The Trauma of the Routine: Lessons on Cultural Trauma from the Emmett Till Verdict. In: *Sociological Theory*. Berkeley, v. 34 (4), p. 335-357, 2016.



ORTEGO Y GASCA, F. Chicano Literature: Shaping the Canon. *Mexican American Studies*, Denton, [s.v.], [s.n.], p. 1-19, 2014.

ORTEGO Y GASCA, F. Prolegomenon to the Study of Mexican American Literature. *English in Texas*, Houston, v. 7, n. 4, p. 5-14, 1976.

ORTEGO Y GASCA, F. The Chicano Renaissance. *Journal of Social Casework*, Albuquerque, v. 52, p. 294-307, 1971.

PÉREZ, G. M. Barrio. In: VARGAS, D. R.; MIRABAL, N. R.; LA FOUNTIAN-STOKES, L. (ed.). *Keywords for Latina/o Studies*. New York: NYU Press, 2017.

POSSENTI, S. *Feminino*. 2011. Disponível em:  
<http://entretenimentope.terra.com.pe/Oscar/2009/interna/0,,OI4874411-EI8425.00.html>.  
 Acesso em: 2 jan. 2019.

POSSENTI, S. *Gênero?* 2009. Disponível em:  
<http://terramagazine.terra.com.br/blogdosirio/blog/2009/12/31/genero/>. Acesso em: 2 jan. 2019.

POSSENTI, S. *Questão de Gênero*. 2012. Disponível em:  
<http://cienciahoje.uol.com.br/Colunas/palavreado/questão-de-genero>. Acesso em: 2 jan. 2019.

QUINTANA, M. *Caderno H*. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

RAAT, W. D. *Mexico and the United States: ambivalent vistas*. Athens: University of Georgia Press, 1992.

RANCIÈRE, J. Ten Theses on Politics. In: *Dissensus: on Politics and Aesthetics*. New York: Continuum International Publishing Group, 2010.

RODRIGUEZ, L. J. *Always Running, la vida loca: Gang Days in L. A.* Nova York: Simon and Schuster, 1993.

RODRIGUEZ, R. *Hunger of Memory: the Education of Richard Rodriguez*. New York: Bantam Books, 1983.

SALDÍVAR, R. *Chicano Narrative: the Dialectics of Difference*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1990.

SALDÍVAR-HULL, S. *Feminism on the Border: Chicana Gender Politics and Literature*. Los Angeles: The University of California Press, 2000.

SCHMIDT, I. B. Perpetual Trauma and its Organizations: Mothers Against Drunk Driving and Drunk Driving Revisited. In: *Memory Studies*. New Haven, v. 7 (2), p. 239-253, 2014.

SELIGMANN-SILVA, M. A História como Trauma. In: NESTROVSKI, A; SELIGMANN-SILVA, M (eds). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.  
 SOYINKA, W. *Ìsarà: a Voyage around "Essay"*. Nova York: Random House, 1989.

SPINDLER, G.; SPINDLER, L. *The American Cultural Dialogue and its Transmission*. London: The Falmer Press, 1990.

SPIVAK, G. C. Can the Subaltern Speak? In: ASHCROFT, B. et al. (ed.). *The Post-colonial Studies Reader*. Londres: Routledge, 1997.

STEINBECK, J. *As vinhas da ira*. Tradução de Herbert Caro e Ernesto Vinhaes. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Best Bolso, 2016.

SZTOMPKA, P. The Trauma of Social Change: a Case of Postcommunist Societies. In: ALEXANDER, J. et al. (eds) *Cultural Trauma and Collective Identities*. Berkeley and London: University of California Press, 2004.

TATUM, C. M. *Chicano and Chicana Literature*. Tucson: The University of Arizona Press, 2006.

TRUJILLO, C. A. G. Chicano Literature: Expanding the Base of American Literature, Bibliography and Resources. In: NATIONAL CONFERENCE OF THE COMMUNITY COLLEGES HUMANITIES ASSOCIATION, 1995, Washington, D.C. *Rethinking the Humanities: the Heart and Mind of American Education*. Washington, D.C: [s.n.], 1995. p. 2-18.

ULIBARRÍ, S. R. The Word Was Made Flesh: Spanish in the Classroom. In: VALDEZ, L.; STEINER, S. (ed.). *Aztlan: an Anthology of Mexican American Literature*. Nova York: Vintage Books, 1972.

VALDEZ, L.; STEINER, S. (ed.) *Aztlan: an Anthology of Mexican American Literature*. New York: Vintage Books, 1972.

VASCONCELOS, J. *The Cosmic Race – la Raza Cósmica*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1997.

VICKROY, L. *Trauma and Survival in Contemporary Fiction*. London: University of Virginia Press, 2002.

VIGIL, J. D. *From Indians to Chicanos*. Long Grove: Waveland Press Inc., 2012.

VIRAMONTES, H. M. Faith in the Imagination – an Interview with Helena María Viramontes. In: GUTIÉRREZ Y MUHS, G. (ed.). *Rebozos de Palabras – an Helena María Viramontes Critical Reader*. Tucson: The University of Arizona Press, 2013.

VIRAMONTES, H. M. Fala proferida na Latino Spirit Awards. Los Angeles (Califórnia), 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ytKhYEC6c6Y>. Acesso em: 2 jan. 2019.

VIRAMONTES, H. M. Miss Clairol. In: HERRERA-SOBEK, M.; VIRAMONTES, H. M. (ed.). *Chicana Creativity and Criticism*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1996.

VIRAMONTES, H. M. Nopalitos: the making of fiction. In: HORNO-DELGADO, A. et al. (ed.). *Breaking Boundaries: Latina Writing and Critical Readings*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1989. p. 33-38.

VIRAMONTES, H. M. Their Dogs Came with Them by Helena María Viramontes. *Pop Matters*, 08 de jul. 2007. Disponível em: <https://www.popmatters.com/their-dogs-came-with-them-by-helena-maria-viramontes-2496230784.html>. Acesso em: 17 jul. 2019.

VIRAMONTES, H. M. *Their Dogs Came with Them*. Nova York: Atria, 2007.

VIRAMONTES, H. M. *The Moths and Other Stories*. Houston: Arte Publico Press, 1985.

VIRAMONTES, H. M. *Under the Feet of Jesus*. Nova York: Plume, 1995.

WALKOUT. Direção de Edward James Olmos. Novo México: HBO, 2006. 1 DVD (110 min.), son., color.

WALSH, C. *Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (De)coloniales de Nuestra Época*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, 2009.

WA THIONG'O, N. *Globalectics: Theory and the Politics of Knowing*. New York: Columbia University Press, 2012.

WELLS, R. A. Cesar Chavez's Protestant Allies: the California Migrant Ministry and the Farm Workers. *The Journal of Presbyterian History*, Philadelphia, v. 87, p. 5-16, 2009.

WHITE, H. *Figural Realism: Studies in the Mimesis Effect*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1999.

ZINN, H. *A People's History of the United States*. Nova York: Harper Collins, 2015.

## ANEXO I

**EXCERTOS DA CONVERSA COM A AUTORA HELENA MARÍA VIRAMONTES,  
REALIZADA, VIA SKYPE, NO DIA 9 DE SETEMBRO DE 2019<sup>263</sup>**

OMM: Penso que a história chicana é permeada pelo trauma, desde a conquista territorial oficializada pelo Tratado de Guadalupe Hidalgo. Estou escrevendo minha dissertação de mestrado sobre seu primeiro romance, *Under the Feet of Jesus*, e minha proposta é analisá-lo pela ótica do trauma cultural, percebendo como o letramento da protagonista Estrella é fundamental para que ela consiga ressignificar as experiências traumáticas que a obra retrata.

HMV: *Under the Feet of Jesus* ainda não foi lido a partir dessa perspectiva do trauma, e você tem toda razão em fazê-lo. Eu me lembro de quando trabalhava nas lavouras com meus pais e posso afirmar o quanto aquelas experiências eram traumáticas, para mim e as demais pessoas naquela situação. Eu via as crianças e adolescentes migrantes que tinham de trabalhar para ajudar no sustento da casa, como elas sofriam por não poderem simplesmente viverem sua infância e adolescência. Eram pessoas que viviam no isolamento, sem amigos fora do seu circuito familiar, o que era igualmente traumático. Toda a história chicana é, como você diz, permeada pelo trauma. Mas não só a partir da conquista do território mexicano, no século XIX. A conquista dos indígenas pelos europeus e toda a segregação de classe e raça que resultou daí são igualmente traumáticos na história do povo mexicano e chicano.

OMM: Para mim, são claras as alusões que o romance faz ao trauma. É uma obra que desperta muita empatia, de forma que acabo também vivenciando as experiências das personagens.

HMV: Quando eu estava escrevendo *Under the Feet of Jesus*, eu fiz questão de mostrar esses traumas refletidos nas dores sentidas no corpo e também na alma. Toni Morrison diz que o escritor e o leitor se inter-relacionam intimamente como se suas mentes dançassem juntas. Para mim, essa participação do leitor na construção de sentidos é fundamental, o que eu procurei sinalizar com os espaços em branco que deixei entre as passagens do romance, como se convidando o leitor para adentrar a estória e a história e perceber aí uma infinidade de sentidos

---

<sup>263</sup> Tradução nossa.

possíveis, confrontando sentidos pré-estabelecidos, questionando-os e gerando outros novos. Eu vivenciei essa dança entre escritor e leitor quando participei de uma oficina com Gabriel García Márquez, no *Sundance Institute*, onde aprendi o quanto, nessa sinergia, o leitor, em sua leitura, também se torna autor e passa a reescrever a história, sobretudo na escrita de cunho político. Eu vejo que nesse processo de escrita comum, o leitor também se torna parte da experiência do trauma da população chicana e da população latina rural migrante que *Under the Feet of Jesus* retrata.

OMM: A forma como Estrella desenvolve seu letramento na trama e o modo específico de letramento que ela adquire são, na minha opinião, a caixa de ferramentas para a ressignificação do trauma.

HMV: Com certeza, o letramento representado no romance rechaça a ideia da concepção bancária de educação que seu compatriota Paulo Freire tanto criticou. Eu também não acredito nesse tipo de educação, e posso dizer que, quando ela se processa dessa forma, se torna um grande trauma. Digo isso tendo em mente a precariedade de educação oferecida às crianças migrantes de origem mexicana, especialmente na época do Movimento Chicano, mas ainda hoje, pois a segregação étnico-racial se faz ainda tristemente presente. Para mim, é somente por meio do letramento que se pode revisitar as experiências traumáticas do passado e resistir às atuais. Mas eu aposto exatamente na forma de letramento que Estrella alcançou, que a fez adentrar e transpor os signos e gerar significados novos. É uma capacidade leitora muito superior à simples compreensão do código linguístico, pois confere à pessoa a visão e a superação das barreiras que a própria língua impõe, por meio de articulações de natureza política. Penso que é isso que você chama de ressignificação.

